



Instituto Superior de Agronomia
Universidade Técnica de Lisboa

A Agricultura Tradicional em Angola nos anos 60 do século XX

Alexandra Guillemín de Matos e Silva Neves

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Engenharia Agronómica

Orientador: Doutor Fernando Silva Oliveira Baptista

Júri:

Presidente: Doutor Raul da Fonseca Fernandes Jorge, Professor Associado do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Vogais: - Doutor Fernando Silva Oliveira Baptista, Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa;
- Doutor Carlos Manuel de Almeida Cabral, Professor Auxiliar aposentado do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Lisboa, 2010

Agradecimentos

A realização deste trabalho envolveu a ajuda de várias pessoas, às quais quero agradecer sentidamente:

- Ao Professor Fernando Oliveira Baptista, pelo apoio e incentivo constantes ao longo da realização deste trabalho;
- Ao Professor Raul Fernandes Jorge pelo apoio e pela disponibilidade demonstrados;
- Ao Professor Carlos de Almeida Cabral;
- À Ana Moreira da Silva;
- À minha família e amigos, pela amizade e apoio constantes ao longo de todos estes anos.

A todos, a minha sincera amizade.

Resumo

Nos últimos anos do período colonial Angola atinge a sua autonomia económica e financeira, devido, sobretudo após o final da Segunda Guerra Mundial, à procura de bens alimentares por parte do exterior. Torna-se num dos maiores produtores de café a nível mundial, contribuindo para a sua expansão as grandes plantações europeias que integram o sector empresarial e uma parte da população rural pertencente ao sector tradicional.

Para uma análise da agricultura tradicional de Angola nos últimos anos do período colonial – anos 60 e início dos 70 –, procedeu-se ao estudo da sua dimensão económica e à caracterização da relação das explorações com o mercado dos produtos. Esta articulação foi medida com base na produção total das explorações e na parte desta destinada ao mercado. Foram também analisados o recurso a serviços – energia, adubos e mão-de-obra assalariada –, bem como a articulação das famílias associadas às explorações com o trabalho no exterior.

Para completar a caracterização feita às explorações e, assim, tentar acompanhar os movimentos migratórios da população rural e a sua distribuição no território, analisaram-se igualmente os dados demográficos.

Para a realização deste trabalho recorreu-se à informação da Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola e aos Recenseamentos Gerais da População.

Palavras-chave: Sector tradicional, Exploração agrícola, Dimensão económica, Mercado, População rural

Abstract

During the last years of the colonial period Angola reaches its economic and financial autonomy. Such development is the result of an increasing demand on food and tropical products from foreign markets, especially after World War II.

Angola becomes one of the biggest world-wide coffee producers. Not only with the contribution of great European coffee plantations, but also, even though at smaller scale, with the contribution of local farm smallholders.

In order to display a brief analysis regarding Angola's traditional agriculture from the 60's to the early 70's, the work about to be presented intended to classify agricultural holdings concerning their economic size, as well as characterize the existing relationships between those ones and commodity markets. It seemed also relevant to display, not only information related with the use of certain services – energy, fertilizers and employed labour –, but also to determine the articulation of family members with labour market.

To complete such analysis – by understanding and follow rural population migrations and its distribution along the territory –, the demographic development has also been taken into account.

To this end, we used information compiled by the Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola and the Recenseamentos Gerais da População (Population Surveys).

Key words: Traditional agriculture; Agricultural holdings; Production; Market; Rural population

Extended abstract

First colonial period in Angola, which ended with slavery abolition, was characterized by an economy based on slave trade and ivory export.

The following period, culminating with the Independence of Angola, was marked out by the progressive construction of a national economy, however quite dependent on foreign markets. Such goal could only be achieved with major changes in the productive, social and also economic structures of rural populations. From trade farmers, rural populations quickly turned out to cash-crop farmers, increasingly dependent on monetary economy.

Angola reaches its economic and financial autonomy quite after the end of the Second World War. Such achievement was due to an intensifying demand by foreign markets on food and tropical products. The country becomes one of the biggest world-wide coffee producers. Not only with the contribution of the great European coffee plantations installed in Angolan territory, but also, even though at smaller scale, with the contribution of some local farm smallholders from the plateau regions.

By this time, agriculture in Angola was organized in two separate sectors according to the Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola (MIAA): the sector related to the European plantations (coffee, cotton, etc.) – or organized agriculture – and the traditional sector – also identified as traditional agriculture –, including almost all Angola's rural population.

The work about to be presented intended to display a brief analysis regarding Angola's traditional agriculture during the 1960 and early 70's periods of the 20th Century. With such purpose in mind, we firstly tried to illustrate the existing relationship between agricultural holdings and commodity markets. Such relation was measured taking into account the practiced activity(ies) – agriculture and/or cattle breeding –, the produced crops – food-crops and/or cash-crops – and production surplus. Secondly, we also studied different means of production used by the traditional sector, such as energy (human, animal and/or mechanical), fertilizers and employed labour. Finally, in order to complete such analysis, and then define how families related to agricultural holdings articulate with the labour market, rural populations distribution among Angolan territory where followed, as well as migrations movements. To this end, we used the information compiled by the Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola – Estatísticas Agrícolas Correntes and Recenseamentos Agrícolas – as well as the data included in the Recenseamentos Gerais da População (Population Surveys).

All the small agricultural holdings were followed. This study was mainly based on the territory division developed by the Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola, known as the “Zonagem Agrícola de Angola”. The whole territory was divided in numerous agricultural regions or “Zonas Agrícolas”, as a result of the existing ecological and agricultural conditions.

Such division – that by itself differentiates agricultural regions from agro-pastoral ones (regions that shape the “milk-complex”) –, combined with the analysis of the MIAA’s information regarding what this Institution considered being the twelve most representative cultures of the traditional sector, enabled us to distinguish several regions, based on the practice of traditional cultures as well as commercial ones. As a result, it was possible to classify Angola’s territory – in terms of production, surplus and self-sufficiency – in to coffee regions, cotton regions, manioc regions, maize regions, cattle regions, etc.

Key words: Rural population; Traditional agriculture; Agricultural holdings; Production; Market

ÍNDICE

Resumo	i
Abstract.....	ii
Extended abstract	iii
1 – Introdução	5
2 – População	8
2.1 – Evolução da população (1940, 1950, 1960 e 1970)	9
Divisão Administrativa de Angola	9
Evolução da população	10
2.2 – Densidade populacional em 1960.....	14
Evolução da densidade populacional	14
Densidade populacional em 1960	15
Densidade populacional em 1970 - estimativa	17
3 – Dimensão económica das explorações e relação com o mercado.....	18
3.1 – Dimensão económica das explorações	20
Dimensão Económica.....	20
Dimensão Física.....	20
Rendimento Bruto.....	21
3.2 – Excedente da produção	25
3.3 – Composição da produção, do excedente e do auto-provisionamento.....	28
3.3.1 – Composição da produção	28
Região do algodão	29
Região do arroz	29
Região do café	29
Região do gado bovino.....	30
Região da mandioca.....	30
Região do milho.....	30
Região do massango.....	30
3.3.2 – Composição do excedente.....	31
Região do algodão	31
Região do arroz	31
Região do café	32
Região do gado bovino.....	32
Região da mandioca.....	32
Região do milho.....	32
3.3.3 – Composição do auto-provisionamento.....	33
Região da mandioca.....	33
Região do milho.....	34
Região do massango.....	34
Região do gado bovino.....	34
Região da massambala.....	34
3.3.4 – Nota sobre a diversidade regional	35

4 – Energia, adubos e trabalho assalariado.....	38
4.1 – Energia	38
4.2 – Adubos.....	41
4.3 – Trabalho assalariado	42
5 – As famílias agrícolas e o mercado do trabalho	44
5.1 – Ocupação dos empresários	45
5.2 – Fluxos migratórios	50
6 – Agricultura Tradicional: uma perspectiva de síntese	52
6.1 – Agricultura tradicional e agricultura empresarial.....	53
6.2 – Grandes regiões	55
6.2.1 – Definição	55
6.2.2 – Produção, excedente e auto-aprovisionamento.....	58
6.2.2.1 – Produção.....	58
6.2.2.2 – Excedente	60
6.2.2.3 – Auto-aprovisionamento	62
6.2.3 – Trabalho fora da exploração	63
6.3 – Síntese.....	63
7 – Bibliografia.....	66
ANEXOS	69

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Angola. Área dos Distritos em 1940, 1950, 1960 e 1970	10
Quadro 2 - Angola. População total em 1940, 1950, 1960 e 1970	11
Quadro 3 - Angola. População urbana em 1940, 1950, 1960 e 1970	12
Quadro 4 - Angola. População rural em 1940, 1950, 1960 e 1970	13
Quadro 5 - Angola. Densidade populacional em 1940, 1950, 1960 e 1970	15
Quadro 6 - Angola. Agricultura Tradicional. Dimensão económica das explorações	24
Quadro 7 - Angola. Agricultura Tradicional. Peso do Excedente das explorações	26
Quadro 8 - Angola. Agricultura Tradicional. Energia utilizada na exploração	39
Quadro 9 - Angola. Agricultura Tradicional. Utilização de adubos na exploração	41
Quadro 10 - Angola. Agricultura Tradicional. Encargos com mão-de-obra	43
Quadro 11 - Angola. Agricultura Tradicional. Ocupação dos empresários	47
Quadro 12 - Angola. Origens e destinos da mão-de-obra rural	51
Quadro 13 - Angola. Produção das 12 principais culturas. Agricultura tradicional e empresarial	54

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1 – Zonagem Agrícola de Angola [MIAA]	8
Mapa 2 – Angola. Densidade populacional em 1960	16
Mapa 3 – Angola. Densidade populacional em 1970	17
Mapa 4 – Angola. Agricultura tradicional. Áreas de economias tradicionais	19
Mapa 5 – Angola. Agricultura Tradicional. Dimensão Económica das explorações	25
Mapa 6 – Angola. Agricultura Tradicional. Peso do excedente	27
Mapa 7 – Angola. Agricultura Tradicional. Composição da produção	29
Mapa 8 – Angola. Agricultura Tradicional. Composição do excedente	31
Mapa 9 – Angola. Agricultura Tradicional. Composição do auto-aprovisionamento	33
Mapa 10 – Angola. Agricultura Tradicional. Ligação das explorações com o mercado dos produtos	37
Mapa 11 – Angola. Agricultura Tradicional. Trabalho fora da exploração	48
Mapa 12 – Angola. Agricultura Tradicional. Gado bovino	55
Mapa 13 – Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões	56
Mapa 14 – Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões: produção	58
Mapa 15 – Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões: excedente	60
Mapa 16 – Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões: auto-aprovisionamento	62

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões. Produção: peso por cultura.....	59
Gráfico 2: Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões. Excedente: peso por cultura	61
Gráfico 3: Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões. Síntese.....	64

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Angola. População em 1940	
Anexo 2 – Angola. População em 1950	
Anexo 3 – Angola. População em 1960	
Anexo 4 – Angola. População em 1970	
Anexo 5 – Angola. Divisão Administrativa: correspondência entre 1940, 1950, 1960 e 1970	
Anexo 6 – Angola. População branca em 1940, 1950, 1960 e 1970	
Anexo 7 – Angola. Zonas Agrícolas. Determinação da população em 1970	
Anexo 8 – Angola. Correspondência entre a Zonagem Agrícola e a Divisão Administrativa. Densidade populacional de 1960 e 1970	
Anexo 9 – Angola. Agricultura tradicional. Comparação entre dimensão económica e dimensão física das explorações	
Anexo 10 – Angola. Agricultura tradicional. Comparação entre dimensão económica e rendimento bruto das explorações	
Anexo 11 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Produção disponível para comercializar (%)	
Anexo 12 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Composição da produção (%)	
Anexo 13 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Composição do excedente (%)	
Anexo 14 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Composição do auto-aprovisionamento (%)	
Anexo 15 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso de cada região na produção de cada actividade (%)	
Anexo 16 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso de cada região no excedente de cada actividade (%)	
Anexo 17 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso da produção	
Anexo 18 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso do excedente	
Anexo 19 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso da população em 1960 e 1970	
Anexo 20 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Trabalho fora da exploração	
Anexo 21 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Síntese	

1 – Introdução

O primeiro período colonial em Angola caracterizou-se por uma economia essencialmente assente no tráfico de escravos, bem como na exportação de marfim. O seu final, marcado pela abolição efectiva da escravatura nos anos 50 do século XIX¹, pôs termo à principal ligação comercial da então colónia com o exterior².

O segundo período colonial foi assinalado pela construção progressiva de uma economia nacional, no entanto, fortemente dependente dos mercados exteriores. A ilustrar a referida dependência tem-se o exemplo da produção de borracha que, após ter atingido o seu auge em 1912, sofre logo de seguida uma queda brusca dos preços praticados no mercado internacional, com sérias repercussões na economia³.

Tal objectivo foi apenas alcançado à custa de profundas alterações nas estruturas produtivas (e não só) das sociedades tradicionais, induzindo a que as populações rurais se encontrassem, cada vez mais, dependentes de uma economia monetária⁴.

Angola atinge, tal como refere Wheeler (2009), a sua “autonomia económica e financeira” no período que decorre do fim da Segunda Guerra Mundial – com a procura de novos produtos por parte do exterior –, tornando-se numa autêntica “economia de café”. Contribuíram para a expansão da cultura do café não só as grandes plantações – empresas europeias, muitas de origem portuguesa –, como também, embora em menor proporção, pequenos agricultores que compõem grande parte da população rural de Angola.

O trabalho aqui apresentado apoia-se nos resultados das operações de reconhecimento e dos inquéritos agrícolas levados a cabo pela Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola (MIAA)⁵ e em que se definem dois sectores para a agricultura angolana. O sector empresarial, correspondendo essencialmente à exploração agrícola europeia – agricultura organizada – na qual era praticada uma cultura de plantação, mas do qual faziam também parte, em algumas regiões, sobretudo nas zonas planálticas, produtores de menor dimensão organizados em função do mercado e recorrendo a tecnologia moderna. O outro sector, sector tradicional, representava a agricultura camponesa – designada num Boletim

¹ A abolição do tráfico de escravos africanos foi levada a cabo de forma gradual entre 1810 e 1836 (Wheeler, 2009) tendo sido legislada em 1837 (Valério, 1994). No entanto, decorreram vários anos até deixar de ser praticado de facto.

² A maior ligação de Angola com o mercado internacional prendia-se com a exportação de escravos para as fazendas do Brasil.

³ Ver, por exemplo, Valério (1994) e Pössinger (1986).

⁴ A este propósito ler Pössinger (1986), sobre a transformação da sociedade umbundu, com a sua passagem de povo caçador, agricultor e recolector à prática de uma agricultura de comércio.

⁵ Devido ao compromisso assumido por Portugal em integrar o Recenseamento Mundial de Agricultura da FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations) foi criada, em Outubro de 1959, a Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola a fim de assegurar “as operações de reconhecimento e inquéritos agrícolas, quer da agricultura organizada (dos europeus) quer da agricultura tradicional (camponesa)” (Neto, 2000).

Geral do Ultramar (1960) por agricultura itinerante⁶ – praticada pela esmagadora maioria da população angolana. O seu principal objectivo prendia-se com a produção de bens alimentares para o consumo das famílias, mas também, com frequência, com o escoamento de algum excedente para o mercado.

No âmbito do presente trabalho procurou-se fazer uma apresentação da agricultura tradicional em Angola durante os últimos anos do período colonial. Procedeu-se a uma análise relativamente à dimensão das explorações, à integração das populações camponesas no mercado dos produtos e, também, às diferentes formas de energia utilizada nas explorações e ao recurso a trabalho assalariado. Analisou-se igualmente a relação das famílias associadas às explorações com o trabalho no exterior. Para o efeito, foram estudadas as explorações agrícolas existentes nas diversas zonas agrícolas que compõem o território angolano, definidas na zonagem agrícola efectuada pela MIAA⁷.

Como introdução ao estudo das explorações do sector tradicional, analisou-se a população residente e rural, esta última representando *grosso modo* a população camponesa de Angola. Esta análise permitiu igualmente acompanhar a distribuição da população no território, o que se julgou importante para a compreensão dos movimentos migratórios ocorridos durante o período em análise.

Para o estudo da população – que se pode acompanhar no ponto 2 – utilizou-se a informação contida nos Recenseamentos Gerais da População e nos Anuários Estatísticos⁸. Acompanhou-se a evolução da população entre 1940-70. Em relação aos dados de 1960, analisou-se a densidade populacional, não só ao nível da divisão administrativa, mas também ao nível das zonas agrícolas. Estimou-se ainda, para as diferentes zonas, a densidade populacional para 1970. Para que esta informação relativa à população pudesse ter uma visibilidade mais actual, fez-se uma correspondência entre as zonas agrícolas e a divisão administrativa actual.

No que se refere ao estudo da dimensão económica das explorações e da sua articulação com o mercado dos produtos, classificaram-se, numa primeira fase, as diferentes zonas agrícolas consoante a dimensão económica média e o excedente das explorações – como se pode verificar no ponto 3. Essa mesma relação foi ainda determinada consoante o

⁶ Com base no Boletim Geral do Ultramar (1960), da agricultura organizada faziam parte não só “grandes agricultores” – companhias ou sociedades anónimas – que se dedicavam à exploração das grandes culturas tropicais (cana sacarina, palmar, sisal, café e cacau) e que recorriam, na sua grande maioria, ao trabalho mecanizado, mas também “pequenos agricultores” – população rural das zonas planálticas – que, por sua vez, se dedicavam a culturas de menor valor acrescentado (cereais, feijão, batata, tabaco). A agricultura itinerante, que representava a quase totalidade da população, era constituída por “cultivadores” – com recurso aos métodos ancestrais – e “agricultores”, estes últimos já utilizando a enxada europeia e a tracção animal na mobilização do solo.

⁷ Em 1962, a Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola (MIAA) procedeu à Zonagem Agrícola do território angolano baseando-se, para o efeito, em critérios ecológicos e de economia rural (Silva, 2003). Num primeiro esboço foram delimitadas 36 Zonas Agrícolas (Carvalho, 1963). Posteriormente algumas destas zonas foram agrupadas obtendo-se, no final, uma zonagem com 32 Zonas Agrícolas (Diniz, 1973).

⁸ Foram utilizadas as seguintes publicações: *Censo Geral da População*, de 1940; *II Recenseamento Geral da População*, de 1950; *3º Recenseamento Geral da População*, de 1960; *Anuário Estatístico de Angola*, de 1940-43; *Anuário Estatístico*, de 1950-51; *Anuário Estatístico*, de 1960 e *Anuário Estatístico*, de 1970.

tipo de produto(s) destinado(s) ao mercado. Para o efeito recorreu-se ao estudo da composição da produção e do excedente, mas também do auto-aprovisionamento. Relativamente ao recurso por parte das explorações a meios de produção – como se mostra no ponto 4 –, dada a informação que se encontrava disponível ao nível das diferentes zonas agrícolas, analisaram-se as explorações em função das formas de energia utilizada e dos encargos que os seus empresários (ou chefes de família) pudessem ter com mão-de-obra assalariada. Para a articulação com o exterior – apresentada no ponto 5 – estudou-se a relação das famílias com o mercado de trabalho, consoante o tipo de ocupação do empresário e o tipo de migrações ocorridas.

No último ponto do trabalho estabelece-se, recorrendo à informação disponível nas Estatísticas Agrícolas, uma comparação entre a agricultura tradicional e a agricultura empresarial, e apresenta-se uma perspectiva de síntese das análises anteriores agrupando as zonas agrícolas em três grandes regiões de agricultura tradicional.

Com excepção do ponto relativo à população – ponto 2 – recorreu-se à informação compilada pela MIAA durante a década de 60 – Recenseamentos Gerais Agrícolas de Angola⁹ – e início da de 70 – Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola¹⁰.

Para facilitar o acompanhamento da informação tratada neste trabalho introduziu-se o mapa com a zonagem agrícola de Angola (Mapa 1), que se pode ler na página seguinte.

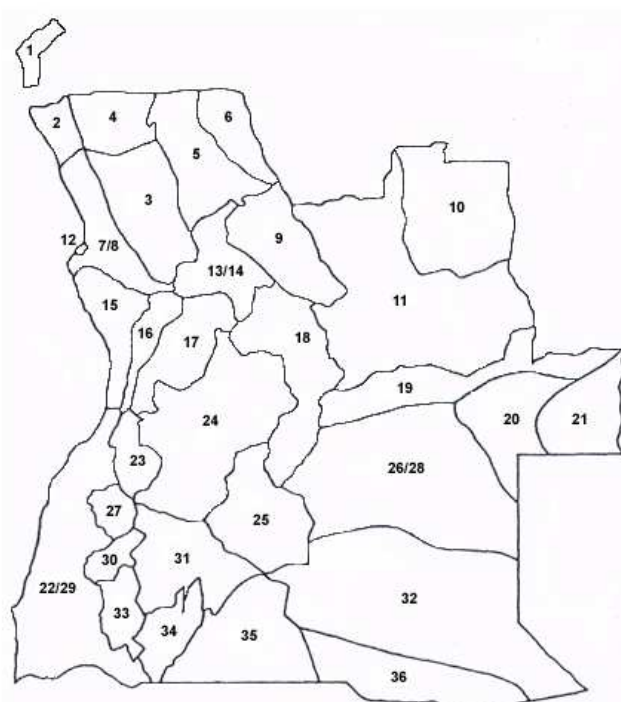
⁹ De um total de 27 volumes publicados – cada volume constituído por duas partes, uma relativa ao sector tradicional e outra ao empresarial – (Heimer, 1973) foi possível obter informação para as seguintes Zonas Agrícolas:

Agricultura Tradicional (total de 19 zonas): Nº 1 Cabinda (1963-64), Nº 7/8 Litoral de Luanda (1964-65), Nº 9 Baixa de Cassanje (1964-65), Nº 10 Nordeste de Lunda (1967-68), Nº 13/14 Planalto de Malanje (1963-64), Nº 15 Litoral a Sul do Cuanza (1967-68), Nº 16 Libolo-Amboim (1965-66), Nº 17 Transição do Centro-Noroeste (1964-65), Nº 18 Alto Cuanza (1965-66), Nº 22/29 Litoral-Sul (1967-68), Nº 23 Transição do Centro-Oeste (1963-64), Nº 24 Planalto Central (1964-65), Nº 25 Ganguelas (1964-65), Nº 27 Quilengues (1964-65), Nº 30 Terras Altas da Huíla (1964), Nº 31 Transição do Centro-Sul (1967-68), Nº 33 Gambos (1964-65), Nº 34 Baixo Cunene (1964-65), Nº 35 Cuanhama (1965-66).

Agricultura Empresarial (total de 15 zonas em 11 volumes): Nº 1 (1963-64), Nº 7/8 (1964-65), Nº 9/18/25 (1964-65-67-68), Nº 13/14 (1963-64), Nº 16 (1963), Nº 17 (1962-63), Nº 22/29 (1968-69), Nº 24 (1967-68), Nº 27 (1964-65), Nº 30 (1964), Nº 33/34/35 (1968-69).

¹⁰ Teve-se acesso a duas publicações, uma referente ao ano agrícola de 1969-70 e a outra referente ao de 1970-71. Recorreu-se essencialmente à segunda publicação.

Mapa 1 – Zonagem Agrícola de Angola [MIAA]



Zonas Agrícolas

1 - Cabinda	13/14 - Planalto de Malanje	25 - Ganguelas
2 - Litoral-Norte	15 - Litoral-Sul do Cuanza	26/28 - Bundas e Luchazes
3 - Cafeicola Dembys-Uíge	16 - Libolo-Amboim	27 - Quilengues
4 - Subplanalto do Congo	17 - Transição Centro-Nordeste	30 - Terras Altas da Huila
5 - Planalto do Congo	18 - Alto Cuanza	31 - Transição Centro-Sul
6 - Cuango	19 - Influência do C.F.B.-Leste	32 - Cuando-Cubango
7/8 - Litoral de Luanda	20 - Anharas do Moxico	33 - Gambos
9 - Baixa de Cassanje	21 - Alto Zambeze	34 - Baixo Cunene
10 - Nordeste da Lunda	22/29 - Litoral-Sul	35 - Cuanhama
11 - Lunda	23 - Transição Centro-Oeste	36 - Baixo Cubango
12 - Suburbana de Luanda	24 - Planalto Central	

Fonte: Diniz, 1973.

2 – População

Dada a própria definição de agricultura tradicional, ou agricultura camponesa – praticada pela população rural, que constitui a grande maioria da população angolana –, pareceu essencial abordar o tema da população.

O tratamento da informação recolhida permitiu, não só analisar a evolução da população em Angola durante o período que decorre de 1940 a 1970 – com particular ênfase nos anos de 1960 e 1970 –, mas também ficar com uma ideia geral relativamente aos movimentos da população e à sua distribuição pelo território angolano, por um lado, e,

por outro, aos vários pontos de fixação da população europeia. Informação essa que se julgou de certa forma relevante não só para o estudo da agricultura tradicional, mas também para a abordagem, ainda que muito ténue, da agricultura empresarial e da relação entre ambos os sectores que caracterizam a agricultura em Angola durante os últimos anos do período colonial. No que se refere aos movimentos migratórios da população rural, o seu estudo mais aprofundado pode ser acompanhado no ponto 5, como anteriormente referido.

Para a análise da população recorreu-se aos três primeiros Recenseamentos Gerais da População de Angola – 1940, 1950 e 1960 –, bem como aos Anuários Estatísticos de Angola para os anos de 1940, 1950, 1960 e 1970. Foram utilizados dois critérios no tratamento da informação, um baseado na Divisão Administrativa (posto administrativo, concelho e distrito), e o outro na Zonagem Agrícola de Angola.

2.1 – Evolução da população (1940, 1950, 1960 e 1970)

Devido à falta de informação encontrada para 1970 ao nível do concelho, a evolução da população entre 1940 e 1970 foi determinada apenas ao nível do distrito. Contudo, os dados relativos à população podem ser observados de forma mais detalhada em anexo (Anexos 1, 2, 3 e 4).

Divisão Administrativa de Angola

O quadro que se segue (Quadro 1) foi introduzido para evidenciar que as diferentes alterações que se foram fazendo sentir na Divisão Administrativa de Angola podem influenciar a interpretação, quando analisada a evolução da população de forma mais pormenorizada. Estas alterações, como se pode ver no Quadro 1, ocorreram sobretudo entre 1940-50 e 1950-60.

No primeiro caso, devido ao aparecimento em 1950 do Distrito do Uíge na Província do Congo que, juntamente com Cabinda e Luanda constituíam, em 1940, a Província de Luanda. Mas também por causa da introdução, na Província do Bié, do Distrito do Cuando-Cubango às custas dos outros dois distritos. Situação semelhante verificada na Província da Huíla com o Distrito do Cunene. Entre 1950 e 1960 as maiores alterações fazem-se sentir ao nível da Província do Congo e de Luanda. O Distrito do Congo deixa de existir, sendo a sua área repartida entre os Distritos do Zaire, Uíge e, sobretudo, Luanda. Mesmo caso para o Cunene, que passa a ser integrado no Distrito da Huíla (Ver, também, Anexo 5).

Rela (1969) refere, a propósito das alterações na Divisão Administrativa entre 1950 e 1960, que a circunscrição da Macocola foi constituída “à custa do Cuango e do Pombo”; os concelhos do Uíge, Negage e Alto Cauale “foram buscar os seus territórios, não a um mas a

vários concelhos limítrofes”; o de Quiculungo foi criado através do concelho do Cazengo; o de Cacuso formou-se a partir do de Malanje; o da Cela do do Amboim; o de Chinguar do do Bié; os de Vila Nova e Bela Vista a partir do Huambo.

Quadro 1 - Angola. Área dos Distritos em 1940, 1950, 1960 e 1970

1940			1950			1960		1970	
Provincia	Distrito	Área (Km ²)	Provincia	Distrito	Área (Km ²)	Distrito	Área (Km ²)	Distrito	Área (Km ²)
Luanda	Cabinda	7.200		Cabinda	7.270	Cabinda	7.270	Cabinda	7.270
Luanda	Zaire	27.000	Congo	Zaire	27.130	Zaire	40.130	Zaire	40.130
Luanda	Congo	65.000	Congo	Congo	44.740				
			Congo	Uíge	52.770	Uíge	55.818	Uíge	55.818
Luanda	Luanda	45.360		Luanda	1.550	Luanda	33.789	Luanda	33.789
Luanda	Cuanza Norte	24.750	Congo	Cuanza Norte	32.200	Cuanza-Norte	27.106	Cuanza-Norte	27.106
Malange	Malange	99.370	Malange	Malange	105.210	Malanje	101.028	Malanje	101.028
Malange	Lunda	167.900	Malange	Lunda	166.880	Lunda	167.786	Lunda	167.786
Benguela	Cuanza Sul	62.120	Benguela	Cuanza Sul	62.550	Cuanza-Sul	59.269	Cuanza-Sul	59.269
Benguela	Benguela	39.340	Benguela	Benguela	38.960	Benguela	37.808	Benguela	37.808
Benguela	Huambo	30.780	Benguela	Huambo	30.600	Huambo	30.667	Huambo	30.667
Bié	Bié	197.350	Bié	Bié	62.150	Bié	71.870	Bié	71.870
Bié	Moxico	262.000	Bié	Moxico	198.790	Moxico	199.786	Moxico	199.786
			Bié	Cuando Cubango	192.730	Cuando Cubango	192.079	Cuando Cubango	192.079
Huíla	Moçâmedes	58.500	Huíla	Moçâmedes	34.340	Moçâmedes	55.946	Moçâmedes	55.946
			Huíla	Cunene	106.020				
Huíla	Huíla	160.030	Huíla	Huíla	82.810	Huíla	166.348	Huíla	166.348
Angola		1.246.700	Angola		1.246.700	Angola	1.246.700	Angola	1.246.700

Nota: quadro elaborado com base na informação contida nos Anexos 1, 2, 3 e 4.

Evolução da população

No seguimento do que se acaba de referir, a análise do Quadro 2 permite afirmar que, entre 1940-50, as grandes variações negativas em relação à população total podem ser explicadas, de um modo geral, pelas alterações que se fizeram sentir ao nível da Divisão Administrativa.

Do mesmo modo, verifica-se que os grandes aumentos ocorridos entre o decénio 1950-60 podem ser observados, como se previa, nos Distritos do Zaire, de Luanda e da Huíla.

Quadro 2 - Angola. População total em 1940, 1950, 1960 e 1970

Distrito	População total				Variação da população			
	1940	1950	1960	1970	40/50	50/60	50/60 ⁽¹⁾	60/70
	(Nº)				(%)			
Cabinda	46.284	50.506	58.547	80.857	9,1	15,9	15,9	38,1
Zaire	45.213	44.457	103.906	41.766	-1,7	133,7	14,6	-59,8
Congo	317.105	224.077			-29,3			
Uíge		292.705	399.412	386.037		36,5	29,1	-3,3
Luanda	208.306	164.340	346.763	560.589	-21,1	111,0	23,1	61,7
Cuanza-Norte	170.413	172.828	263.051	298.062	1,4	52,2	21,5	13,3
Malanje	435.365	444.863	451.849	558.630	2,2	1,6	-2,4	23,6
Lunda	243.408	266.087	247.273	302.538	9,3	-7,1	-7,1	22,3
Cuanza-Sul	289.082	330.190	404.650	458.592	14,2	22,6	36,4	13,3
Benguela	257.647	328.765	487.873	474.897	27,6	48,4	48,4	-2,7
Huambo	553.817	567.062	597.332	837.627	2,4	5,3	5,3	40,2
Bié	414.690	366.471	452.697	650.337	-11,6	23,5	18,5	43,7
Moxico	286.253	251.675	266.449	213.119	-12,1	5,9	5,9	-20,0
Cuando Cubango		92.695	113.034	112.073		21,9	21,9	-0,9
Moçâmedes	34.808	44.940	43.004	53.058	29,1	-4,3	-4,3	23,4
Cunene		127.197						
Huíla	438.396	376.408	594.609	644.864	-14,1	58,0	18,1	8,5
Angola	3.740.787	4.145.266	4.830.449	5.673.046	10,8	16,5	16,5	17,4

(1) Foi possível obter, apenas para a variação entre 1950-60, a evolução da população uma vez equiparadas as áreas dos distritos.

Nota: quadro elaborado com base na informação contida nos Anexos 1, 2, 3 e 4 e no 3º Recenseamento Geral da População, de 1960.

No entanto, ao avaliar a variação da população entre 1950-60, uma vez equiparadas as áreas dos distritos – que se pode acompanhar no terceiro censo da população – tem-se uma ideia mais concreta acerca dessa evolução. Assim, os distritos para os quais se observa um maior incremento da população são os de Benguela, Cuanza-Sul – apesar de uma diminuição em área de 3% e 5%, respectivamente – e Uíge. Mencionam-se igualmente os distritos da Lunda, Malanje e Moçâmedes, para os quais se verificou um decréscimo da população, salientado que a área deste último distrito sofreu uma redução de 63%¹¹.

Na origem destas flutuações estão, ainda segundo o terceiro recenseamento, os “movimentos migratórios das populações autóctones”. No entanto, não se deve deixar de mencionar – no que se refere aos acréscimos sentidos – que o aumento da população branca registado deve também, de certa forma, ser tido em consideração (Ver Anexo 6).

Para o período 1960-70 os maiores aumentos assinalados devem-se aos Distritos de Luanda, Bié, Huambo e Cabinda. Para cinco distritos observa-se uma evolução negativa, em particular o Zaire e Moxico. Em termos globais, a população de Angola foi sempre

¹¹ Em relação ao Distrito de Malanje, com uma quebra de população entre 1950-60 da ordem dos 2% (CIDAC, 1980), tal variação negativa deve-se à fuga de camponeses ao sistema de cultivo imposto pela Companhia Geral dos Algodões de Angola (COTONANG). Os agricultores eram obrigados a cultivar o algodão e a vendê-lo a preços estabelecidos pela empresa, geralmente inferiores aos praticados nos mercados. Numa tentativa de escapar a esta imposição, alguns deslocavam-se até ao Congo Belga, ou então até ao Distrito da Lunda, em direcção às minas da Companhia de Diamantes de Angola (DIAMANG). Em 1961 esta situação acabaria por resultar numa revolta, a revolta da Baixa de Cassanje. (Ver Wheeler, 2009 e, também, Pacheco, 1991).

aumentando, não só em valor absoluto mas também a taxas crescentes, quando analisada a sua evolução entre decénios.

Pela análise do Quadro 3 constata-se que a população urbana foi sempre evoluindo, ganhando, de forma gradual mas visível, peso no conjunto da população. Destacam-se, com maiores percentagens de população urbana em 1970, os Distritos de Luanda, Moçâmedes, Benguela e, também, Cabinda. Em valores absolutos, no entanto, os distritos com maior número de população urbana são: Luanda, Benguela, Huambo, Bié, Cuanza-Sul e Huíla.

Quadro 3 - Angola. População urbana em 1940, 1950, 1960 e 1970

Distrito	População urbana (2000 habitantes ou mais)							
	1940		1950		1960		1970 ⁽¹⁾	
	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)
Cabinda	0	0,0	0	0,0	4.635	7,9	21.124	26,1
Zaire	0	0,0	0	0,0	3.525	3,4	0	0,0
Congo	2.965	0,9	0	0,0				
Uíge			0	0,0	6.251	1,6	11.972	3,1
Luanda	71.914	34,5	141.647	86,2	224.540	64,8	475.328	84,8
Cuanza-Norte	5.488	3,2	0	0,0	18.571	7,1	0	0,0
Malanje	7.336	1,7	9.473	2,1	19.271	4,3	31.599	5,7
Lunda	14.449	5,9	0	0,0	3.092	1,3	12.901	4,3
Cuanza-Sul	7.759	2,7	0	0,0	27.881	6,9	0	0,0
Benguela	27.835	10,8	38.587	11,7	92.590	19,0	109.734	23,1
Huambo	30.086	5,4	28.296	5,0	38.745	6,5	61.885	7,4
Bié	9.689	2,3	8.840	2,4	28.348	6,3	18.941	2,9
Moxico	5.033	1,8	0	0,0	3.777	1,4	0	0,0
Cuando Cubango			0	0,0	0	0,0	0	0,0
Moçâmedes	7.800	22,4	8.576	19,1	13.906	32,3	20.311	38,3
Cunene			0	0,0				
Huíla	13.372	3,1	11.654	3,1	27.411	4,6	31.647	4,9
Angola	203.726	5,4	247.073	6,0	512.543	10,6	847.155	14,9

(1) O somatório dos valores parciais não corresponde ao total de Angola. Esta diferença deve-se à população urbana residente em cidades que não foram especificadas na informação disponível, num total de 51.713 habitantes.

Nota: quadro elaborado com base na informação contida nos Anexos 1, 2, 3 e 4.

Relativamente à informação de 1970, não se pode deixar de referir que apenas se obtiveram os valores para algumas das principais cidades, ficando de lado 51.713 habitantes residentes em núcleos urbanos os quais não foi possível identificar. Esta limitação não só impediu que se apurasse a evolução da população urbana nos Distritos do Zaire, Cuanza-Norte, Cuanza-Sul e Moxico, como também levou a que noutros distritos esta mesma variação pudesse estar incompleta.

Em termos gerais, entre 1940 e 1970, a população urbana de Angola, que no início deste período representava apenas 5% da população total, sofreu uma evolução de aproximadamente 316%, passando a equivaler a 15% da população do país no final deste período. Só Luanda concentrava nesse ano 56% do total da população urbana.

Por sua vez, a população rural foi forçosamente diminuindo ao longo do tempo, não deixando, no entanto, de continuar a representar a grande maioria da população de Angola (Quadro 4). À excepção de Luanda, único distrito marcadamente urbano. De notar apenas que no final deste período provavelmente o Cuando-Cubango fosse ainda o único distrito com uma população totalmente rural.

Quadro 4 - Angola. População rural em 1940, 1950, 1960 e 1970

Distrito	População rural							
	1940		1950		1960		1970	
	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)
Cabinda	46.284	100,0	50.506	100,0	53.912	92,1	59.733	73,9
Zaire	45.213	100,0	44.457	100,0	100.381	96,6	41.766	100,0
Congo	314.140	99,1	224.077	100,0				
Uíge			292.705	100,0	393.161	98,4	374.065	96,9
Luanda	136.392	65,5	22.693	13,8	122.223	35,2	85.261	15,2
Cuanza-Norte	164.925	96,8	172.828	100,0	244.480	92,9	298.062	100,0
Malanje	428.029	98,3	435.390	97,9	432.578	95,7	527.031	94,3
Lunda	228.959	94,1	266.087	100,0	244.181	98,7	289.637	95,7
Cuanza-Sul	281.323	97,3	330.190	100,0	376.769	93,1	458.592	100,0
Benguela	229.812	89,2	290.178	88,3	395.283	81,0	365.163	76,9
Huambo	523.731	94,6	538.766	95,0	558.587	93,5	775.742	92,6
Bié	405.001	97,7	357.631	97,6	424.349	93,7	631.396	97,1
Moxico	281.220	98,2	251.675	100,0	262.672	98,6	213.119	100,0
Quando Cubango			92.695	100,0	113.034	100,0	112.073	100,0
Moçâmedes	27.008	77,6	36.364	80,9	29.098	67,7	32.747	61,7
Cunene			127.197	100,0				
Huíla	425.024	96,9	364.754	96,9	567.198	95,4	613.217	95,1
Angola	3.537.061	94,6	3.898.193	94,0	4.317.906	89,4	4.825.891	85,1

Nota: quadro elaborado com base na informação contida nos Anexos 1, 2, 3 e 4.

Observando em simultâneo os resultados que se encontram no Anexo 6, verifica-se que, regra geral, a população branca de Angola se concentra mais nos distritos com um maior número de população urbana. Segundo Redinha (1972), a concentração dos europeus fazia sentir-se “nas zonas urbanas e seus subúrbios, e nos centros agrícolas e mineiros”.

Ainda a propósito da instalação da população branca nos centros agrícolas, Wheeler (2009) menciona uma maior fixação nas zonas das plantações de café, “zonas onde havia uma maior incidência das práticas de trabalho forçado e onde os agricultores africanos se encontravam sob pressão”. Concretamente, nos Distritos do Cuanza-Norte, de Luanda, do Uíge, do Zaire, de Cabinda e, também, de Benguela.

Na região localizada mais a Sul do país – que Cruz (1963) identifica como “complexo do leite” e Silva (2003) como “universo agro-pastoril” –, a presença europeia foi-se concentrando essencialmente em três pontos: Moçâmedes, com base na sua actividade

piscatória e na sua horticultura; Benguela e Lobito, devido às suas actividades industriais e comerciais mas, também, à pesca e agricultura de plantação, como acima referido, e, finalmente, o Planalto da Huíla, essencialmente por causa das actividades industriais aí desenvolvidas.

Em comparação com o universo agrícola¹², o impacto resultante da colonização europeia no universo agro-pastoril foi menor, dado que o primeiro apresentava condições ecológicas mais favoráveis a uma agricultura de plantação; maior densidade demográfica autóctone e, por conseguinte, maior disponibilidade em mão-de-obra; e maiores possibilidades de comércio.

2.2 – Densidade populacional em 1960

A densidade populacional foi tratada de duas formas distintas. A primeira prende-se com a evolução da densidade populacional ao nível dos distritos entre 1940-70. A segunda diz respeito à densidade populacional calculada para as diferentes zonas agrícolas. Para o efeito utilizaram-se os dados de 1960, uma vez que para 1970 só foi possível, como já foi anteriormente mencionado, obter informação ao nível do distrito. A correspondência entre a Divisão Administrativa e a Zonagem Agrícola foi feita com base no Recenseamento Geral da População de 1960 e em Diniz (1973)¹³.

Não obstante a falta de dados, procurou-se determinar a densidade populacional em 1970 ao nível das zonas agrícolas, a fim de se apurar a sua possível evolução. Salienta-se desde já o facto do critério adoptado ser pouco rigoroso, tratando-se apenas de uma mera tentativa de aproximação (Ver Anexo 7).

Evolução da densidade populacional

Pelas razões expostas, em relação às alterações ocorridas ao nível da Divisão Administrativa, optou-se por atribuir maior atenção à evolução da densidade populacional entre 1960 e 1970, cuja informação se pode ler no Quadro 5.

Pela análise do quadro, constata-se que a densidade populacional de Angola foi aumentando desde 1940. Como se pode ver, no entanto, a população angolana distribui-se de forma muito heterogénea no território. Assim, podemos encontrar, por um lado, distritos muito pouco povoados – Cuando-Cubango, Moçâmedes, Moxico, Lunda e Zaire –, e, por

¹² Sendo a região do complexo do leite correspondente ao universo agro-pastoril, o resto do território angolano equivale, assim, ao universo agrícola. Para mais informação, ver Silva (2003).

¹³ Sempre que surgiram dúvidas relativamente à inserção de algum posto administrativo numa zona, recorreu-se ao mapa rodoviário da Junta Autónoma das Estradas de Angola (JAEA, 1967).

outro, distritos mais densamente povoados. É o caso dos Distritos do Huambo, Luanda, Benguela, Cuanza-Norte e Cabinda.

Entre 1960 e 1970 os maiores aumentos registados dizem respeito aos seguintes distritos: Luanda (+61%), Bié (+43%), Huambo (+40%), Cabinda (+37%) e Malanje (+22%). Verifica-se, no entanto, que em quatro distritos ocorreu uma diminuição da densidade populacional, de entre os quais se destacam dois: Zaire (-62%) e Moxico (-15%). Estas alterações devem-se a movimentos migratórios, cuja explicação se apresenta mais adiante, no ponto 5.

Quadro 5 - Angola. Densidade populacional em 1940, 1950, 1960 e 1970

Distrito	Densidade populacional (hab./Km ²)											
	1940			1950			1960			1970		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
Cabinda	6,4	0,0	6,4	6,9	0,0	6,9	8,1	0,6	7,4	11,1	2,9	8,2
Zaire	1,7	0,0	1,7	1,6	0,0	1,6	2,6	0,1	2,5	1,0	0,0	1,0
Congo	4,9	0,0	4,8	5,0	0,0	5,0						
Uíge				5,5	0,0	5,5	7,2	0,1	7,0	6,9	0,2	6,7
Luanda	4,6	1,6	3,0	106,0	91,4	14,6	10,3	6,6	3,6	16,6	14,1	2,5
Cuanza-Norte	6,9	0,2	6,7	5,4	0,0	5,4	9,7	0,7	9,0	11,0	0,0	11,0
Malanje	4,4	0,1	4,3	4,2	0,1	4,1	4,5	0,2	4,3	5,5	0,3	5,2
Lunda	1,4	0,1	1,4	1,6	0,0	1,6	1,5	0,0	1,5	1,8	0,1	1,7
Cuanza-Sul	4,7	0,1	4,5	5,3	0,0	5,3	6,8	0,5	6,4	7,7	0,0	7,7
Benguela	6,5	0,7	5,8	8,4	1,0	7,4	12,9	2,4	10,5	12,6	2,9	9,7
Huambo	18,0	1,0	17,0	18,5	0,9	17,6	19,5	1,3	18,2	27,3	2,0	25,3
Bié	2,1	0,0	2,1	5,9	0,1	5,8	6,3	0,4	5,9	9,0	0,3	8,8
Moxico	1,1	0,0	1,1	1,3	0,0	1,3	1,3	0,0	1,3	1,1	0,0	1,1
Cuando Cubango				0,5	0,0	0,5	0,6	0,0	0,6	0,6	0,0	0,6
Moçâmedes	0,6	0,1	0,5	1,3	0,2	1,1	0,8	0,2	0,5	0,9	0,4	0,6
Cunene				1,2	0,0	1,2						
Huíla	2,7	0,1	2,7	4,5	0,1	4,4	3,6	0,2	3,4	3,9	0,2	3,7
Angola	3,0	0,2	2,8	3,3	0,2	3,1	3,9	0,4	3,5	4,5	0,7	3,9

Nota: quadro elaborado com base na informação contida nos Anexos 1, 2, 3 e 4.

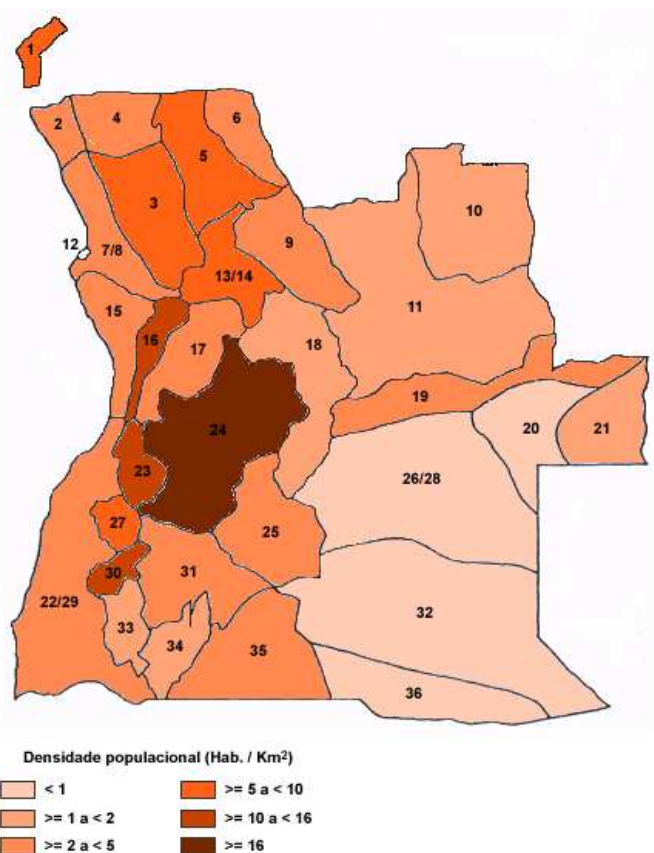
Densidade populacional em 1960

Como acima referido, no período em estudo a distribuição da população no território angolano não se faz de forma homogénea. Como principais causas explicativas da distribuição da população podem referir-se as três seguintes:

- razões de ordem geográfica (clima, relevo, solos, relações espaciais, etc.);
- razões de ordem cultural (atitudes e anseios dos povos, actividades económicas e técnicas praticadas, organização social, etc.);
- razões de ordem demográfica (taxas de natalidade e mortalidade, fluxos migratórios da população) (Rela, 1969).

Ao analisar a distribuição da população para as diferentes zonas agrícolas no mapa que se segue, e, também, recorrendo ao Anexo 8, percebe-se que as zonas mais densamente povoadas – Planalto Central (17 hab./Km²); Transição do Centro-Oeste e Libolo-Amboim (14 hab./Km²); Terras Altas da Huíla (11 hab./Km²); Planalto de Malanje (10 hab./Km²); Cabinda, Caféicola dos Dembos-Uíge e Planalto do Congo (8 hab./Km²) – correspondem aos locais que, por terem altitudes mais elevadas, possuem melhores condições naturais de vida. Correspondem essencialmente aos planaltos do Congo, Malanje e Planalto Central.

Mapa 2 – Angola. Densidade populacional em 1960



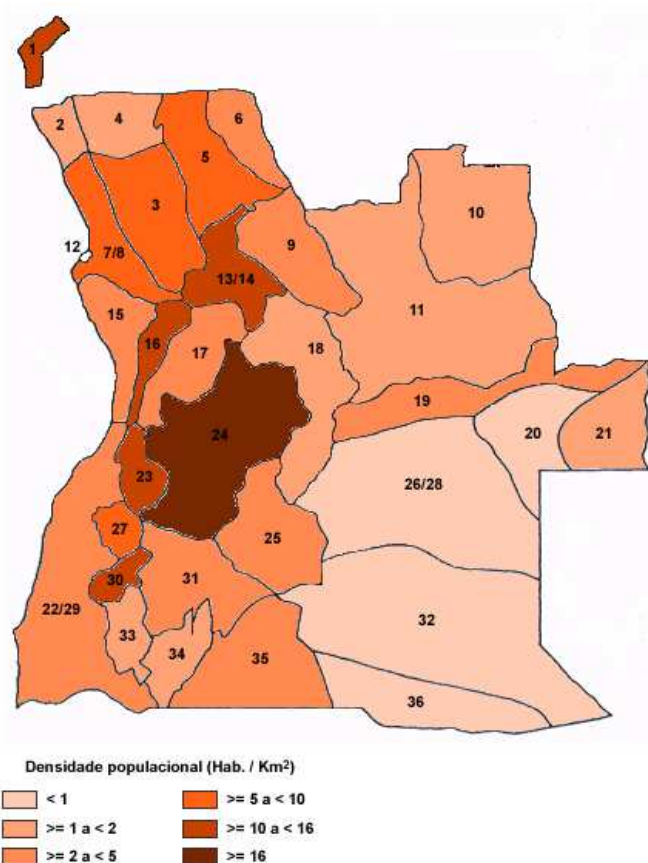
Outras zonas para as quais se verifica uma densidade populacional intermédia correspondem as zonas nas quais estão inseridos núcleos urbanos e que se encontram atravessadas pelo caminho-de-ferro. Pois são locais onde a população autóctone se foi concentrando e, conseqüentemente, também a população branca (Rela, 1969). Nesta situação encontram-se as zonas N.º 7/8, N.º 17 e N.º 19.

A região menos povoada do território corresponde aos locais que apresentam piores condições relativamente ao clima, relevo e solo. Trata-se do Sul e Leste de Angola, com valores de densidade populacional inferiores a 3 hab./Km². Concretamente, as zonas N.ºs 10-11; N.º 18, N.ºs 20 a 22/29, N.ºs 25-26/28 e, também, as zonas N.ºs 31 a 36.

Densidade populacional em 1970 - estimativa

Para o cálculo da estimativa da densidade populacional em 1970 recorreu-se à evolução da população nos diversos distritos entre 1960 e 1970. De seguida, atribuiu-se essa mesma variação aos respectivos concelhos – concretamente aos postos administrativos –, obtendo-se, assim, a eventual população para 1970 ao nível do concelho. Por último, reportaram-se os valores obtidos às várias zonas agrícolas. Os resultados podem ser observados no Mapa 3 (Ver, também, Anexos 7 e 8).

Mapa 3 – Angola. Densidade populacional em 1970



Ao compararem-se, quer os Mapas 2 e 3, quer os valores que se encontram no Anexo 8, nota-se que a quase totalidade das zonas agrícolas se mantiveram, entre 1960 e 1970, dentro da mesma classe de densidade populacional. As exceções fazem sentir-se ao nível de Cabinda (N.º 1), Litoral de Luanda (N.º 7/8) e Malanje (N.º 13/14) – zonas cuja densidade populacional sofreu um incremento – e, também, ao nível do Litoral Norte (N.º 2) e do Subplanalto do Congo (N.º 4), zonas que transitaram para uma classe de densidade populacional inferior. Relativamente a estas duas zonas, o decréscimo da população observado parece ter como explicação o facto de ambas se encontrarem inseridas na região Bacongo de Angola, onde ocorreu a Revolta do Noroeste (Março de 1961) que acabou por

desencadear o início da Guerra Colonial. Esta revolta resultou num êxodo populacional bastante acentuado, e grandes áreas do Zaire e do Uíge, “transformaram-se, literalmente, em desertos” (Wheeler, 2009). O mesmo autor refere que “[no] Norte, a presença dos soldados colmatou o vazio deixado pelos africanos que tinham fugido para o Congo”.

3 – Dimensão económica das explorações e relação com o mercado

Tradicionalmente a agricultura camponesa pode ser agrupada em quatro grandes grupos socioeconómicos que Dias (s.d.) classifica de:

- “caçadores e recolectores simples”¹⁴, e que corresponde principalmente ao povo dos bochimanos, sem técnicas de produção desenvolvidas;
- “povos de economia agrícola”¹⁵, ou seja, os povos do Norte de Angola com técnicas de produção avançadas e para os quais a agricultura representa um papel essencial na sua economia;
- “povos de economia pastoril”¹⁶, que são os povos do Sudoeste de Angola, para os quais o gado tem, antes de qualquer valor económico, grande importância cultural e ideológica. A produção agrícola resume-se a culturas alimentares;
- “povos de economia agrícola-pastoril”¹⁷, que conjugam os dois tipos de economia podendo, em certos casos, também utilizar o gado bovino como força de trabalho. Este tipo de economia permite uma produção elevada de excedentes.

O mapa que se segue, elaborado por Redinha (1972), permite identificar as diferentes economias tradicionais praticadas.

¹⁴ Dias (s.d.) refere, em relação a este povo, que “vivem de apanhar aquilo que uma natureza alternadamente avara e generosa lhes oferece”.

¹⁵ No Nordeste do território a recolha ainda tem relativa importância em épocas de crise agrícola. Antigo caçador, em consequência da redução significativa das reservas cinegéticas, “o homem do Nordeste foi-se adaptando à vida agrícola” (Redinha, 1966). Segundo Dias (s.d.) “[a] introdução do dinheiro (...) veio alterar bastante a vida tradicional” com consequências visíveis na estrutura das sociedades.

¹⁶ Corresponde ao povo Herero (Namibe). Antigo povo de pastores nómadas, a agricultura foi-se introduzindo aos poucos na sua economia. Os hereros alimentam-se à base de leite, reservando o consumo de carne apenas a momentos especiais (festas, rituais, ...). Não obstante as suas crenças, já se verifica alguma comercialização de gado bovino (CIDAC, 1980). Dias (s.d.) comenta que, apesar de não haver uma ligação comercial em relação ao gado, já “se vá vendendo algum, e sobretudo cedendo a troco de garrafas de vinho”.

¹⁷ Grupo formado pelos povos Ambós, Nhaneca-Humbe e Ovimbundos. Para este último grupo étnico, “os grandes excedentes de produção permitem (...) uma grande adaptação a novas técnicas agrícolas” (Dias, s.d.).

Mapa 4 – Angola. Agricultura tradicional. Áreas de economias tradicionais



Fonte: Redinha, 1972.

Tendo em conta o exposto para os diversos tipos de economia tradicionalmente praticados pela agricultura camponesa, e com base na informação publicada pela MIAA relativamente ao sector tradicional – quer nos Recenseamentos Agrícolas, quer nas Estatísticas Agrícolas Correntes – procurou-se neste ponto caracterizar a economia da agricultura camponesa angolana nos últimos anos do período colonial.

3.1 – Dimensão económica das explorações

O que aqui se designa por dimensão económica corresponde ao valor monetário da produção agrícola e pecuária por exploração no ano agrícola considerado. A base de referência utilizada para o cálculo deste indicador foi a informação de 1970-71 contida nas Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola para o conjunto das 31 Zonas Agrícolas¹⁸. O facto da informação disponível nos Recenseamentos Agrícolas de Angola não abranger todo o território angolano¹⁹ veio reforçar a escolha efectuada.

Dimensão Económica

O cálculo deste indicador foi feito com base na soma da importância paga aos produtores para um conjunto de 12 culturas indicadas pela MIAA como sendo as mais representativas do país²⁰: trigo, arroz, massango, massambala, milho, feijão, batata, algodão, mandioca, amendoim²¹, café e palmeiras de óleo.

Ao resultado obtido foi adicionado, sempre que se encontrava disponível, a informação relativa, quer ao valor das vendas líquidas de gado bovino das explorações – diferença entre as vendas brutas e as compras de gado bovino –, quer ao valor correspondente ao abate na exploração. Uma vez obtido o montante global em cada zona agrícola, este foi dividido pelo número total de explorações correspondentes, resultando, para cada uma das 31 zonas, num valor de dimensão económica médio por exploração.

Pareceu importante, uma vez determinada a dimensão económica das explorações para o ano agrícola de 1970-71, comparar este indicador não só com a dimensão física das explorações para o mesmo período, mas também com o rendimento bruto para as zonas cuja informação se encontra disponível nos Recenseamentos Agrícolas da década de 60.

Dimensão Física

A dimensão física das explorações foi calculada, para cada zona agrícola, dividindo a superfície total ocupada pelo conjunto das explorações da zona pelo número total de explorações (Ver Anexo 9).

Tal como seria de esperar, dadas as diferentes intensidades dos sistemas de produção que caracterizam a agricultura tradicional angolana, não se verifica uma correlação entre este indicador e a dimensão económica das explorações.

¹⁸ Apesar de anteriormente terem sido mencionadas 32 Zonas Agrícolas, para efeitos da agricultura tradicional apenas foram consideradas 31 zonas, excluindo-se a Zona Suburbana de Luanda (Nº 12).

¹⁹ Recorde-se que apenas se teve acesso à informação para 19 Zonas Agrícolas.

²⁰ Ver MIAA, 1972, p. 5, “A informação incidiu sobre as principais culturas cultivadas no território (...)”.

²¹ Os dados utilizados para esta cultura referem-se ao produto descascado, tendo-se considerado, para o efeito, um rendimento em peso de 70%. (Ver Centro Nacional de Referência em Biomassa (CENBIO), em <http://cenbio.iee.usp.br>).

No entanto, a análise da informação (Ver Anexos 9 e 10) permite sugerir que as explorações onde a percentagem do valor do gado na dimensão económica média das explorações é maior têm, tendencialmente, uma dimensão física média por exploração mais elevada, e coincidem com as zonas pastoris.

Rendimento Bruto

O rendimento bruto médio das explorações foi determinado dividindo o rendimento bruto total das explorações pelo número total de explorações da zona agrícola com rendimento bruto calculado.

Este é, certamente, um indicador consistente para avaliar a dimensão económica, dado que traduz com maior fidelidade a economia das explorações agrícolas. Como tal, pareceu importante, para as zonas de que se dispunha informação²², fazer uma comparação com a dimensão económica calculada para 70 e, assim, averiguar a solidez da caracterização feita com este indicador (Ver Anexo 10). Ao tentar apurar algum tipo de relação entre estes dois indicadores verificou-se não haver correlação entre ambos.

Esta comparação pôs em evidência algumas limitações²³. De todas, talvez a mais evidente seja a que está relacionada com as culturas que a Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola determinou serem as mais importantes. Ao considerar apenas as 12 culturas já referidas, não teve em linha conta outras culturas que pudessem ter igual ou maior relevância. Consequentemente, a dimensão económica estimada deve ser tratada com alguma precaução. Podem enumerar-se os seguintes exemplos:

- o caso de Cabinda (N.º 1), em que o desajuste entre o valor médio da produção para o conjunto das 12 culturas por exploração e o rendimento bruto médio por exploração foi bem visível. Tal se deveu ao facto de nesta zona a banana ser a base da alimentação da grande maioria da população camponesa – e não a mandioca como na maior parte das restantes zonas –, tendo o conjunto das suas explorações produzido, para o ano agrícola de 1963-64, quase 21.000 toneladas (valor apenas ultrapassado pela produção de mandioca)²⁴ (MIAA, 1967). Se esta cultura tivesse sido considerada para o cálculo da

²² Dos 19 volumes dos Recenseamentos Agrícolas publicados apenas se dispõe de informação relativamente a este indicador para 18 zonas agrícolas.

²³ As limitações assinaladas relativamente à produção prendem-se, essencialmente, com os casos em que se observaram, para as zonas consideradas, valores de rendimento bruto superiores aos da dimensão económica. De todos, o que mais se destaca é Cabinda.

²⁴ No volume relativo a Cabinda, a Missão de Inquéritos caracteriza a população do Distrito por estratos: comunidades da floresta; comunidades marginais da floresta; comunidades fora da floresta e comunidades suburbanas. Para os dois primeiros estratos que, em conjunto, representam mais de 70% das explorações desta zona agrícola, a base da alimentação das populações é a banana (MIAA, 1967).

dimensão económica das explorações, o resultado obtido seria superior em cerca de 150% aproximando-se, assim, do valor obtido para o rendimento bruto²⁵;

- casos como o Nordeste da Lunda (N.º 10) e o Libolo-Amboim (N.º 16), bem como a zona de Transição do Centro-Oeste (N.º 23), a de Quilengues (N.º 27) e a do Cuanhama (N.º 35). Relativamente ao Nordeste da Lunda, para além da banana, também tem peso o inhame (814 toneladas) e outras culturas da família das *cucurbitaceaes*, como a abóbora (770 toneladas), a “mazunga” e a “nakambiambia” (*Citrullus vulgaris*), ou melancia, para obtenção de sementes (MIAA, 1969). Em relação ao Libolo-Amboim, referem-se culturas como a banana com quase 3.000 toneladas, a abóbora com perto de 1.000 toneladas, o inhame e o mamão (MIAA, 1968). Para a zona de Transição do Centro-Oeste, para além da cultura da banana, com uma produção de cerca de 1.200 toneladas, destacam-se também a abóbora, com perto de 2.000 toneladas (MIAA, 1964) e “culturas de mercado” como o gergelim e o rícino (Diniz, 1973). Já para a zona de Quilengues, apenas se refere a cultura da abóbora (MIAA, 1969) e, por fim, para o Cuanhama, a cultura da “matanga”, ou melancia, com uma produção de pouco menos de 34.000 toneladas (MIAA, 1968).
- o facto de na Baixa de Cassanje (N.º 9) e no Planalto Central (N.º 24) só ter sido recolhida informação para a cultura do milho relativamente à produção “em seco” e nestas zonas se consumir tanto o milho “em verde” como “em seco” (MIAA, 1967 e 1971).
- a existência de outras actividades, para além da agricultura e da pecuária. Rela (1969) refere “uma relativa importância de produtos apícolas” na zona das Ganguelas (N.º 25), e Diniz (1973) menciona que no Cuanhama (N.º 35) “a recollecção, principalmente de frutos silvestres, e a pesca nas chanas, têm uma importância económica muito apreciável”. Ainda relativamente à pesca, o autor também refere, para o Litoral-Sul (N.º 22/29), ser uma das três actividades económicas praticadas na zona. Não se deve igualmente deixar de mencionar a importância da caça para algumas zonas agrícolas, como é o caso, por exemplo, da Lunda (N.º 11) e do Cuando-Cubango (N.º 32) (Rela, 1969).

²⁵ Para a determinação do valor médio por exploração da produção de banana (banana + banana pão) recorreu-se ao preço médio praticado na venda a retalho na cidade de Cabinda, disponível nos Anuários Estatísticos de Angola de 1970. A título informativo, o preço médio do quilograma de banana praticado na altura era de 2\$91. Obtinha-se, assim, só com a produção de banana, uma produção média por exploração de 4.853\$00.

Para além dos exemplos anteriormente referidos, acrescentam-se ainda outras limitações decorrentes da comparação feita entre os dois indicadores:

- o facto de, para o cálculo da dimensão económica média das explorações, apenas terem sido considerados os dados relativos ao gado bovino, uma vez que não se dispunha de informação em termos monetários para as outras espécies animais;
- outra limitação, ainda relativa ao gado bovino, e que se prende com o facto da informação disponível utilizável se referir apenas às vendas, às compras e ao abate;
- por último, menciona-se também o facto de se ter utilizado o preço médio por cabeça das vendas – apenas se dispunha do valor total das vendas – para determinar o valor das compras, bem como a parte correspondente ao abate na exploração.

Os resultados obtidos encontram-se no Quadro 6. Para uma leitura de síntese definiram-se quatro escalões de dimensão económica média das explorações. Em cada um deles podem ainda distinguir-se as explorações predominantemente agrícolas e explorações pecuárias que, em maior ou menor grau, associam esta actividade com a produção agrícola (Ver, também, Mapa 5). Redinha (1972), a propósito da actividade agrícola em Angola, refere o seguinte: “Pode dizer-se que, à excepção dos Hereros ou criadores típicos e dos Bosquímanos, todas as sociedades rurais da Província praticam a agricultura”. De facto, para as zonas agrícolas nas quais se inserem estes povos – Hereros na parte Sul da zona N.º 22/29 e Bosquímanos, ou Bochímanes, na zona N.º 32 –, verifica-se pela leitura do Quadro 6 que, no primeiro caso, a parte que cabe à produção agrícola no valor da dimensão económica tem pouco peso no total (24%) e que, no segundo, em que apenas contribui para o cálculo da dimensão económica a produção agrícola, o valor médio determinado ser o mais baixo para o conjunto das zonas que compõem o território (< 500\$00).

Quadro 6 - Angola. Agricultura Tradicional. Dimensão económica das explorações

Zona Agrícola	Dimensão económica média por exploração						
	Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola (ano agrícola: 1970-71)						
	Explorações	Valor médio da produção por exploração (12 culturas)		Criação de gado bovino por exploração (venda líquida + abate)		Dimensão económica média por exploração (valor da produção + vendas líquidas + abate)	
	(Nº)	(escudos)	(%)	(escudos)	(%)	(escudos)	(classes)
2- Litoral-Norte	3.000	719,7	100,0			719,7	1
23 - Transição do Centro-Oeste	53.538	976,9	85,5	165,5	14,5	1.142,3	1
25 - Ganguelas	35.742	894,6	97,9	18,7	2,1	913,4	1
26/28- Bundas e Luchazes	22.026	1.119,0	100,0			1.119,0	1
32- Cuando-Cubango	9.224	434,7	100,0			434,7	1
36- Baixo Cubango	7.470	583,4	56,1	456,1	43,9	1.039,5	1
4- Subplanalto do Congo	7.552	1.957,5	100,0			1.957,5	2
6- Cuango	28.969	2.174,5	100,0			2.174,5	2
10 - Nordeste da Lunda	22.232	2.324,7	100,0			2.324,7	2
11- Lunda	36.234	2.075,9	100,0			2.075,9	2
16 - Libolo-Amboim	37.629	2.649,4	100,0			2.649,4	2
17 - Transição do Centro-Noroeste	41.926	2.041,1	99,2	17,5	0,8	2.058,6	2
18 - Alto Cuanza	54.440	2.329,6	99,0	24,0	1,0	2.353,6	2
19- Influência do CFB-Leste	15.215	1.767,4	100,0			1.767,4	2
20- Anharas do Moxico	17.977	1.752,0	100,0			1.752,0	2
21- Alto Zambeze	13.161	1.767,3	100,0			1.767,3	2
24 - Planalto Central	358.810	2.052,4	99,6	8,7	0,4	2.061,1	2
27 - Quilengues	14.917	920,9	52,5	832,8	47,5	1.753,7	2
35 - Cuanhama	13.409	2.099,0	77,8	598,4	22,2	2.697,3	2
1 - Cabinda	14.477	3.305,7	100,0			3.305,7	3
7/8 - Litoral de Luanda	13.131	3.081,6	100,0			3.081,6	3
9 - Baixa de Cassange	26.943	3.443,9	100,0			3.443,9	3
13/14 - Planalto de Malange	74.038	4.022,1	100,0			4.022,1	3
30 - Terras Altas da Huíla	13.937	2.179,2	61,7	1.352,3	38,3	3.531,6	3
31 - Transição do Centro-Sul	27.614	3.741,4	85,8	621,0	14,2	4.362,4	3
33 - Gambos	9.829	1.766,2	54,7	1.464,2	45,3	3.230,4	3
34 - Baixo Cunene	4.056	2.365,1	54,3	1.989,5	45,7	4.354,6	3
3- Cafeicola Dembos-Uíge	61.276	4.512,4	100,0			4.512,4	4
5- Planalto do Congo	15.703	4.637,4	100,0			4.637,4	4
15 - Litoral a Sul do Cuanza	8.519	5.401,9	100,0			5.401,9	4
22/29 - Litoral-Sul	4.236	1.252,6	23,7	4.039,2	76,3	5.291,8	4

Classes de dimensão económica média por exploração (escudos):

1 ≤ 1500

2 > 1500 a ≤ 3000

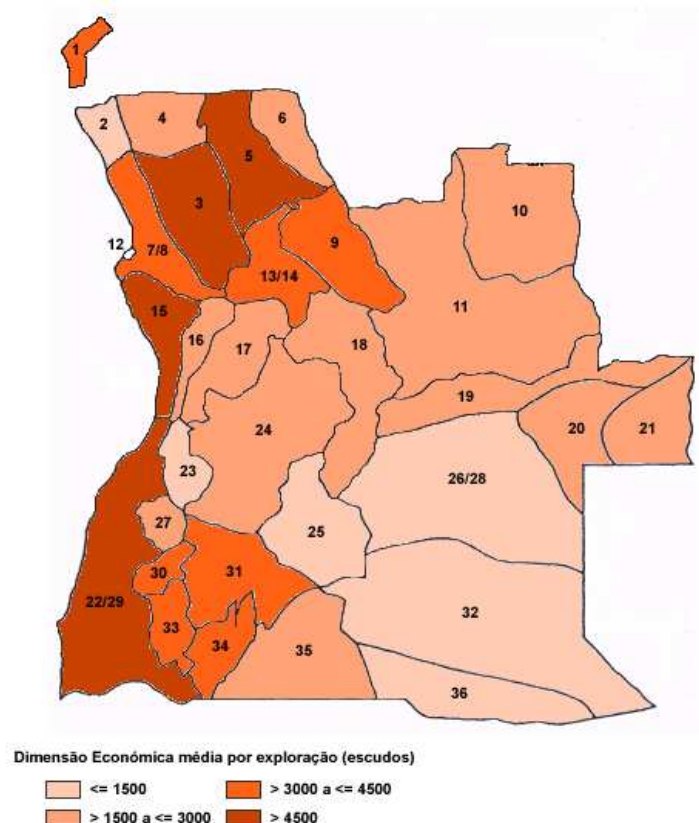
3 > 3000 a ≤ 4500

4 > 4500

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

As explorações predominantemente agrícolas correspondem, *grosso modo*, às zonas da parte Leste do país e, para Oeste, ao Centro e Norte do território. As explorações predominantemente pecuárias estão situadas nas zonas mais a Sul, ou “zonas agro-pastoris”, que a MIAA classifica como sendo a “região do ‘complexo de ordenha’ ou do ‘complexo de leite’” (MIAA, 1972).

Mapa 5 – Angola. Agricultura Tradicional. Dimensão Económica das explorações



3.2 – Excedente da produção

Na tentativa de determinar qual o tipo de relação existente entre as diferentes zonas agrícolas e o mercado dos produtos, estimou-se o valor médio do excedente por exploração. Este indicador é constituído por duas partes. A parte que cabe à produção agrícola e a parte referente ao gado bovino (venda líquida e abate). Para a determinação do excedente relativo à produção agrícola, foi primeiro necessário obter o valor correspondente para cada uma das culturas praticadas. Este cálculo foi feito com base na percentagem da produção que a MIAA indicou pertencer ao excedente. Ou seja, a diferença para 100 da proporção atribuída ao auto-aprovisionamento (Ver Anexo 11). Estabelecidos estes resultados parciais, efectuou-se o seu somatório e dividiu-se o valor obtido pelo número total de explorações.

Uma vez assim determinado o valor médio do excedente por exploração para cada zona agrícola, cujos resultados podem ser observados no Quadro 7, comparou-se este indicador com a dimensão económica média das explorações. Obteve-se uma correlação de 93%, demonstrando que estes dois indicadores se encontram fortemente relacionados.

Assim, nas zonas onde a dimensão económica média por exploração apresenta valores mais elevados, a comercialização da produção tende a ser superior.

Quadro 7 - Angola. Agricultura Tradicional. Peso do Excedente das explorações

Zona Agrícola	Excedente médio por exploração						Local de venda	
	Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola (ano agrícola: 1970-71)						Recenseamentos Agrícolas de Angola	
	Dimensão económica média	Produção: excedente médio	Gado bovino: venda líquida média (1)	Excedente médio total	Peso excedente na dimensão económica		Explorações que produzem para venda dos seus produtos na/no:	
	(escudos)	(escudos)	(escudos)	(escudos)	(%)	(classes)	exploração (%)	mercado (%)
25 - Ganguelas	913,4	183,0	12,5	195,5	21,4	1	0,1	98,5
26/28- Bundas e Luchazes	1.119,0	200,8		200,8	17,9	1		
32- Cuando-Cubango	434,7	78,6		78,6	18,1	1		
35 - Cuanhama	2.697,3	119,4	461,3	580,7	21,5	1	3,0	16,5
2- Litoral-Norte	719,7	228,4		228,4	31,7	2		
4- Subplanalto do Congo	1.957,5	648,4		648,4	33,1	2		
6- Cuango	2.174,5	920,0		920,0	42,3	2		
10 - Nordeste da Lunda	2.324,7	1.010,4		1.010,4	43,5	2	30,5	59,2
11- Lunda	2.075,9	800,0		800,0	38,5	2		
17 - Transição do Centro-Noroeste	2.058,6	922,5	10,5	933,0	45,3	2		97,0
18 - Alto Cuanza	2.353,6	1.037,6	18,6	1.056,2	44,9	2	3,3	96,2
19- Influência do CFB-Leste	1.767,4	581,4		581,4	32,9	2		
20- Anharas do Moxico	1.752,0	575,4		575,4	32,8	2		
21- Alto Zambeze	1.767,3	581,4		581,4	32,9	2		
23 - Transição do Centro-Oeste	1.142,3	155,5	131,9	287,5	25,2	2	0,6	84,4
24 - Planalto Central	2.061,1	848,5	-4,1	844,4	41,0	2	0,2	96,9
27 - Quilengues	1.753,7	40,5	691,5	732,0	41,7	2	0,2	97,6
33 - Gambos	3.230,4	260,8	1.230,4	1.491,2	46,2	2		69,6
34 - Baixo Cunene	4.354,6	103,3	1.761,8	1.865,1	42,8	2		28,4
36- Baixo Cubango	1.039,5	115,1	397,9	513,0	49,3	2		
1 - Cabinda	3.305,7	2.792,5		2.792,5	84,5	3	5,9	87,7
3- Cafeícola Dembos-Uíge	4.512,4	3.294,4		3.294,4	73,0	3		
5- Planalto do Congo	4.637,4	2.591,7		2.591,7	55,9	3		
7/8 - Litoral de Luanda	3.081,6	2.082,1		2.082,1	67,6	3	7,4	88,2
9 - Baixa de Cassange	3.443,9	2.305,0		2.305,0	66,9	3	3,4	90,4
13/14 - Planalto de Malange	4.022,1	2.433,6		2.433,6	60,5	3		99,6
15 - Litoral a Sul do Cuanza	5.401,9	4.753,8		4.753,8	88,0	3	24,5	40,8
16 - Libolo-Amboim	2.649,4	1.955,2		1.955,2	73,8	3	2,4	91,6
22/29 - Litoral-Sul	5.291,8	153,9	3.388,2	3.542,1	66,9	3	2,0	29,8
30 - Terras Altas da Huíla	3.531,6	664,1	1.110,4	1.774,5	50,2	3	0,5	68,0
31 - Transição do Centro-Sul	4.362,4	1.857,9	522,3	2.380,3	54,6	3	1,9	81,2

Peso do excedente médio na dimensão económica média das explorações (%):

1 < 25; 2 ≥ 25 a < 50; 3 ≥ 50

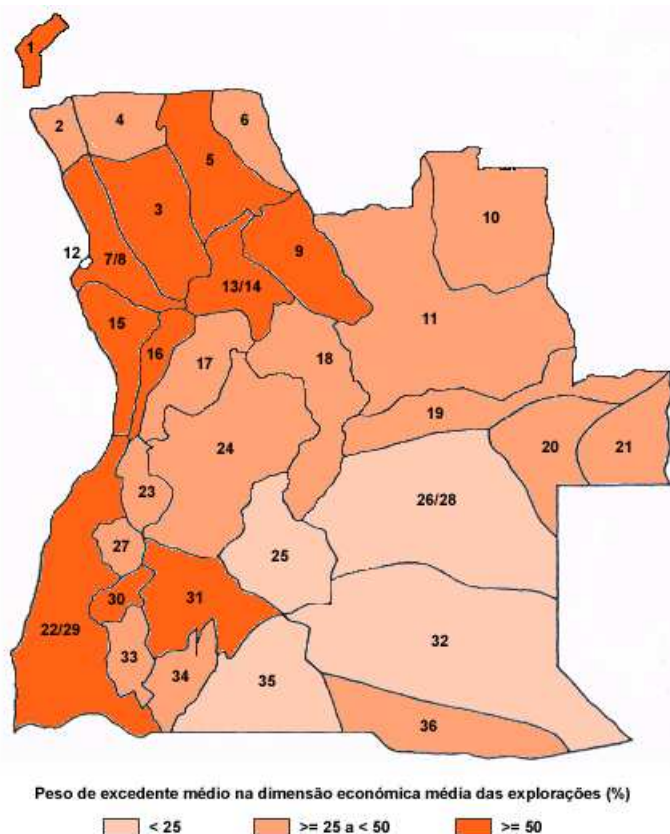
(1) O valor negativo que se observa na zona N.º 24 (Planalto Central) deve-se ao facto das compras efectuadas ultrapassarem as vendas de gado bovino.

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972; Recenseamentos Agrícolas de Angola, 19 volumes.

Pela análise do Quadro 7, e observação dos Mapas 5 e 6, facilmente se podem identificar as zonas que se enquadram no que se acabou de referir. A Noroeste do território as seguintes zonas: Cabinda (N.º 1); Cafeícola Dembos-Uíge (N.º 3); Planalto do Congo (N.º 5); Litoral de Luanda (N.º 7/8); Baixa de Cassanje (N.º 9) e Planalto de Malanje (N.º 13/14). Descendo ligeiramente, tem-se o Litoral a Sul do Cuanza (N.º 15) e a zona do Libolo-Amboim (N.º 16) e, mais a Sul, três zonas pastoris, Litoral-Sul (N.º 22/29); Terras Altas da

Huíla (N.º 30) e Transição do Centro-Sul (N.º 31). Constatase igualmente que as zonas com menor dimensão económica e, em simultâneo, menor relação com o mercado – em termos de excedente da produção – se concentram mais a Sul, na parte Central e Leste do país (Quadros 6 e 7; Mapas 5 e 6).

Mapa 6 – Angola. Agricultura Tradicional. Peso do excedente



Pareceu também importante comparar o excedente das explorações com outro indicador cuja informação se encontra, para 19 das 31 zonas, publicada nos Recenseamentos, e que se prende com o destino da produção. Ou seja, a percentagem de explorações que produzem para venda parte dos seus produtos, quer na exploração, quer nos mercados (Ver Quadro 7).

A análise dos resultados confirma a existência, para a maioria das zonas, de uma evidente relação com o mercado. Ou seja, em quase todas as zonas as explorações produzem não apenas para consumo da família, mas também para comercializar os seus produtos, independentemente do volume médio de excedente. Das 19 zonas estudadas, com excepção de três – o Litoral-Sul (N.º 22/29), o Baixo Cunene (N.º 34) e o Cuanhama (N.º 35) –, mais de 65% das explorações produzem para venda, quer na própria exploração, quer nos mercados. Note-se que as três zonas para as quais se verificou não haver uma

ligação tão acentuada com o mercado dos produtos estão essencialmente ligadas à pecuária – zonas predominantemente pastoris – e, como refere Diniz (1973), quase só praticam “agricultura de subsistência”. A informação relativa à venda da produção permite reforçar esta observação: nas três zonas referidas, apenas uma pequena parte das suas explorações – 32%, 28% e 20%; respectivamente – contribui para o valor médio do excedente aqui calculado. Por outras palavras, apenas uma pequena parte das suas explorações tem efectivamente uma relação com o mercado.

Destas, a zona do Cuanhama (N.º 35), para a qual se observa um valor médio para o excedente superior às restantes duas, é a zona que menos produz para venda. Para além do que se expôs anteriormente, este facto pode também ser explicado pela fraca existência de vias de comunicação (Diniz, 1973).

3.3 – Composição da produção, do excedente e do auto-provisionamento

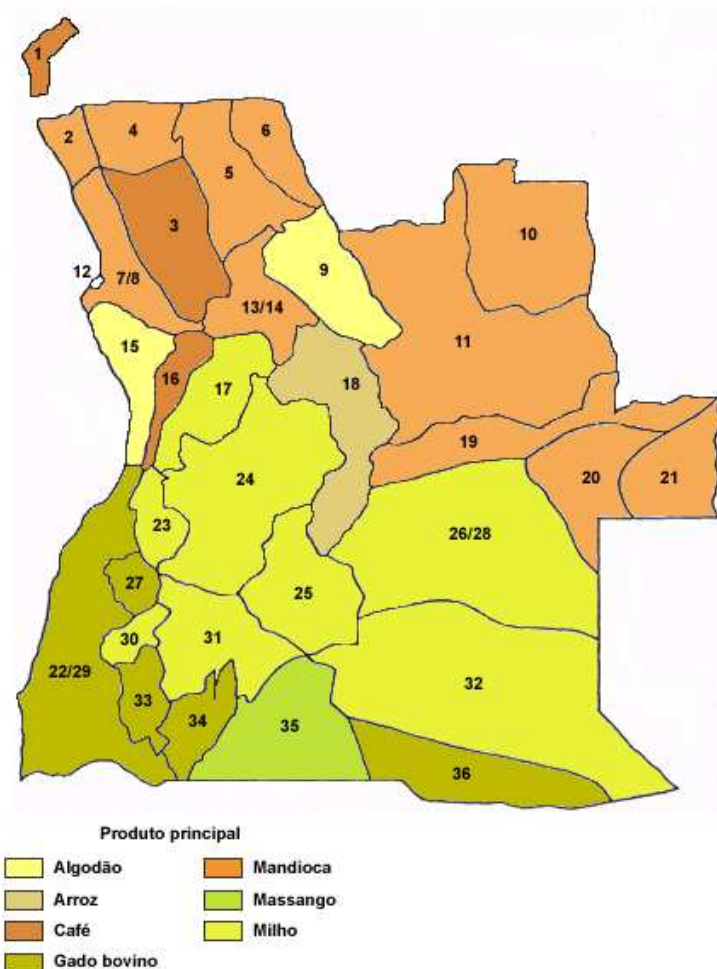
Identificada a existência de uma relação com o mercado dos produtos para a generalidade das zonas agrícolas, e traçado um perfil das suas explorações – predominância agrícola e/ou pastoril –, importa agora caracterizar as diferentes zonas no que se refere ao(s) produto(s) com maior peso, quer na produção total, quer no excedente, quer no auto-provisionamento das explorações. Para além de permitir classificar as diferentes zonas relativamente ao produto com maior relevo, esta análise permite também identificar as zonas mais ou menos direccionadas para o mercado, em função do que produzem.

Para o efeito, decompôs-se para cada uma das 31 zonas o valor total da produção, do excedente e do auto-provisionamento nas suas diversas componentes. Agruparam-se os vários produtos em duas categorias distintas: produtos para fins comerciais e não comerciais. Os resultados obtidos podem observar-se nos Anexos 12, 13 e 14.

3.3.1 – Composição da produção

Para o conjunto das zonas agrícolas determinou-se o peso das várias culturas praticadas e, nas zonas com criação de gado bovino, da parte correspondente à venda e ao abate. O mapa que se segue permite identificar sete regiões distintas mediante o produto com maior relevo no valor total da produção (Ver, também, Anexo 12).

Mapa 7 – Angola. Agricultura Tradicional. Composição da produção



Na categoria dos produtos para fins comerciais podem identificar-se quatro regiões. Designadamente:

Região do algodão

Constituída por duas zonas, N.º 9 e N.º 15. Repare-se, no entanto, que na Baixa de Cassanje (N.º 9), para além do algodão (46%), a mandioca tem quase tanto peso no valor total da produção (41%).

Região do arroz

A esta região corresponde apenas uma zona agrícola, o Alto Cuanza (N.º 18). Refere-se aqui que a percentagem correspondente ao valor da produção de arroz (37%) é apenas ligeiramente superior à segunda cultura com maior peso, ou seja, a mandioca (31%).

Região do café

Região que engloba as zonas N.º 1, N.º 3 e N.º 16.

Região do gado bovino

Corresponde essencialmente ao Sul de Angola, e reúne um total de cinco zonas: N.º 22/29, N.º 27, N.º 33, N.º 34 e N.º 36. Com excepção da zona Litoral-Sul (N.º 22/29), para as restantes zonas, à produção de gado (com uma percentagem, em relação ao total, inferior a 50%) está também associada a produção agrícola. A zona de Quilengues (N.º 27), com a massambala (32%); os Gambos (N.º 33), com o milho e o massango (25% e 19%, respectivamente); e as zonas do Baixo Cunene (N.º 34) e do Baixo Cubango (N.º 36) – a envolver o Cuanhama (N.º 35) –, com a cultura do massango (36% e 29%, respectivamente).

Em relação à produção de produtos para fins não comerciais, foram identificadas três regiões, a que equivalem as seguintes culturas alimentares:

Região da mandioca

Região muito vasta e que abrange mais de um terço do território (praticamente todas as zonas localizadas a Norte dos rios Cuanza e Lungué Bungo). É constituída pelas seguintes zonas: N.º 2; N.ºs 4 a 7/8; N.ºs 10 a 13/14 e, por último, as zonas N.ºs 19 a 21.

Em certas zonas esta cultura é largamente predominante; contudo noutras a mandioca é seguida de perto por outra(s) cultura(s), como se pode ver no Anexo 12. Esta afirmação é válida para o Litoral-Norte (N.º 2), com a cultura de palmares para óleo (23%) e milho (19%); o Planalto do Congo (N.º 5), com o café (38%); o Litoral de Luanda (N.º 7/8), com o algodão (36%); a zona da Lunda (N.º 11), com as culturas do amendoim (23%) e do milho (18%) e, finalmente, o Planalto de Malanje (N.º 13/14) com o feijão (24%) e o milho (18%).

Região do milho

A esta região corresponde também uma vasta parte do território que equivale, *grosso modo*, ao Centro e Centro-Sul. É constituída pelas zonas: N.º 17, N.ºs 23 a 26/28, N.ºs 30 a 32.

Destas, em alguns casos também se verifica a existência de outras culturas, para além do milho, com relevo no valor total da produção: na Transição do Centro-Noroeste (N.º 17), a cultura do feijão (25%); nas Bundas e Luchazes (N.º 26/28), a mandioca (37%) e nas Terras Altas da Huíla (N.º 30), a importância do gado bovino (38%).

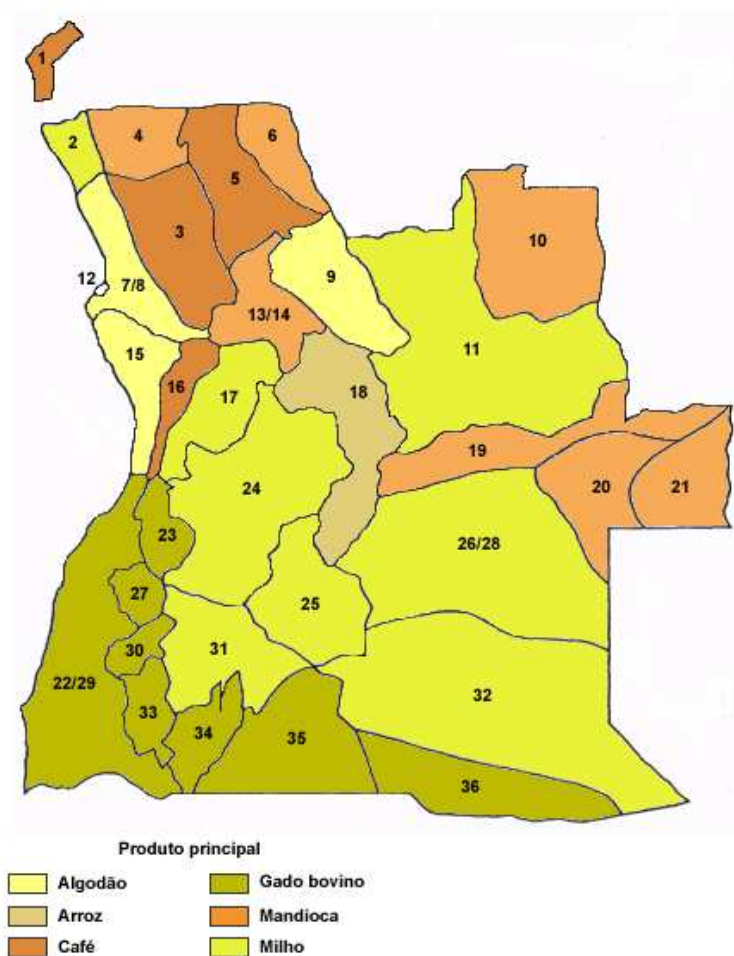
Região do massango

Constituída por uma única zona, o Cuanhama (N.º 35), em que a esta cultura se associa a criação de gado bovino (22%).

3.3.2 – Composição do excedente

Tal como para a produção, classificou-se o território em termos do(s) produto(s) mais importantes no valor total do excedente da zona. Dividiu-se o país em seis regiões, como se pode observar no mapa que de seguida se apresenta (Ver, também, Anexo 13).

Mapa 8 – Angola. Agricultura Tradicional. Composição do excedente



Região do algodão

Fazem parte desta região três zonas: N.º 7/8, N.º 9 e N.º 15. Mas, quer no Litoral de Luanda (N.º 7/8), quer na Baixa de Cassanje (N.º 9), o peso da mandioca no total do excedente não deve ser ignorado (39% em ambas as zonas).

Região do arroz

Região que corresponde ao Alto Cuanza (N.º 18).

Região do café

Região que engloba as zonas N.º 1, N.º 3, N.º 5 e N.º 16. Para o Planalto do Congo (N.º 5) em particular, a leitura do Anexo 13 permite evidenciar o peso da mandioca no valor total do excedente (26%).

Região do gado bovino

Esta região abrange todo o Litoral-Sul e Sul de Angola, num total de oito zonas: N.º 22/29, N.º 23, N.º 27, N.º 30, N.ºs 33 a 36. Refere-se, no entanto, o peso da cultura do milho no excedente para duas destas zonas: na Transição do Centro-Oeste (N.º 23) e nas Terras Altas da Huíla (N.º 30), com um peso de 30% no valor total do excedente.

Região da mandioca

Sendo a mandioca a base da alimentação da quase generalidade da população camponesa de Angola, seria de esperar que, relativamente ao excedente, esta cultura não tivesse uma presença tão marcada no território, tal como se verificou no que se refere à produção.

Neste sentido, excepto para as zonas onde se tenha verificado esta ser, de longe, a cultura com maior peso na produção, não parece errado afirmar que a delimitação desta região esteja, de certa forma, dependente das necessidades das populações. Posto isto, pela observação do Anexo 13 pode definir-se esta região como o conjunto formado por regiões produtoras de mandioca por excelência – zonas N.º 4, N.ºs 19 a 21 – mas, também, por zonas como o Cuango (N.º 6), o Planalto de Malanje (N.º 13/14) e o Nordeste da Lunda (N.º 10), onde foram identificadas outras culturas com peso no excedente. Destacam-se o café (35%) no Cuango, o arroz (37%) no Nordeste da Lunda e, por fim, o feijão (29%) e o milho (24%) no Planalto de Malanje.

Região do milho

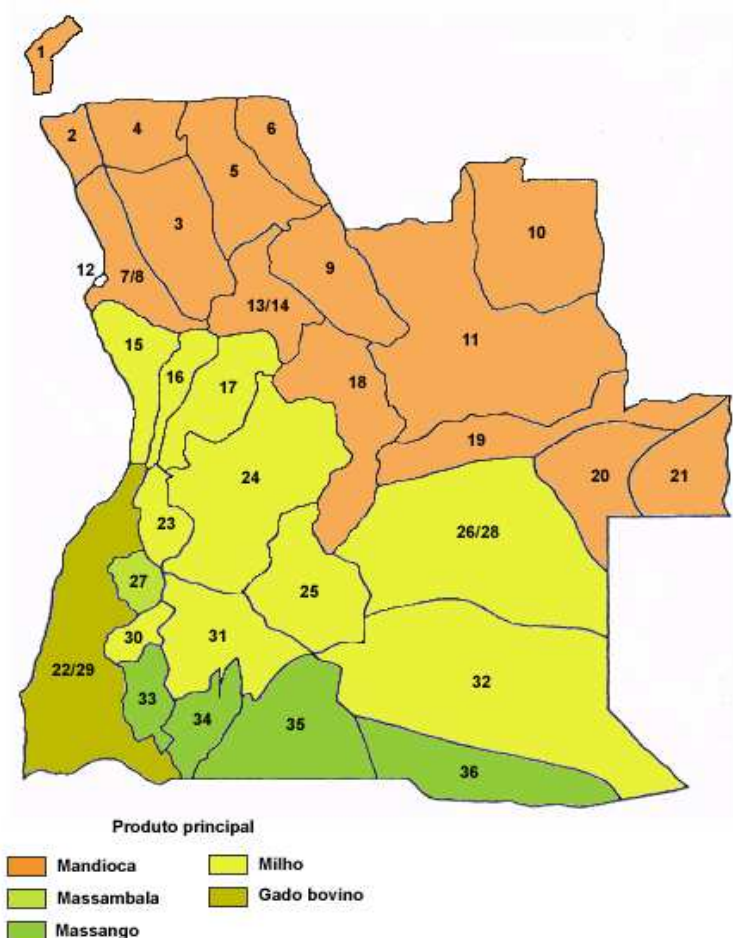
O que aqui se designa por região do milho corresponde a um total de oito zonas agrícolas. A forte presença do milho no excedente demonstra que esta cultura, para além de ser uma das principais culturas de base na alimentação das populações, é igualmente importante do ponto de vista comercial. A esta região corresponde também uma vasta parte do território, ocupando praticamente o Centro do país. Concretamente, a zonas N.º 2, N.º 11, N.º 17 e N.ºs 24 a 26/28, mas também, N.ºs 31 e 32.

Consideraram-se aqui zonas onde esta cultura, apesar de não ser a mais representativa, se encontrava muito próxima da cultura mais importante. Foi o caso do Litoral-Norte (N.º 2) – palmares (40%) e milho (37%) –, da Lunda (N.º 11) – amendoim (35%) e milho (33%) – e, também, da Transição do Centro-Nordeste (N.º 17) – feijão (36%) e milho (33%). O critério adoptado teve como intuito proceder-se à caracterização do território angolano em termos de produção, excedente e auto-aprovisionamento utilizando, para o efeito, um leque relativamente restrito de culturas.

3.3.3 – Composição do auto-provisionamento

A análise das diferentes culturas que compõem o auto-provisionamento das populações camponesas para cada uma das zonas agrícolas (Anexo 14) permitiu classificar o território em cinco regiões distintas, mediante o produto com maior relevo. O mapa que se segue descreve a caracterização feita.

Mapa 9 – Angola. Agricultura Tradicional. Composição do auto-provisionamento



Região da mandioca

Tal como referido anteriormente, trata-se de uma das culturas de base da alimentação da população camponesa de Angola, com particular incidência no Norte do país. A região da mandioca é constituída, sem excepção, por todas as zonas a Norte dos rios Cuanza e Lungué Bungo. Ou seja, corresponde ao conjunto formado pelas zonas N.^{os} 1 a 21, com excepção das zonas N.^o 15, N.^o 16 e N.^o 17.

Para a zona agrícola do Alto Cuanza (N.^o 18) refere-se ainda o peso da cultura do milho no valor total do auto-provisionamento (26%).

Região do milho

Esta região, como já mencionado, corresponde à parte Central do país, com inclusão de algumas zonas de transição entre o Centro e o Nordeste do território. É constituída pelas zonas N.º 15, N.º 16 e N.º 17 – zonas de transição – e pela mancha formada pelas zonas N.ºs 23 a 32, com excepção da zona de Quilengues (N.º 27).

De referir, mais uma vez, a importância de outras culturas no valor do auto-aprovisionamento para o conjunto das explorações nas diferentes zonas. É o caso do Litoral Sul do Cuanza (N.º 15), da zona de Transição Centro-Noroeste (N.º 17) e da zona das Bundas e Luchazes (N.º 26/28) com a mandioca (24%, 27% e 40%, respectivamente) e do Libolo-Amboim (N.º 16) com a mandioca (31%) e o feijão (20%).

Região do massango

Tratando-se, juntamente com a massambala, da base da alimentação das populações do Sul de Angola, a cultura do massango tem elevada expressão no conjunto formado pelas zonas N.ºs 33 a 36. Para a zona dos Gambos (N.º 33) importa também referir o peso, quase idêntico, do milho (35%) e, de igual modo, para o Baixo Cubango (N.º 36), o peso da massambala no auto-aprovisionamento da zona (25%).

Região do gado bovino

Relativamente ao auto-aprovisionamento das explorações, a região do gado bovino cinge-se a uma única zona, o Litoral-Sul (N.º 22/29).

Região da massambala

Apesar de se ter optado por classificar, para a caracterização do auto-aprovisionamento, a zona de Quilengues (N.º 27) como região da massambala, nesta zona também têm peso a cultura do milho (17%), a do massango (15%) e a criação de gado bovino (13%) (Ver Anexo 14).

Como salienta Redinha (1972), em termos de culturas alimentares, Angola pode ser repartida do seguinte modo: a mandioca na metade Norte do país, o milho (e a massambala) na região do Planalto e o massango no Sul.

3.3.4 – Nota sobre a diversidade regional

Ao analisar os Quadros 6, 7, e o Anexo 13 verifica-se que as zonas onde a percentagem do valor do excedente por exploração em relação ao valor da dimensão económica média é mais elevado ($\geq 50\%$) e, na quase totalidade dos casos, com valores de dimensão económica média superiores, são zonas que claramente produzem tendo em vista o mercado.

Para além de, como já referido anteriormente, a maioria das suas explorações produzirem para venda, quer na exploração, quer no mercado, são zonas em que os agricultores se dedicam, a par da agricultura de subsistência, à produção de bens comerciais com peso considerável no excedente.

Esta afirmação é válida para as zonas do café, como Cabinda (N.º 1), Cafeícola Dembos-Uíge (N.º 3), Planalto do Congo (N.º 5) e Libolo-Amboim (N.º 16); e para as zonas do algodão, como o Litoral de Luanda (N.º 7/8), a Baixa de Cassanje (N.º 9) e o Litoral a Sul do Cuanza (N.º 15) (Mapa 8). Pode também aplicar-se a zonas como o Planalto de Malanje (N.º 13/14) e a Transição do Centro-Sul (N.º 31), produtoras de outros bens comercializáveis, tais como o milho²⁶ e o feijão. No que diz respeito à economia pastoril, foram identificadas três zonas, o Litoral-Sul (N.º 22/29), as Terras Altas da Huíla (N.º 30) e a zona de Transição do Centro-Sul (N.º 31).

De salientar mais uma vez, no entanto, que, no que respeita ao Litoral-Sul, o valor médio do excedente calculado se deve apenas a um pequeno conjunto de explorações (na informação disponível nos Recenseamentos Agrícolas, recorde-se, apenas 32% das explorações da zona produziam para venda).

Para as restantes zonas, menos orientadas para o mercado, observam-se duas situações distintas (Ver, também, Anexo 14 e Mapa 9). Por um lado, zonas cujas explorações, para além de produzirem para suprir as necessidades alimentares, produzem igualmente para o mercado, isto é, também se dedicam à cultura de bens comerciais. Nesta situação encontram-se as zonas N.º 2, com o milho e o óleo de palma; N.º 6 e N.º 17, com o café; N.º 10 e N.º 18, com o arroz; N.º 11 e N.º 24, com o milho e, no que se refere ao gado bovino, as zonas N.º 23, N.º 27, N.º 33 e N.º 34. De referir, no entanto, que para todas as zonas referidas o valor do excedente por exploração representa mais de 25% do valor da dimensão económica média.

No alinhamento do que se acaba de referir, Silva (2003), salienta que, não obstante uma crescente “orientação para o mercado” do universo agro-pastoril, a agricultura praticada “continua a ter um carácter predominante de subsistência (...)”.

²⁶ Segundo Pacheco (1991), “o milho foi ganhando importância como cultura comercial, com níveis relativamente elevados de comercialização”.

A mesma autora destaca, do ponto de vista da comercialização, as zonas N.º 23, N.º 27 e N.º 31, em primeiro lugar, seguidas das zonas N.º 30 e N.º 33. A agricultura foi-se desenvolvendo nestas zonas – com a introdução de novas culturas como o milho – tendo como principal finalidade a comercialização da produção mas, também, uma “compensação imediata” em produtos alimentares em razão de uma menor disponibilidade das suas tradicionais fontes de auto-consumo (caça, recollecção, etc.).

Por outro lado, zonas cujas explorações têm, aparentemente²⁷, uma relação com o mercado ainda menos acentuada podendo, não obstante, escoar parte da produção para o mercado. Os casos mais visíveis dizem respeito, relativamente ao auto-aprovisionamento, a zonas pertencentes à região da mandioca – em particular a zona N.º 4 e as zonas N.ºs 19 a 21 –, mas, também, a zonas das regiões do milho e do massango – zonas N.º 25, N.º 26/28, N.º 32, N.º 35 e N.º 36. Com excepção da zona N.º 36, a percentagem do excedente na dimensão económica das explorações deste conjunto de zonas varia entre os 18% e os 33% (Ver Quadro 7).

A propósito da relação destas zonas com o mercado dos produtos Diniz (1973) refere, por exemplo, para a Zona de Influência do C.F.B-Leste (N.º 19), a comercialização da crueira nas povoações estabelecidas ao longo do caminho-de-ferro. Indica ainda a existência de outras fontes de comércio, não relacionadas, no entanto, com a produção agrícola e pecuária. Concretamente, “as madeiras, a cera e o mel, e o peixe das anharas e rios, todos eles canalizados para as povoações localizadas à beira da via férrea, aí comercializados e depois drenados para o litoral”. O mesmo autor evidencia, para as Anharas do Moxico (N.º 20), a falta de núcleos comerciais mas menciona, porém, em relação à parte Centro-Norte da zona, a ocorrência da prática da secagem do peixe para fins comerciais²⁸.

Outros factos, para além do que foi assinalado, podem explicar esta fraca relação com o mercado. Por um lado, a pobreza dos solos do ponto de vista agrícola. É o que se verifica para a zona das Ganguelas (N.º 25), as Bundas e Luchazes (N.º 26/28) e o Cuando-Cubango (N.º 32), cujas populações locais apenas recorrem à produção agrícola para consumo próprio. Por outro, a quase inexistência de vias de comunicação, o que limita grandemente a possibilidade de desenvolver qualquer actividade orientada para o mercado. Nesta situação encontram-se o Alto Zambeze (N.º 21) e o Cuanhama (N.º 35). Em relação ao Alto Zambeze, Diniz (1973) ressalta as eventuais potencialidades agrícolas da zona, uma vez ultrapassada esta questão: “(...) quando estiver solucionado o problema das vias de

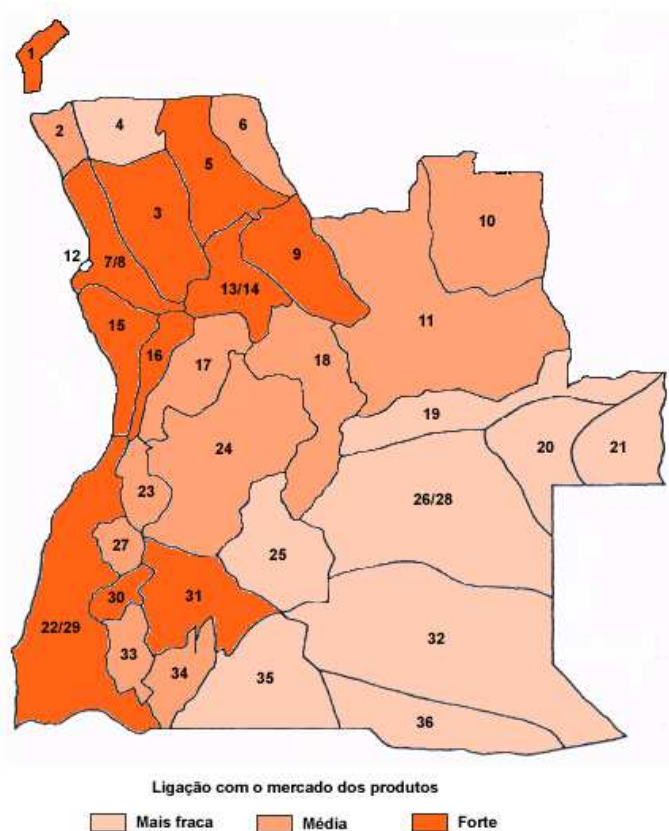
²⁷ Recorde-se que os indicadores calculados se referem apenas às 12 culturas que a MIAA considerou mais importantes e, também, ao gado bovino. Para além de outras culturas não consideradas, não foram tidas em linha de conta actividades por vezes mais importantes na economia das populações como, por exemplo, a pesca, a caça, a apicultura, a exploração florestal e a recollecção (Diniz, 1973).

²⁸ A este propósito Redinha (1966) comenta: “a produção de peixes atinge proporções de fenómeno, constituindo uma importante fonte de economia alimentar e do movimento comercial”.

acesso, de modo a permitir um escoamento fácil da produção, poderá esta zona agrícola vir a transformar-se num importante centro de desenvolvimento regional”. Já para o Cuanhama, o autor comprova a escassa relação das explorações com o mercado associando à limitação referida a elevada aridez do clima, razão que explica o peso da actividade pecuária nas explorações (79% do excedente médio por exploração deve-se à venda líquida de gado bovino)²⁹.

Com base no que acaba de ser exposto foi elaborado o Mapa 10, o qual traduz, ao nível das zonas agrícolas, o grau de ligação das explorações com o mercado dos produtos.

Mapa 10 – Angola. Agricultura Tradicional. Ligação das explorações com o mercado dos produtos



²⁹ Poucos anos antes, em 1963, Neto, em relação ao Cuanhama, refere o seguinte: “A economia do mercado está, por enquanto, numa fase inicial. Vendem os bois para pagar o imposto e comprar vestuário e bebidas (...)”.

4 – Energia, adubos e trabalho assalariado

Apesar da informação disponível – Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola – não ser suficiente para se obter uma ideia de síntese sobre a relação das explorações com os diferentes meios de produção e, assim, determinar o nível de aquisição por parte das explorações de produtos vindos do exterior, permite, no entanto, ficar-se com uma noção relativamente ao tipo de energia utilizada nas explorações. Os dados a que se teve acesso apenas para 19 das 31 zonas, e que se encontram compilados nos Recenseamentos Agrícolas de Angola, foram utilizados para tentar qualificar as explorações quanto ao uso de adubos, bem como ao recurso a trabalho assalariado.

4.1 – Energia

Quanto à energia utilizada na exploração, consoante a fonte de informação utilizada – recenseamentos ou estatísticas agrícolas –, a Missão de Inquéritos disponibilizou, ora os dados relativos à energia humana, animal e mecânica, ora apenas os referentes à energia humana e animal.

Ao analisar o quadro que se segue (Quadro 8) observa-se que existem zonas cujas explorações apenas recorrem exclusivamente a energia humana e zonas cujas explorações associam energia animal e/ou mecânica a este tipo energia.

Apesar da informação contida nas Estatísticas Agrícolas não apresentar dados sobre a utilização de energia mecânica, estes podem ser depreendidos pela diferença, para 100, da soma dos valores indicados pela MIAA para a energia exclusivamente humana e para a energia animal.

Seguiu-se este procedimento dado que, ao analisar a informação disponível unicamente para 19 zonas agrícolas, verifica-se que, regra geral, as zonas para as quais se considerou terem recurso a energia mecânica para o período 1970-71 já manifestavam a utilização desse tipo de energia anteriormente. Como se pode observar pela leitura do Quadro 8, esta situação não foi observada apenas para as zonas N.º 11 e N.º 17.

Deste modo, pode deduzir-se que, para 1970-71, parte dos empresários das seguintes zonas também utilizavam energia mecânica na exploração: N.º 3 (28%), N.º 5 (10%), N.º 7/8 (24%), N.º 9 (37%), N.º 11 (10%), N.º 15 (45%), N.º 16 (1%) e N.º 17 (10%). À excepção da Lunda (N.º 11), todas estas zonas agrícolas são zonas produtoras de algodão, ou então de café (Ver Anexo 12).

Contudo, não foi possível determinar a natureza da energia mecânica utilizada, se própria e/ou de terceiros. No que se refere aos dados contidos nos Recenseamentos Agrícolas, sabe-se que toda a energia mecânica utilizada é de terceiros (Ver Quadro 8).

Quadro 8 - Angola. Agricultura Tradicional. Energia utilizada na exploração

Zona Agrícola	Recenseamentos Gerais Agrícolas de Angola							Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola (ano agrícola: 1970-71) (1)					
	Explorações conforme a energia utilizada:												
	Total de explorações	Exclusivamente energia humana		Energia animal		Energia mecânica		Total de explorações	Exclusivamente energia humana		Energia animal		
		Própria e de terceiros	Só própria	Própria e de terceiros	Só própria	Própria e de terceiros	Só própria		Própria e de terceiros	Só própria			
(Nº)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(Nº)	(%)	(%)	(%)	(%)		
1 - Cabinda	12.395	83,0					17,0		14.477	100,0	46,2		
2- Litoral Norte									3.000	100,0	95,0		
3- Cafeicola Dembos-Uíge									61.276	72,5	56,3		
4- Subplanalto do Congo									7.552	100,0	98,0		
5- Planalto do Congo									15.703	90,0	65,0		
6- Cuango									28.969	100,0	90,0		
7/8 - Litoral de Luanda	17.649	94,4			1,5		4,1		13.131	75,8	60,1		
9 - Baixa de Cassange	37.317	64,5					35,5		26.943	63,0	60,0		
10 - Nordeste da Lunda	22.232	100,0							22.232	100,0	98,3		
11- Lunda									36.234	90,0	90,0		
13/14 - Planalto de Malange	47.755	69,3			0,2	0,2	30,5		74.038	81,9	75,4	18,4	9,6
15 - Litoral a Sul do Cuanza	7.776	74,8					25,2		8.519	55,1	49,6		
16 - Libolo-Amboim	33.359	85,8			0,6		13,7		37.629	98,4	71,9	0,8	
17 - Transição do Centro-Noroeste	34.115	89,1			10,9	1,3			41.926	83,8	68,8	6,0	
18 - Alto Cuanza	40.963	89,8			6,6	2,3	3,8		54.440	87,4	19,1	12,6	3,5
19- Influência do CFB-Leste									15.215	100,0	90,0		
20- Anharas do Moxico									17.977	100,0	98,4		
21- Alto Zambeze									13.161	100,0	95,0		
22/29 - Litoral-Sul	5.567	83,9			15,3	7,1	0,8		4.236	70,4	39,1	29,6	17,4
23 - Transição do Centro-Oeste	26.680	57,6			42,4	22,3	0,9		53.538	25,4	25,4	74,6	37,1
24 - Planalto Central	305.575	47,6			49,6	23,0	4,8		358.810	47,5	43,9	52,5	17,7
25 - Ganguelas	28.366	65,5			34,5	19,1	0,7		35.742	79,1	65,6	20,9	13,3
26/28- Bundas e Luchazes									22.026	90,0	80,0	10,0	5,0
27 - Quilengues	8.174	70,8			29,2	8,7			14.917	22,6	22,6	77,4	40,5
30 - Terras Altas da Huila	15.681	9,4			90,6	62,6	3,2		13.937	11,3	11,3	88,7	47,4
31 - Transição do Centro-Sul	27.614	9,5			89,9	57,9			27.614	2,5	2,5	97,5	60,5
32- Cuando-Cubango									9.224	60,0	50,0	40,0	20,0
33 - Gambos	6.793	40,2			52,4	12,8	16,8		9.829	29,7	26,8	70,3	31,9
34 - Baixo Cunene	5.292	48,6			51,4	31,3			4.056	10,0	10,0	90,0	67,2
35 - Cuanhama	13.409	49,2			50,4	26,7	0,4		13.409	26,1	26,1	73,9	43,4
36- Baixo Cubango									7.470	5,0	4,0	95,0	40,0

(1) A percentagem de energia mecânica utilizada nas explorações pode ser deduzida pela diferença, para 100, da soma das percentagens indicadas em relação ao recurso a energia humana e/ou animal.

Fonte: Recenseamentos Gerais Agrícolas de Angola (19 volumes); Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Pela análise da informação compilada nos Recenseamentos Agrícolas, ao comparar a utilização de energia mecânica com o rendimento bruto médio das explorações (Quadro 8 e Anexo 10) verifica-se que as zonas com um maior número de explorações que recorrem a este tipo de energia (percentagem superior a 14%) são zonas com valores médios de rendimento bruto mais elevados – Cabinda (N.º 1), Baixa de Cassanje (N.º 9), Planalto de Malanje (N.º 13/14), Litoral a Sul do Cuanza (N.º 15) e Libolo-Amboim (N.º 16).

De forma semelhante, ao proceder-se à mesma comparação com a dimensão económica média – ou seja, com base na informação contida nas Estatísticas Agrícolas – pode observar-se que excepto Cabinda (N.º 1), o Planalto de Malanje (N.º 13/14) e, como seria de esperar, as zonas pastoris – sem recurso à tracção mecânica –, são as zonas com um valor médio de dimensão económica mais elevado (classes 3 e 4) que recorrem a este tipo de energia.

A região do Planalto Central – inclui-se, para além da zona N.º 24, também a zona contígua de transição, zona das Ganguelas (N.º 25) – recorre apenas a energia humana e/ou animal, verificando-se não existirem praticamente diferenças entre o número de explorações que recorrem unicamente a energia humana e as que associam à energia humana também energia animal. Numa publicação de 1980 do Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral (CIDAC) pode ler-se: “A utilização, nesta área [do Planalto Central], da tracção animal permitiu aos camponeses responder parcialmente àquele processo [de grande concentração de colonos] e manter uma lavra (de auto-abastecimento e comercialização) onde trabalhava toda a família”.

As zonas pastoris também combinam estes dois tipos de energia, se bem que agora com um largo predomínio do recurso à energia animal aliada à energia humana (explorações que utilizam exclusivamente energia humana: 20%). A este propósito, Silva (2003) assinala a ocorrência de uma maior utilização da tracção animal, “em especial do boi de trabalho”. Ainda relativamente ao tipo de energia utilizado nas explorações refere quase não existir recurso a tracção mecânica nas explorações agro-pastoris.

Não se inclui nesta última afirmação o Litoral-Sul (Nº22/29) – zona do universo agro-pastoril com uma feição menos agrícola do que as restantes zonas que compõem este universo – onde há grande predomínio de energia exclusivamente humana (70%).

4.2 – Adubos

Como acima referido, a informação relativa a este meio de produção encontra-se compilada unicamente nos Recenseamentos Agrícolas, estando a informação apenas disponível para uma parte das zonas agrícolas. Os dados relativos à utilização de adubos por parte das explorações encontram-se no Quadro 9.

Quadro 9 - Angola. Agricultura Tradicional. Utilização de adubos na exploração

Zona Agrícola	Recenseamento Agrícola de Angola - Agricultura tradicional																
	Explorações	Superfície		Adubos orgânicos e minerais (explorações que utilizam, e superfície em relação à superfície agricultada)													
		Total	Agricult.	Estrume				Adubos minerais				Cinzas e detritos					
				(Nº)	(ha)	(ha)	(Nº)	(%)	(ha)	(%)	(Nº)	(%)	(ha)	(%)	(Nº)	(%)	(ha)
1 - Cabinda	12.395	48.216	42.947														
2- Litoral Norte																	
3- Cafeicola Dembos-Uíge																	
4- Subplanalto do Congo																	
5- Planalto do Congo																	
6- Cuango																	
7/8 - Litoral de Luanda	17.649	73.408	63.232														
9 - Baixa de Cassange	37.317	73.100	73.100														
10 - Nordeste da Lunda	22.232	85.479	85.090														
11- Lunda																	
13/14 - Planalto de Malange	47.755	196.628	172.810														
15 - Litoral a Sul do Cuanza	7.776	29.345	29.184														
16 - Libolo-Amboim	33.359	98.993	92.344														
17 - Transição do Centro-Noroeste	34.115	110.582	102.161										2.523	7,4	381	0,4	
18 - Alto Cuanza	40.963	109.659	104.162	5.943	14,5	2.491	2,4										
19- Influência do CFB-Leste																	
20- Anharas do Moxico																	
21- Alto Zambeze																	
22/29 - Litoral-Sul	5.567	17.949	16.125	709	12,7	716	4,4										
23 - Transição do Centro-Oeste	26.680	94.899	77.027	3.670	13,8	1.946	2,5						827	3,1	228	0,3	
24 - Planalto Central	305.575	2.725.350	1.705.573	83.338	27,3	63.992	3,8	4.311	1,4	1.464	0,1		20.105	6,6	15.093	0,9	
25 - Ganguelas	28.366	112.962	106.384	2.677	9,4	556	0,5										
26/28- Bundas e Luchazes																	
27 - Quilengues	8.174	17.020	15.225	490	6,0	1.018	6,7										
30 - Terras Altas da Huíla	15.681	74.665	57.833	209	1,3	289	0,5						1.187	7,6	61	0,1	
31 - Transição do Centro-Sul	27.614	215.084	193.813	6.684	24,2	9.337	4,8										
32- Cuando-Cubango																	
33 - Gambos	6.793	27.321	27.321	542	8,0	834	3,1										
34 - Baixo Cunene	5.292	46.857	26.644	4.305	81,3	12.269	46,0										
35 - Cuanhama	13.409	197.651	89.250	5.766	43,0	15.215	17,0										
36- Baixo Cubango																	

Fonte: Recenseamentos Gerais Agrícolas de Angola (19 volumes).

Pela leitura do quadro anterior observa-se que a utilização de adubos nas explorações se resume essencialmente ao uso de estrumes. Facilmente se depreende serem as zonas pertencentes ao complexo do leite, ou zonas agro-pastoris, as que mais recorrem a este meio de produção, com particular destaque para o Baixo Cunene (N.º 34) e o Cuanhama (N.º 35), quer em termos do número de explorações que utilizam, quer em termos de superfície adubada. Tal se deve ao facto de nestas duas regiões as culturas serem praticadas em rotação com o curral (Diniz, 1973). Evidenciam-se ainda as zonas do Planalto Central (N.º 24) e de Transição do Centro-Sul (N.º 31). A primeira, por se tratar de uma zona onde se pratica, em razão da forte influência colonial, uma agricultura dita evoluída e, a segunda, por ser uma zona em que a agricultura se encontra já mais orientada para o comércio (Mapa 4). De referir, por último, para confirmar o que acaba de ser exposto, o facto do Planalto Central ser, segundo os dados disponíveis, a única zona agrícola a recorrer ao uso de adubos de origem mineral.

4.3 – Trabalho assalariado

Não obstante o facto da informação relativa aos encargos com mão-de-obra assalariada eventual não ter sido incluída nas Estatísticas Correntes Agrícolas, recorreu-se aos dados existentes nos Recenseamentos Gerais Agrícolas, para procurar identificar qual o tipo de exploração que recorre ao trabalho assalariado de carácter temporário.

Os resultados encontram-se compilados no Quadro 10. Como se pode verificar, são poucas as zonas com recurso a este tipo de mão-de-obra e, das que o fazem, pode ainda afirmar-se que se deve a um número reduzido de explorações. Da leitura do quadro percebe-se que a percentagem de explorações que tem encargos com mão-de-obra nunca ultrapassa os 23%.

Este conjunto de zonas corresponde às explorações que produzem directamente para o mercado, isto é, que se dedicam a culturas meramente comerciais. Nomeadamente, as zonas produtoras de café – Cabinda (N.º 1), o Libolo-Amboim (N.º 16), a Transição do Centro-Noroeste (N.º 17) e, em menor grau, o Planalto de Malanje (N.º 13/14) –, e as zonas do algodão – a Baixa de Cassange (N.º 9) e o Litoral de Luanda (N.º 7/8). As zonas produtoras de café são as zonas para as quais se registam custos médios mais elevados (Ver, também, Anexo 13).

Quadro 10 - Angola. Agricultura Tradicional. Encargos com mão-de-obra

Zona Agrícola	Recenseamentos Agrícolas de Angola				
	Explorações	Explorações com encargos com mão-de-obra eventual			
		(Nº)	(%)	Encargos:	
				totais	médios por exploração
	(Nº)			(escudos)	(escudos)
1 - Cabinda	12.395	2.842	22,9	600.956	211,5
2- Litoral Norte					
3- Cafeicola Dembos-Uíge					
4- Subplanalto do Congo					
5- Planalto do Congo					
6- Cuango					
7/8 - Litoral de Luanda	17.649	1.106	6,3	218.799	197,8
9 - Baixa de Cassange	37.317	4.172	11,2	253.743	60,8
10 - Nordeste da Lunda	22.232				
11- Lunda					
13/14 - Planalto de Malange	47.755	3.537	7,4	664.792	188,0
15 - Litoral a Sul do Cuanza	7.776				
16 - Libolo-Amboim	33.359	5.220	15,6	1.892.796	362,6
17 - Transição do Centro-Noroeste	34.115	4.405	12,9	757.906	172,1
18 - Alto Cuanza	40.963				
19- Influência do CFB-Leste					
20- Anharas do Moxico					
21- Alto Zambeze					
22/29 - Litoral-Sul	5.567				
23 - Transição do Centro-Oeste	26.680	6.034	22,6	312.406	51,8
24 - Planalto Central	305.575				
25 - Ganguelas	28.366				
26/28- Bundas e Luchazes					
27 - Quilengues	8.174				
30 - Terras Altas da Huíla	15.681				
31 - Transição do Centro-Sul	27.614				
32- Cuando-Cubango					
33 - Gambos	6.793				
34 - Baixo Cunene	5.292				
35 - Cuanhama	13.409				
36- Baixo Cubango					

Fonte: Recenseamentos Agrícolas de Angola, 19 volumes.

Resta mencionar a zona de Transição do Centro-Oeste (N.º 23), para a qual também se registam encargos com mão-de-obra, por se tratar de uma zona onde se concentram as plantações de sisal (Silva, 2003).

De notar que a zona do Litoral a Sul do Cuanza (N.º 15), cuja cultura do café representa 98% do excedente médio das explorações (Anexo 13), não apresenta quaisquer custos associados ao trabalho assalariado. Ainda em relação a esta zona, verifica-se, com base nos Quadros 6, 7 e Anexo 10, tratar-se de uma zona com valores médios de dimensão económica e rendimento bruto dentro dos mais elevados e com grande orientação para o

mercado – o excedente médio por exploração representa 88% do valor médio de dimensão económica. Provavelmente nesta zona serão os próprios empresários que, juntamente com a família, representam a grande maioria da força de trabalho nas explorações dedicando, assim, uma parte importante do seu tempo às actividades praticadas na exploração.

Ainda relativamente à mão-de-obra assalariada, Rela (1969) comenta, citando Gourou (1966), que a partir de 1960 a tendência foi para o seu decréscimo, em razão da crescente mecanização das actividades e de “um movimento racionalizador e de retraimento do emprego de mão-de-obra, consequência da elevação dos salários e de outros encargos sociais ultimamente verificados”.

Apesar de não se dispor de informação, para 1970, para confirmar a afirmação anterior, verifica-se pelo Quadro 8 que se deu um aumento da utilização de energia mecânica em pelo menos três zonas, com destaque para o Litoral de Luanda.

5 – As famílias agrícolas e o mercado do trabalho

Tendo em vista uma melhor percepção da dinâmica das explorações agrícolas familiares na sua relação com o mercado do trabalho, procedeu-se à análise das diferentes zonas agrícolas em função da ocupação dos seus empresários. Ou seja, consoante estes dediquem ou não todo o seu tempo às actividades praticadas na exploração, em função de exercerem alguma outra actividade exterior à exploração. Nesse âmbito, foram também estudados os fluxos migratórios das populações.

5.1 – Ocupação dos empresários

Nos dados divulgados pela MIAA, quer nas Estatísticas Correntes, quer nos Recenseamentos Agrícolas, caracterizaram-se as explorações em função da ocupação dos seus empresários. Ou seja, classificaram-se as explorações consoante os seus empresários se dedicassem inteiramente ou não às actividades a elas associadas. Assim, foram definidos três tipos de explorações (MIAA, 1972):

Explorações cuja ocupação dos empresários seja exclusivamente na própria exploração

Explorações em que os empresários dedicam todo o seu tempo às actividades inerentes à exploração agrícola.

Explorações cuja ocupação dos empresários seja principalmente na própria exploração

Explorações cuja actividade como empresário agrícola seja a mais importante podendo este também, no entanto, dedicar uma parte muito reduzida do seu tempo a outras actividades, quer seja por conta própria, quer por conta de outrem.

Explorações cuja ocupação dos empresários seja acessoriamente na própria exploração

Explorações em que os empresários têm outra actividade como ocupação principal, empregando muito pouco do seu tempo à exploração.

Os dados relativos à ocupação dos empresários foram compilados no quadro que se segue (Quadro 11). Relativamente à informação disponível para apenas 19 zonas agrícolas – Recenseamentos Agrícolas –, incorporou-se também a informação que diz respeito à ausência dos empresários por longos períodos de tempo, e que corresponde ao número de empresários que trabalham fora da própria exploração durante grande parte do ano.

Para cada uma das zonas subtraiu-se ao número total de empresários todos aqueles que se dedicam exclusivamente à exploração obtendo-se, assim, o que se designou por trabalho fora da exploração (Quadro 11, Mapa 11). Em seguida, classificaram-se as zonas consoante a percentagem de empresários a exercer uma actividade fora da exploração.

Ao comparar-se o valor da dimensão económica por exploração com a percentagem de empresários que trabalham fora da exploração (Quadros 6 e 11), verificou-se não haver correlação entre ambos. Ou seja, na classe onde mais de 50% dos empresários trabalham fora da exploração não fazem parte apenas zonas com valores de dimensão económica inferiores. Não se pode concluir que apenas os empresários com menores rendimentos relativamente às actividades agrícola e pecuária bovina procuram alternativas ao trabalho na exploração. Porém, ao analisar as zonas com valores de dimensão económica mais

elevados (classes 3 e 4) observa-se que a maior parte dos empresários que trabalha fora da exploração agrícola fá-lo por ter outra actividade principal dedicando, assim, uma ínfima parte do seu tempo à exploração.

A este propósito Rela (1969) refere, no caso concreto de Cabinda, um crescente desprendimento por parte dos empresários em relação à actividade agrícola, devido aos avultados salários que a indústria petrolífera em franca expansão oferece em alternativa. De facto, ao comparar-se para esta zona a evolução do trabalho fora da exploração entre o Recenseamento Agrícola e as Estatísticas Agrícolas (Quadro 11), verifica-se que um aumento de cerca de 57%, que se deve, quase na íntegra, ao aumento do número de empresários acessoriamente ligados à própria exploração.

Do lado oposto surge a Baixa de Cassanje – pertencente às mesmas classes de dimensão económica e rendimento bruto médios do que Cabinda – em que a quase totalidade dos seus empresários trabalha a tempo inteiro na exploração (mais de 90%). O mesmo autor salienta o facto de nesta zona agrícola quase não se fazer sentir emigração por parte das populações locais, uma vez serem os próprios empresários agrícolas rurais os principais produtores de algodão da zona.

No que se refere aos dados retirados dos Recenseamentos Agrícolas (Quadro 11 e Anexo 10), para 19 zonas, também não existe correlação entre o rendimento bruto da exploração e a percentagem de empresários que trabalham fora. Da mesma forma, ao analisar o rendimento bruto com a percentagem de empresários que se ausentam por longos períodos de tempo, verifica-se não haver uma ligação entre ambos. Mais uma vez se verifica que a procura de uma actividade complementar não se prende com os rendimentos dos empresários. Ou, pelo menos, não só. Se olharmos para Cabinda (N.º 1) e o Litoral a Sul do Cuanza (N.º 15) – as duas zonas agrícolas com um rendimento bruto médio por exploração superior comparativamente às restantes 17 zonas para as quais se dispõe informação –, mais de 50% dos seus empresários exerce uma actividade fora da exploração e um número significativo ausenta-se da exploração por longos períodos (Cabinda, 15%; Litoral a Sul do Cuanza, 34%). Isto significa que, apesar de terem rendimentos médios mais elevados, migram durante vários meses para exercerem uma actividade com um rendimento associado mais elevado.

Quadro 11 - Angola. Agricultura Tradicional. Ocupação dos empresários

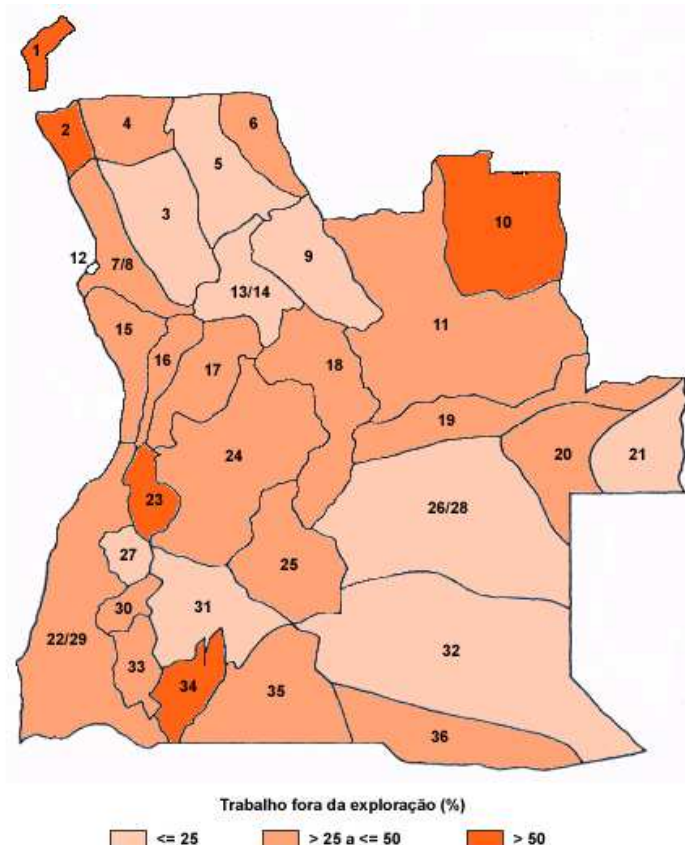
Zona Agrícola	Ocupação dos empresários - Trabalho fora da exploração													
	Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola (70/71)							Recenseamentos Agrícolas de Angola						
	Total de empresários	Principalmente na exploração	Acessoriamente na exploração	Trabalho fora da exploração			Total de empresários	Principalmente na exploração	Acessoriamente na exploração	Trabalho fora da exploração			Empresários ausentes por longos períodos	
	(Nº)	(%)	(%)	(Nº)	(%)	(classes)	(Nº)	(%)	(%)	(Nº)	(%)	(classes)	(Nº)	(%)
3- Cafeicola Dembos-Uíge	61.276	9	12	12.661	21	1								
5- Planalto do Congo	15.703	20		3.141	20	1								
9 - Baixa de Cassange	26.943	3	6	2.315	9	1	37.317	5	2	2.663	7	1	621	2
13/14 - Planalto de Malange	74.038	11	10	15.497	21	1	47.755	26	5	14.755	31	2	1.306	3
21- Alto Zambeze	13.161	15	5	2.632	20	1								
26/28- Bundas e Luchazes	22.026	15	5	4.405	20	1								
27 - Quilengues	14.917	6	15	3.181	21	1	8.174	40	16	4.585	56	3	2.065	25
31 - Transição do Centro-Sul	27.614	8	14	6.135	22	1	27.614	15	6	5.808	21	1	1.019	4
32- Cuando-Cubango	9.224	15	5	1.845	20	1								
4- Subplanalto do Congo	7.552	25	25	3.776	50	2								
6- Cuango	28.969	20	15	10.139	35	2								
7/8 - Litoral de Luanda	13.131	3	25	3.698	28	2	17.649	29	24	9.413	53	3	835	5
11- Lunda	36.234	10	25	12.682	35	2								
15 - Litoral a Sul do Cuanza	8.519	12	21	2.804	33	2	7.776	21	34	4.308	55	3	2.657	34
16 - Libolo-Amboim	37.629	15	33	18.103	48	2	33.359	34	22	18.729	56	3	1.694	5
17 - Transição do Centro-Noroeste	41.926	14	21	14.957	36	2	34.115	41	6	16.120	47	2	1.228	4
18 - Alto Cuanza	54.440	22	12	18.076	33	2	40.963	19	1	8.007	20	1	3.810	9
19- Influência do CFB-Leste	15.215	20	20	6.086	40	2								
20- Anharas do Moxico	17.977	20	10	5.393	30	2								
22/29 - Litoral-Sul	4.236	7	19	1.127	27	2	5.567	28	6	1.893	34	2	266	5
24 - Planalto Central	358.810	11	31	151.853	42	2	305.575	32	5	113.946	37	2	25.526	8
25 - Ganguelas	35.742	14	26	14.149	40	2	28.366	31	10	11.843	42	2	3.777	13
30 - Terras Altas da Huíla	13.937	3	28	4.341	31	2	15.681	13	30	6.699	43	2	6.149	39
33 - Gambos	9.829	17	17	3.329	34	2	6.793	9	4	898	13	1	539	8
35 - Cuanhama	13.409	7	19	3.569	27	2	13.409	41	4	6.078	45	2	546	4
36- Baixo Cubango	7.470	13	15	2.084	28	2								
1 - Cabinda	14.477	31	54	12.247	85	3	12.395	32	22	6.729	54	3	1.837	15
2- Litoral Norte	3.000	40	30	2.100	70	3								
10 - Nordeste da Lunda	22.232	33	19	11.561	52	3	22.232	17	25	9.304	42	2	991	4
23 - Transição do Centro-Oeste	53.538	22	33	29.556	55	3	26.680	20	52	19.222	72	3	960	4
34 - Baixo Cunene	4.056	5	45	2.053	51	3	5.292	8	7	799	15	1	26	0

Trabalho fora da exploração (%):

1 ≤ 25; 2 > 25 a ≤ 50; 3 > 50

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972; Recenseamentos Agrícolas de Angola, 19 volumes.

Mapa 11 – Angola. Agricultura Tradicional. Trabalho fora da exploração



A leitura do mapa anterior (Mapa 11) permite identificar, para além de Cabinda, outras quatro zonas em que mais de 50% dos empresários trabalham fora da exploração. Concretamente, as zonas N.º 2, N.º 10, N.º 23 e N.º 34. Quanto à primeira, Litoral Norte, refere-se aqui a grande importância da actividade piscatória na economia da zona (Carvalho, 1963). Relativamente ao Nordeste da Lunda, o mesmo autor salienta a “influência directa da Companhia dos Diamantes de Angola”. No que se refere às duas zonas pertencentes ao complexo do leite – também designado por complexo de ordenha –, a alternativa ao trabalho na exploração agrícola – voluntária ou, mais frequentemente, por necessidade – dá-se de duas formas distintas. No caso da zona de Transição do Centro-Oeste (N.º 23), a oferta de mão-de-obra direccionou-se essencialmente para “a indústria, o comércio e o sector dos serviços urbanos” e, também, uma vez abolido o trabalho forçado, para a construção de estradas e caminhos-de-ferro (Silva, 2003). Já para a zona do Baixo Cunene (N.º 34)³⁰, o trabalho complementar ao da exploração agrícola prendia-se com a actividade mineira nas minas da Namíbia. Segundo a autora, esta corrente migratória estava relacionada com o facto de “os salários ali praticados [no sul da fronteira] e as demais

³⁰ Para além do Baixo Cunene, o mesmo se verificava, no entanto em menor proporção, para trabalhadores das zonas N.º 22/29 (sobretudo do Sul da zona), e N.º 31. Para além das minas da Namíbia, deslocavam-se igualmente para a África do Sul.

condições de trabalho serem, via de regra, substancialmente melhores do que os oferecidos em Angola”.

Assiste-se em certas zonas a uma crescente “proletarização” das populações que, em razão das constantes dificuldades a que estão sujeitas (falta de terras, elevadas densidades, condições ecológicas desfavoráveis à prática agrícola, dívidas aos comerciantes, etc.), não têm outra opção senão a de oferecer a sua força de trabalho para tentar subsistir e, se possível, ainda obter algum rendimento. O Planalto Central (N.º 24) e o Baixo Cunene (N.º 34) são dois exemplos que reflectem bem esta realidade.

No primeiro caso, com o fim das caravanas de borracha, o povo Ovimbundo do Planalto, perfeitamente integrado no mercado dos produtos – dadas as transacções monetárias efectuadas com os comerciantes brancos através da venda de borracha – e, consequentemente, inteiramente dependente de uma economia monetária, tem como única alternativa a prática de uma agricultura de comércio³¹. No entanto, a crescente colonização branca do Planalto, incitando um aumento da produção por parte das populações locais – agora com muito menos terra disponível para cultivo – e a prática desenfreada da actividade agrícola (uso indiscriminado da charrua, pousios cada vez mais curtos, etc.) levou a que, tal como o descreve Pössinger (1986), a agricultura deste povo se transformasse “numa agricultura semi-comercial (...) que permitia comercializar apenas a produção excedente às necessidades da família”. Cada vez mais pobres, estes agricultores vêem no trabalho por conta de outrem a única forma viável de tentar ultrapassar as necessidades monetárias da família.

Em relação ao Baixo Cunene (N.º 34), que Silva (2003) refere ser um bom exemplo de proletarização, esta transformação de agro-pastores em assalariados deve-se essencialmente, segundo a autora, a “condições ecológicas [que] impõem limitações severas às possibilidades da agricultura, (...) [e à] impossibilidade crescente de fazer frente às exigências combinadas da subsistência e da extracção administrativo-comercial, por meio da economia tradicional agro-pastoril”.

Antes de abordar o tema relativo aos fluxos migratórios, confirmar apenas a hipótese levantada no ponto anterior para a zona N.º 15. Recorde-se que nesta zona do café, segundo os dados publicados nos Recenseamentos Agrícolas, não se registam quaisquer encargos com mão-de-obra. Apresentou-se então, como possível razão, o facto de serem os próprios empresários, juntamente com os restantes membros do agregado familiar, a exercer todas as tarefas inerentes às actividades praticadas na exploração. Pela leitura do

³¹ A agricultura de comércio desenvolveu-se essencialmente em torno da cultura do milho, durante o período subsequente à Primeira Guerra Mundial. Silva (1973) refere que em 1960 cerca de 80% do milho exportado por Angola provinha do Planalto Central. Entre 1960 e 1969, as exportações de milho passaram de 31.964 a 177.393 toneladas, o que corresponde a um aumento de cerca de 420%. (Wheeler, 2009).

Quadro 11, verifica-se que apesar de mais de metade dos empresários trabalharem fora da exploração, apenas cerca de 30% o fazem por terem outra ocupação principal, ausentando-se, para o efeito, durante longos períodos de tempo. Nestes casos o trabalho na exploração fica a cargo dos familiares. Quando se comparam estes valores com os das Estatísticas Correntes, observa-se uma tendência para uma maior dedicação por parte dos empresários às actividades da exploração. Posto isto, não parece então errada a hipótese de nesta zona os trabalhos próprios da exploração serem efectuados apenas com recurso a mão-de-obra familiar.

5.2 – Fluxos migratórios

Sendo a quase totalidade da população de Angola uma população rural, não se erra ao afirmar que a maior parte da sua mão-de-obra é rural. Acresce ainda o facto de no período a que se refere o presente trabalho o sector secundário em Angola não ter grande expressão, ao contrário do sector primário. Como tal, é essa mesma mão-de-obra rural que mais influência tem no “dinamismo espacial da população” (Rela, 1969).

Várias razões estarão na origem das migrações e o certo é que não se fazem sentir sempre da mesma forma. Basta olhar para o Quadro 11 e perceber que em anos diferentes haverá mais ou menos migrações, mais ou menos longas, consoante as necessidades e possibilidades dos chefes de família ou empresários.

No entanto, devido a razões de vária ordem, naturalmente que algumas zonas terão tendencialmente mais necessidade de mão-de-obra do que outras. É o caso, por exemplo, de zonas com altos rendimentos – como as zonas N.º 7/8, N.º 9 e N.º 13/14 –, em que as empresas – sector empresarial – precisam recrutar mão-de-obra do exterior, uma vez que os naturais – sector tradicional – preferem dedicar-se eles próprios às actividades agrícolas, podendo, em certos casos contribuir, mesmo que pouco, para a contratação de mão-de-obra – tal como acontece também para a zona N.º 23, mesmo com um nível mais baixo de rendimento.

Do lado da oferta podem referir-se zonas muito densamente povoadas – como o Planalto Central –, onde a pressão demográfica se faz sentir³², mas também zonas muito pouco povoadas e com poucos recursos, como algumas zonas do Sul e Leste de Angola, com valores de dimensão económica ou rendimento bruto médios mais baixos. É o caso, por exemplo, da zona N.º 32, em que a agricultura e a recollecção têm como única finalidade o auto-consumo das populações e em que, dada a “impossibilidade de comercialização, os

³² Como referido anteriormente, na zona do Planalto Central, por se tratar de uma “zona típica de implantação colonial”, isto é, sujeita à ocupação das terras mais férteis por parte dos colonos – resultando inevitavelmente numa redução de terra disponível para a população camponesa –, começa a haver uma crescente oferta de mão-de-obra por parte da população autóctone (Ver CIDAC, 1980).

homens válidos são obrigados a procurar obtenção de numerário no trabalho por conta de outrem”³³ (Carvalho, 1963).

Também pode ocorrer que, tal como já foi mencionado em relação a Cabinda, mesmo zonas com altos rendimentos possam estar do lado da oferta, em razão da existência de actividades economicamente mais vantajosas do que a actividade agrícola. Para esta zona, referem-se mais uma vez actividades como a exploração madeireira e petrolífera³⁴ (Diniz, 1973).

O quadro que se segue evidencia os fluxos migratórios ocorridos em 1964 e 1967.

Quadro 12 - Angola. Origens e destinos da mão-de-obra rural

Distrito	Emigração		Distrito	Imigração	
	1964	1967		1964	1967
Huambo	39.166	57.995	Cuanza-Norte	27.488	36.064
Bié	29.363	32.704	Uíge	22.945	34.053
Huíla	7.844	8.673	Cuanza-Sul	15.264	10.824
Malanje	5.919	4.618	Benguela	9.035	6.807
Moxico	2.479	148	Lunda	7.289	1.656

Fonte: Rela, 1969.

Os fluxos migratórios também dependem da maior ou menor necessidade das populações, não sendo, como já se referiu, constantes ao longo dos anos. Em anos piores a procura de trabalho fora da exploração (assalariado) tem tendência a aumentar, sobretudo por parte dos homens adultos. Em anos bons a oferta de trabalho, tal que seria de esperar, decresce. (Rela, 1969).

As migrações podem ser de curta ou longa duração. O mesmo autor refere, a este propósito, que as migrações de curta duração se fazem sentir em “períodos mortos do ciclo cultural”, geralmente sem a celebração de qualquer espécie de contrato, para poderem comprar algum vestuário ou pagar prestações relativas ao alembamento. A mão-de-obra desloca-se para locais relativamente próximos – agricultura empresarial local – e durante poucos meses (por exemplo, de Malanje para o Uíge e do Huambo para o Cuanza-Sul para a colheita do café).

Regra geral, as migrações de longa duração implicam a existência de um contrato. Têm usualmente uma duração de um ano, e até mais, podendo os chefes de família levar

³³ Deprimindo-se, frequentemente, com situações de carência alimentar, acabam muitas vezes por oferecer força de trabalho em troca de alimentos. Guerreiro (1968) menciona que em momentos de maior aperto “não têm outro remédio senão socorrer-se de seus vizinhos Bantos (...) e ajudam-nos nos trabalhos agrícolas e pastoris”. O mesmo autor acrescenta ainda que, com a crescente procura de mão-de-obra indígena por parte das empresas ligadas à actividade piscatória e das plantações de café e sisal, cada vez mais bochimanos se deslocam até o Amboim, Moçâmedes, Benguela e, também, Luanda.

³⁴ Se em 1960 Angola não exportava ainda nem fuelóleo, nem petróleo, já em 1969 exportava, respectivamente, 2.508.000 e 1.502.391 toneladas. No que se refere à madeira, nestes nove anos Angola passou de exportar 90.674 para 152.071 toneladas. O que representa um aumento de quase 70% (Wheeler, 2009).

consigo a família. A sua expressão é maior nas zonas onde se estabeleceram as explorações agrícolas europeias – sector empresarial –, geralmente as que se encontram mais voltadas para o mercado externo. Mas este tipo de migração, pelas despesas adicionais que pode acarretar, não é tão incentivado (Rela, 1974).

Como exemplo recorda-se, mais uma vez, a deslocação de mão-de-obra agrícola proveniente do Planalto Central tendo como principal destino as “concessões europeias” agrícolas das zonas que constituem o complexo de leite (Silva 2003). Como refere a autora, a falta de mão-de-obra local na agricultura empresarial – plantações europeias de sisal na zona N.º 23; de tabaco na zona N.º 27; de cana-de-açúcar no norte da zona N.º 22/29 –, resultante da “resistência dos agro-pastores a este tipo de emprego, considerado humilhante e mal pago” obrigou à contratação de maciça de trabalhadores vindos do exterior.

De mencionar, igualmente, as migrações da população rural das zonas do Leste de Angola e também do Sul (Huíla) para fora do território, em direcção à Zâmbia e à Namíbia, onde podem encontrar condições mais apelativas.

Não se pode deixar de indicar, por fim, o êxodo rural em direcção à cidade. Wheeler (2009) refere, para além das migrações de mão-de-obra para os países vizinhos – Namíbia, República Democrática do Congo, Zâmbia e África do Sul –, um aumento, a partir de 1961, do fluxo migratório da população africana para as cidades angolanas.

6 – Agricultura Tradicional: uma perspectiva de síntese

Condicionalismos ecológicos (clima, relevo, solo, etc.), e a resposta por parte dos homens a esses mesmos condicionalismos – tendo em vista uma melhor adaptação ao meio –, resultaram na distribuição da população pelo território angolano.

Sendo a quase totalidade da sua população essencialmente rural, de etnias distintas e, como tal, com estruturas socioeconómicas diversas, não se pode atribuir a Angola um só mundo rural, mas vários. A estes rurais estão naturalmente associados diferentes tipos de economia praticados. Desde povos, no Sudeste, com uma economia orientada para a caça e a recollecção, quase sem aliar qualquer tipo de produção agrícola; povos de economia agrícola, no Norte, com excedente para permuta, mas sem pecuária; povos de economia pastoril, no Litoral-Sul e Sul; e, finalmente, povos de economia agro-pastoril, no Centro.

Com base nas questões já abordadas em pontos anteriores procurou-se fazer uma análise de síntese da agricultura tradicional angolana. Nesse âmbito efectuou-se, num primeiro momento, uma breve comparação entre os dois sectores que caracterizam a agricultura de Angola: o sector empresarial e o sector tradicional. Posteriormente, procedeu-se à divisão do território em grandes regiões agrícolas, consoante a densidade populacional das zonas e o tipo de actividade praticada predominante, agricultura ou agro-pastorícia.

6.1 – Agricultura tradicional e agricultura empresarial

No trabalho que foi desenvolvendo no último período colonial, a MIAA definiu para a agricultura angolana dois sectores distintos. O sector empresarial, equivalente ao que se designa por agricultura organizada, e que corresponde essencialmente à exploração agrícola europeia, na qual se pratica uma “cultura de plantação” completamente orientada para o mercado. Tratam-se sobretudo das grandes plantações de café, sisal, algodão, entre outros, mas do qual também faz parte, em algumas regiões, o “pequeno agricultor, normalmente trabalhador directo da terra”, que pratica também culturas para o mercado – feijão, tabaco, etc. – mas, no entanto, de menor valor acrescentado. Ou seja, produtores de menor dimensão, organizados em função do mercado e recorrendo a tecnologia moderna. O outro sector, o sector tradicional, representa a agricultura camponesa, e tem como principal finalidade “produzir hidratos de carbono, base da alimentação humana”. No fundo, o sector tradicional corresponde à prática de uma “agricultura itinerante” (Rela, 1969).

Com base na informação disponível nas Estatísticas Correntes, elaborou-se o Quadro 13 no qual se pode facilmente comparar o peso de ambos os sectores para o conjunto das culturas apontadas pela MIAA como sendo as mais importantes.

Ao analisarem-se os valores referentes à produção agrícola do sector tradicional para o conjunto das zonas agrícolas, verifica-se serem o milho (31%), a mandioca (26%), o café (15%) e o feijão (10%), as culturas que mais contribuem para o total da produção. O que corresponde a duas culturas alimentares – se bem que o milho, como já se viu anteriormente, também pode ser considerado uma cultura para fins comerciais – e duas culturas de mercado, no entanto, com maior destaque para o café. Seguindo o mesmo procedimento para o sector empresarial, como seria de esperar, obtêm-se duas culturas de plantação tendo como principal destino o mercado externo: o café (86%) e o algodão (8%).

Ao efectuar-se agora a comparação, cultura a cultura, entre os dois sectores que caracterizam a agricultura de Angola, pode concluir-se que, excepto para as culturas que integram a dieta alimentar das populações – massango, massambala, mandioca e milho – e

para as culturas comerciais de valor acrescentado mais baixo – feijão e milho –, a agricultura empresarial tem maior peso no valor da produção ao nível do país.

Quadro 13 - Angola. Produção das 12 principais culturas. Agricultura tradicional e empresarial

12 principais culturas	Valor da produção	Agricultura tradicional		Agricultura empresarial		Total Geral	
		10 ³ (Esc)	(%)	10 ³ (Esc)	(%)	10 ³ (Esc)	(%)
Trigo	10 ³ (Esc)	26.372	42,6	35.547	57,4	61.919	100,0
	(%)	1,0		0,8		0,9	
Arroz	10 ³ (Esc)	60.632	45,9	71.579	54,1	132.211	100,0
	(%)	2,4		1,6		1,9	
Massango	10 ³ (Esc)	50.316	100,0		0,0	50.316	100,0
	(%)	2,0		0,0		0,7	
Massambala	10 ³ (Esc)	36.642	100,0		0,0	36.642	100,0
	(%)	1,4		0,0		0,5	
Milho	10 ³ (Esc)	791.004	95,4	37.989	4,6	828.993	100,0
	(%)	31,2		0,9		12,0	
Feijão	10 ³ (Esc)	251.924	95,9	10.820	4,1	262.744	100,0
	(%)	9,9		0,2		3,8	
Batata	10 ³ (Esc)	77.960	44,2	98.262	55,8	176.222	100,0
	(%)	3,1		2,2		2,6	
Algodão	10 ³ (Esc)	97.102	21,5	354.917	78,5	452.019	100,0
	(%)	3,8		8,1		6,5	
Mandioca	10 ³ (Esc)	665.007	100,0		0,0	665.007	100,0
	(%)	26,2		0,0		9,6	
Amendoim	10 ³ (Esc)	92.987	98,0	1.860	2,0	94.847	100,0
	(%)	3,7		0,0		1,4	
Café	10 ³ (Esc)	374.278	9,1	3.758.240	90,9	4.132.518	100,0
	(%)	14,8		86,0		59,8	
Palmeiras de óleo	10 ³ (Esc)	12.143	100,0		0,0	12.143	100,0
	(%)	0,5		0,0		0,2	
TOTAL	10 ³ (Esc)	2.536.367	36,7	4.369.214	63,3	6.905.581	100,0
	(%)	100,0		100,0		100,0	

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Em relação ao valor total da produção, o peso da agricultura empresarial (64%) representa quase o dobro da percentagem referente ao sector tradicional. De notar apenas que, apesar do número total de explorações que compõem o sector empresarial não ter sido indicado na informação utilizada, o número total correspondente ao sector tradicional é, sem sombra de dúvidas, muito superior ao do empresarial. Isto é, tem-se em 1970-71, para a agricultura empresarial, um número relativamente reduzido de explorações a produzir (em valor monetário) quase o dobro do que a agricultura tradicional, com 1.067.230 explorações.

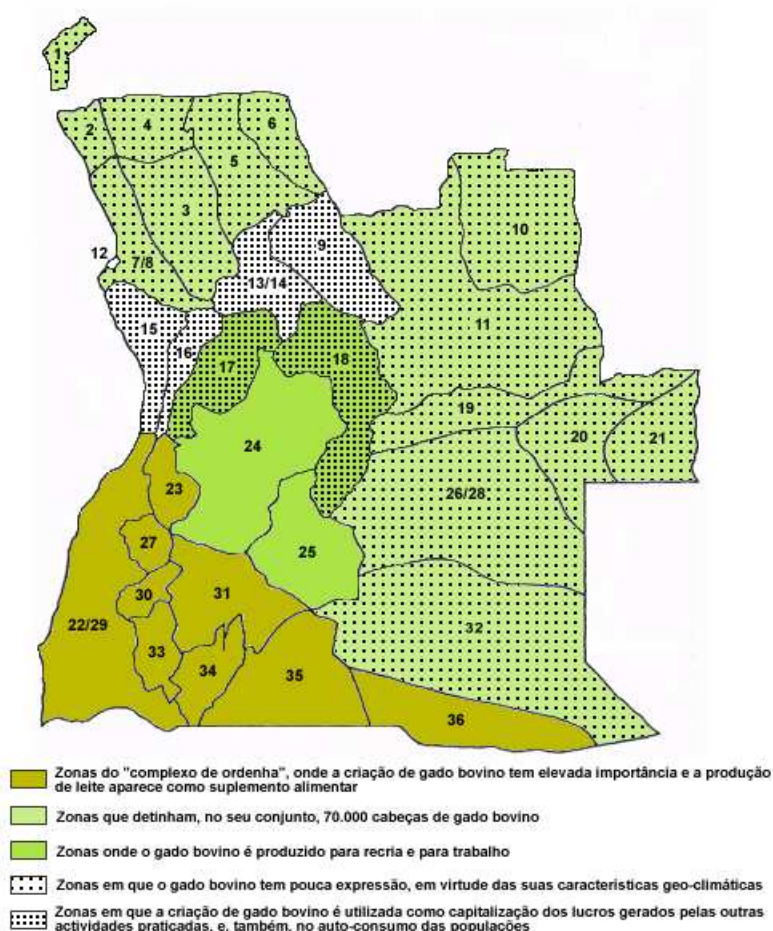
6.2 – Grandes regiões

Para efeitos de síntese da agricultura tradicional em Angola nos últimos anos do período colonial, dividiu-se, como acabado de referir, o território em grandes regiões. Os critérios utilizados apresentam-se de seguida.

6.2.1 – Definição

A divisão do território angolano em grandes regiões agrícolas baseou-se, numa primeira fase, na distinção entre o universo agrícola e o pastoril. Esta diferenciação, que se pode ler no mapa que se segue (Mapa 12), foi elaborada com base no mapa da zonagem agrícola de Carvalho (1963) e na informação contida nas Estatísticas Correntes Agrícolas. Corresponde à separação das zonas pertencentes ao “complexo da ordenha” das restantes zonas agrícolas.

Mapa 12 – Angola. Agricultura Tradicional. Gado bovino

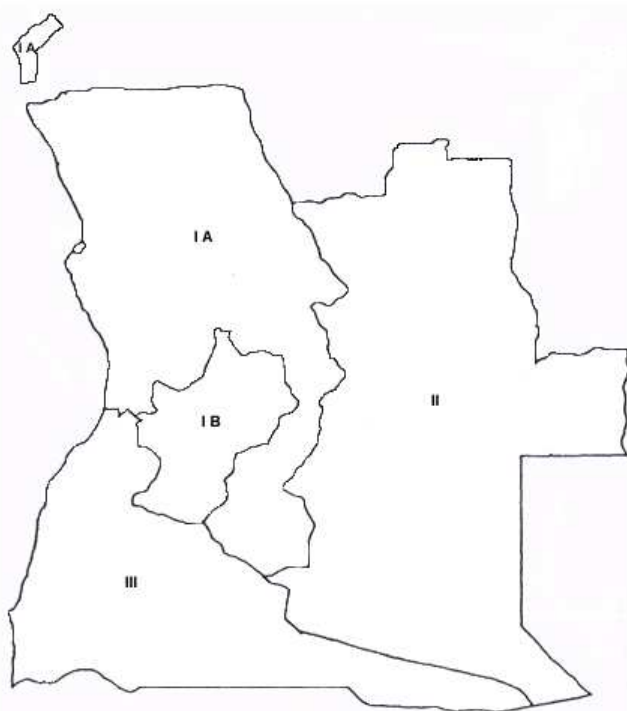


Numa segunda fase, procedeu-se à divisão do território conforme a densidade populacional, separando as zonas com uma densidade populacional inferior a 2 hab./Km² das restantes (Ver Mapa 2).

O resultado encontra-se no Mapa 13. Como se pode ver, foram delimitadas três grandes regiões:

- a região I, que corresponde ao conjunto formado pelas sub-regiões IA , constituída pelas zonas N.^{os} 1 a 9; N.^{os} 13/14 a 18 e N.^o 25, e IB, da qual faz parte uma só zona, o Planalto Central (N.^o 24);
- a região II, que engloba as zonas do Leste do país – N.^{os} 10 e 11; N.^{os} 19 a 21; N.^o 26/28 e N.^o 32 –, com condições naturais menos favoráveis à prática da agricultura; e
- a região III, formada pelas zonas pertencentes ao complexo de ordenha ou complexo de leite.

Mapa 13 – Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões



Grandes regiões

- I A - Região agrícola de zonas com densidade populacional média a elevada
- I B - Região agrícola com densidade populacional muito elevada. Planalto Central
- II - Região agrícola de zonas com densidade populacional baixa
- III - Região agro-pastoril de zonas que constituem o "complexo de ordenha"

Notas:

Região I: zonas com uma densidade populacional superior a 2 hab./Km², com excepção da zona Nº 18
Região II: zonas com uma densidade populacional inferior a 2 hab./Km², com excepção da zona Nº 19

Referem-se aqui duas excepções relativamente à densidade populacional. Se se observarem em simultâneo os mapas 2 e 13, verifica-se que as zonas N.^o 18 e N.^o 19 não

seguem o critério adoptado. Quanto à primeira, o Alto Cuanza, apesar de ter uma densidade populacional inferior a 2 hab./Km² (1,19 hab./Km²), encontra-se inserida na região I. Esta escolha decorre do facto de ser uma zona com áreas muito povoadas e outras pouco – 46% da população da zona pertence à circunscrição do Songo, com uma baixa densidade populacional (1,90 hab./Km²) – mas, sobretudo, por se tratar de uma zona onde se pratica uma agricultura com fim comercial (o arroz). No que se refere à zona de Influência do CFB-Leste, com uma densidade populacional mais elevada (3,75 hab./Km²), trata-se de uma zona em que as maiores concentrações de população e as práticas de comércio ocorrem essencialmente junto da linha de caminho-de-ferro – 55% da população encontra-se em zonas pouco povoadas, com uma densidade populacional inferior a 1,77 hab./Km² –, e em que, dadas as condições naturais, a agricultura de comércio é menos relevante que a anterior.

Assim, com base nos critérios utilizados para a distinção das três grandes regiões que constituem em território angolano, pode resumir-se o seguinte: i) destas, duas são definidas como regiões agrícolas e a terceira tem uma feição essencialmente pastoril, com alguma actividade agrícola associada; ii) das duas regiões agrícolas, uma pratica uma agricultura já mais desenvolvida, essencialmente orientada para o mercado; iii) quer a região agrícola menos desenvolvida, quer a região pastoril são pouco povoadas, devido, sobretudo, às condições naturais menos favoráveis existentes.

Em relação à população, a título meramente informativo, pode ler-se no Anexo 19 a distribuição da população pelas três regiões. Em 1960, cerca de 70% da população concentra-se na região I. Isto devido ao facto de, como assinalado no ponto 2, esta região, dadas as suas características naturais, oferecer melhores condições de vida às populações e, como tal, apresentar uma densidade populacional mais elevada (6,4 hab./Km²). De notar que esta região ocupa sensivelmente a mesma área que a região II, esta, no entanto, com uma densidade populacional de apenas 1,2 hab./Km².

Refere-se ainda que a região IB – Planalto Central –, cuja área corresponde apenas a 6% do território, representa quase 30% da população total angolana (recorde-se, a sua densidade populacional é de 16,75 hab./Km²).

No que respeita à região III, o seu valor de densidade populacional (2,9 hab./Km²) explica-se essencialmente pelo tipo actividade praticada – criação de gado bovino com feição nómada e semi-nómada – necessitar de maiores extensões de terra.

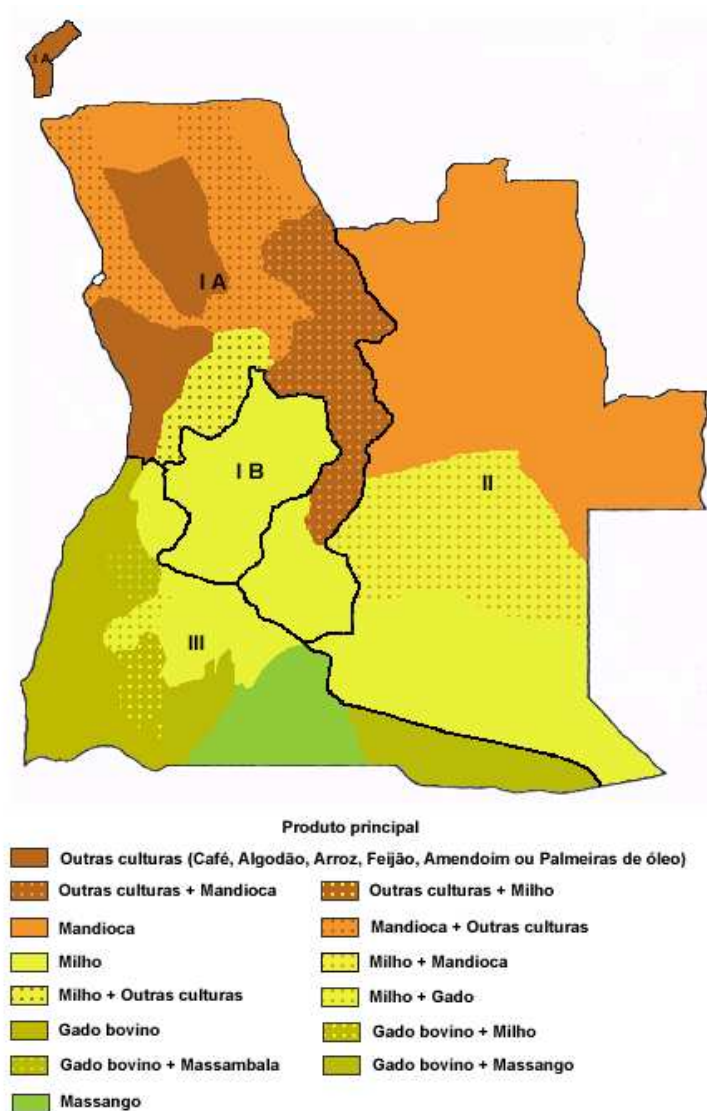
6.2.2 – Produção, excedente e auto-provisionamento

À semelhança do ponto 3, analisaram-se as grandes regiões em termos de produção, excedente e auto-provisionamento.

6.2.2.1 – Produção

Neste ponto, descrevem-se as três grandes regiões da agricultura tradicional em função do(s) produto(s) mais importante(s) na produção. E, quer para a actividade agrícola, quer para a pecuária, analisa-se o peso das várias regiões para cada produto. Os resultados podem ser acompanhados no mapa que de seguida se apresenta.

Mapa 14 – Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões: produção



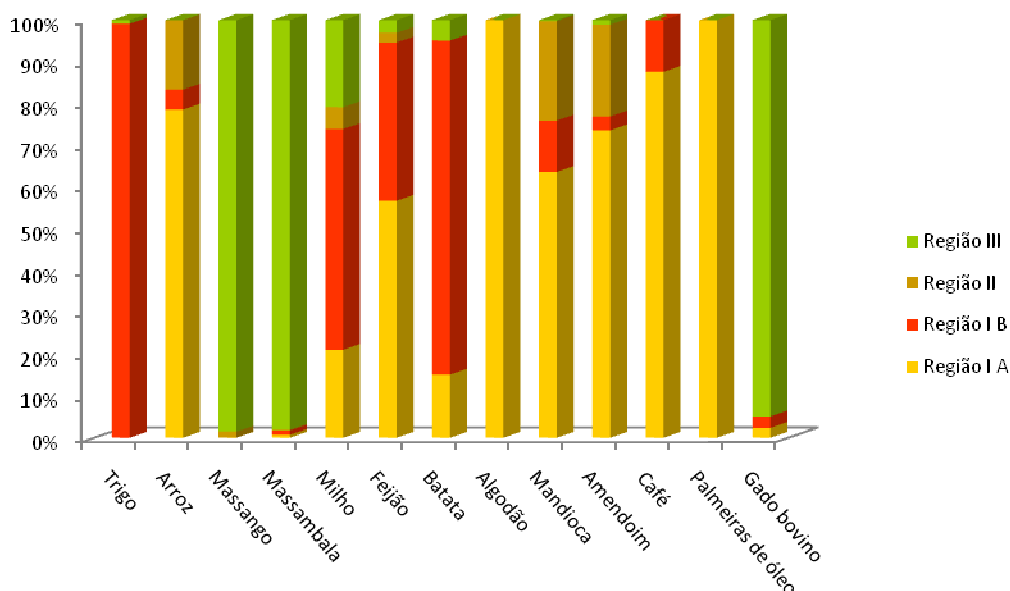
Assim, a leitura do Mapa 14 em conjunto com os Anexos 12 e 15 permite concluir que para a região I os produtos mais importantes são, por ordem decrescente: o milho, a mandioca e o café. De referir que para a produção do milho contribui sobretudo a região IA, ou seja, o Planalto Central (N.º 24); para a mandioca destacam-se o Planalto de Malanje (N.º 13/14), o Planalto Central e a zona Cafeícola dos Dembos-Uíge (N.º 3); e para o café, a zona Cafeícola dos Dembos-Uíge, o Libolo-Amboim (N.º 16) e o Planalto Central.

Em relação à região II, a cultura com mais peso na produção é sem dúvida a mandioca, seguida do milho. Para a mandioca, só não contribui o Cuando-Cubango (N.º 32) e apenas um pouco a zona das Bundas e Luchazes (N.º 26/28), zonas essencialmente produtoras de milho. Não obstante, a seguir à zona N.º 26/28, a zona com mais peso na produção de milho é a Lunda (N.º 11).

Para a região III, maior destaque para a cultura do milho, para a qual contribui sobretudo a zona de Transição do Centro-Sul (N.º 31), seguida da pecuária bovina, devido, essencialmente, às Terras Altas da Huíla (N.º 30), ao Litoral-Sul (N.º 22/29), à zona de Transição do Centro-Sul, aos Gambos (N.º 33) e à zona de Quilengues (N.º 27).

Quanto ao peso de cada região nas diferentes actividades que compõem a produção, para uma melhor visualização dos resultados obtidos, agruparam-se os dados do Anexo 15 no gráfico que se segue.

Gráfico 1: Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões. Produção: peso por cultura



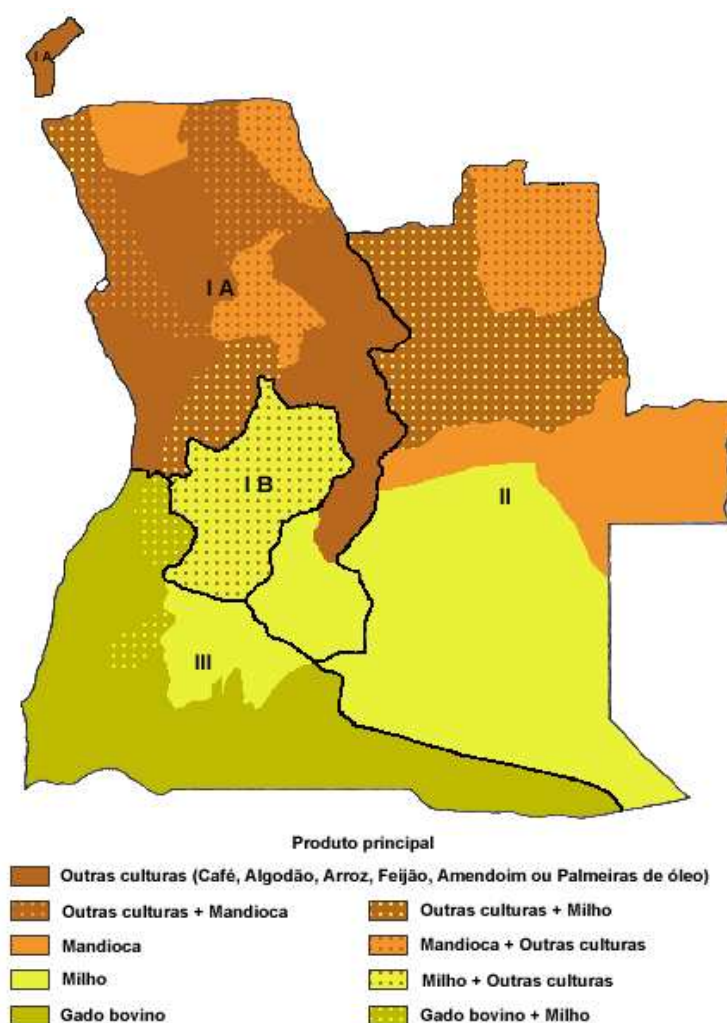
Ao observar-se o Gráfico 1 facilmente se constata que, excepto para o gado bovino, a cultura do massango e da massambala – actividades próprias da região III –, a região com mais peso na produção é, como aliás seria de esperar, a região I. Em determinadas

culturas, como o trigo, a batata e o milho, devido essencialmente à região IB, isto é, o Planalto Central. A leitura do Anexo 15, no qual se pode acompanhar o peso de cada região no valor total da produção, vem reforçar esta afirmação: região I (77%); região II (9%) e região III (14%).

6.2.2.2 – Excedente

Do mesmo modo, tal como para a produção, caracterizaram-se as grandes regiões em função do excedente. Para o efeito foram elaborados o mapa e o gráfico que se seguem. Os resultados também podem ser acompanhados nos Anexos 13 e 16.

Mapa 15 – Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões: excedente



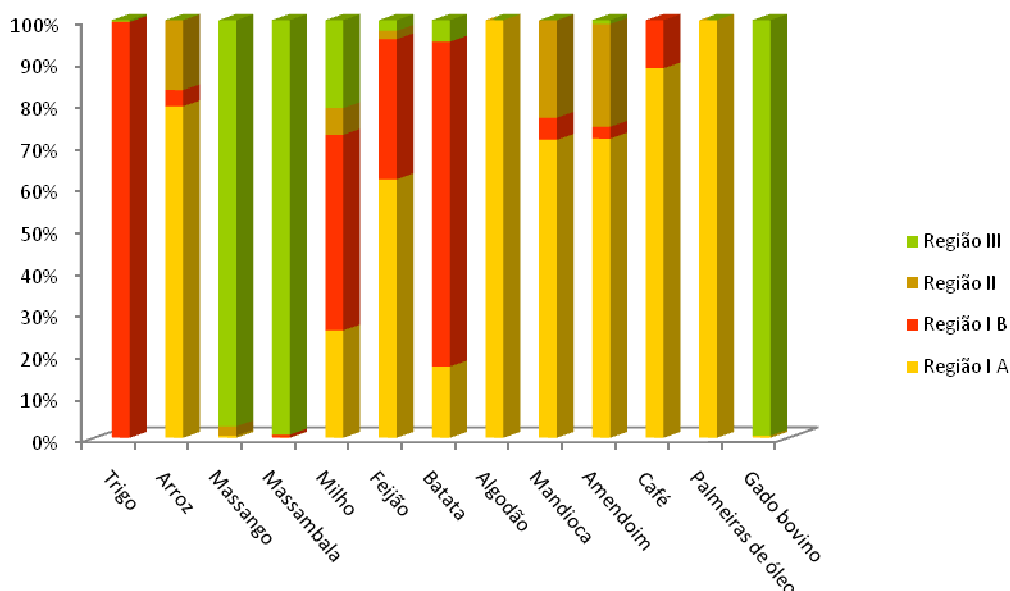
Como já abordado no ponto 3, verifica-se pela leitura do Mapa 15 ser a região I a que produz mais produtos tendo em vista o mercado. Isto porque, como se pode ver, é formada pelas zonas que tradicionalmente são produtoras de bens comerciais, tais como o café, o

algodão, o arroz, mas, também, o milho, apesar de se tratar de uma cultura de base na alimentação de algumas populações. Por outro lado, como referido anteriormente, é com certeza a região com melhores condições naturais para a prática de actividades agrícolas dado que engloba os planaltos do Congo, de Malanje e do Huambo.

Em termos globais, a análise do Anexo 13 permite concluir que, no caso da região I, têm maior peso no excedente as culturas do café e do milho, mas também do feijão, da mandioca e do algodão. Em relação à região II, grande destaque para a mandioca e para o milho, não se podendo ignorar as culturas do amendoim – Lunda (N.º 11) – e do arroz – Nordeste da Lunda (N.º 10). Por fim, na região III as actividades que mais contribuem para o excedente são a venda líquida de gado bovino – sobretudo das zonas N.ºs 30-31, N.º 22/29, N.º 33 e N.º 27 – e a cultura do milho – zona N.º 31.

Quanto ao peso de cada região no excedente das várias actividades praticadas, o Gráfico 2 permite concluir algo de muito semelhante ao que já foi referido relativamente à produção. Ou seja, excepto para as actividades típicas da região do complexo de leite, região III, a região com maior peso no excedente é, de longe, a região II. De resto, ao olhar-se para o Anexo 16 verifica-se que, em relação ao conjunto das actividades praticadas, 82% do excedente total cabe à região II, enquanto que o excedente da região III representa 12% e já o da região I apenas 6%.

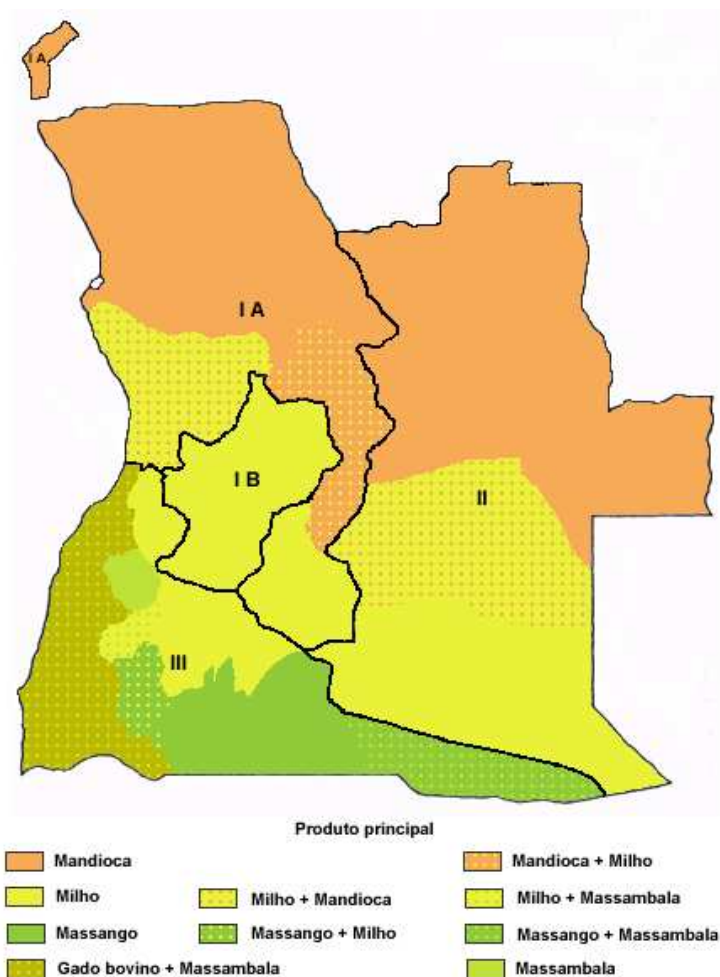
Gráfico 2: Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões. Excedente: peso por cultura



6.2.2.3 – Auto-provisionamento

Mais uma vez procedeu-se à caracterização das três grandes regiões que compõem o território angolano, agora em termos da parte da produção que se destina à alimentação das populações. A informação, que se encontra no Anexo 14, permitiu elaborar o mapa que se segue.

Mapa 16 – Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões: auto-provisionamento



A leitura do Mapa 16 permite verificar que, no que se refere ao auto-provisionamento das populações, quer a região I, quer a região II, consomem preferencialmente as mesmas culturas: mandioca e milho. Ainda que a mandioca seja sobretudo utilizada na alimentação das populações nas zonas situadas mais a Norte e o milho nas zonas situadas mais a Sul. No entanto, se se analisar o Anexo 14, verifica-se que na região I, ambas as culturas contribuem com cerca de 39% no total do auto-provisionamento. Já para a região II, a maior percentagem cabe à mandioca (76%).

No que se refere às culturas destinadas ao consumo interno das populações que pertencem à região III, podem referir-se três sem grande surpresa: milho (49%); massango (23%) e massambala (16%).

6.2.3 – Trabalho fora da exploração

Retomou-se, para efeitos de síntese, o tema relativo à ocupação dos empresários abordado no ponto anterior, agora em função das três grandes regiões. A informação correspondente pode ler-se no Anexo 20.

Verifica-se que praticamente dois terços do que aqui se definiu como trabalho fora da exploração cabem à região I. Destes, mais de metade (39%) correspondem unicamente à região IB. Como já se referiu, o Planalto Central, apesar de apresentar boas condições naturais de vida, encontrava-se já, por esse mesmo motivo, muito densamente povoado nos últimos anos do período colonial. Como tal, as populações não tinham outra opção senão a de migrarem para regiões mais necessitadas em mão-de-obra. Em muitos casos, quando se deslocavam para zonas mais distantes, faziam-no por longos períodos de tempo.

Em relação à região II, quase 90% dos seus empresários dedicavam todo o seu tempo às actividades da exploração. De referir apenas duas zonas onde para alguns chefes de família esta situação não se verificava: as Lundas (N.^{os} 10 e 11). Como se sabe a forte presença da DIAMANG surgia como alternativa à actividade agrícola, visto se tratar de uma actividade bastante mais rentável.

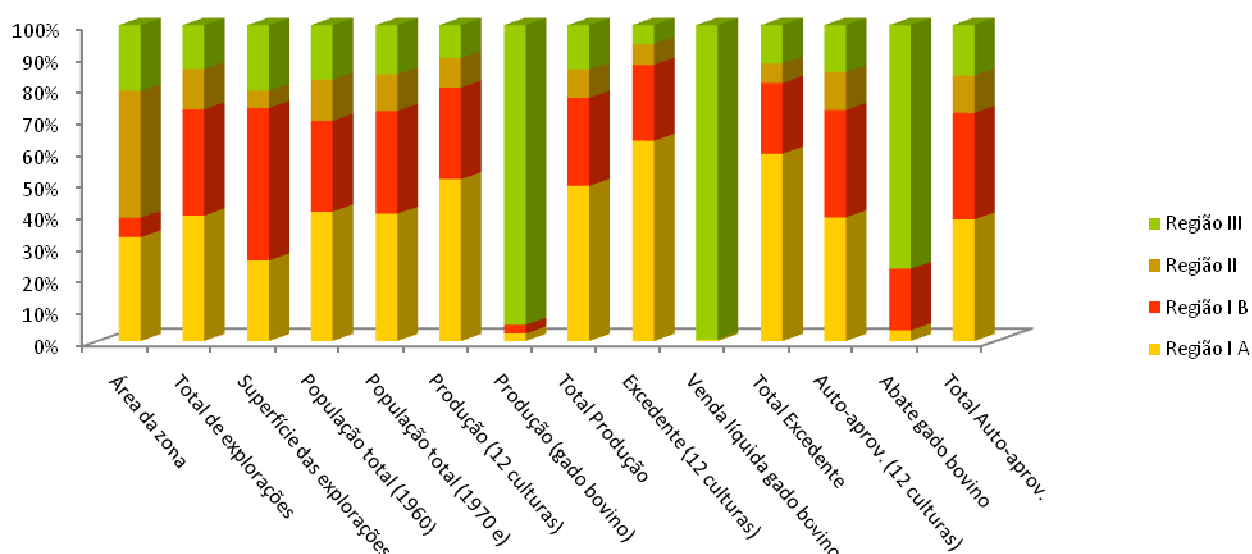
Já para a região III, pelo tipo de actividade ali exercido, a grande maioria dos seus empresários ocupa inteiramente o seu tempo na exploração. O único caso para o qual uma percentagem mais elevada de empresários dedica parte (ou até a totalidade) do seu tempo a outra(s) actividade(s) fora da exploração é o da zona N.º 23. Tal facto se deve, mais uma vez, ao facto de o trabalho na cidade (Benguela) se ter tornado cada vez mais apelativo (indústria, serviços, etc.)

Apenas para terminar, em termos gerais, apenas 36% dos empresários agrícolas tradicionais exercem uma actividade outra que a praticada na sua própria exploração.

6.3 – Síntese

Para finalizar, efectuou-se a comparação para as três grandes regiões entre um certo número de indicadores, que podem ser acompanhados no Anexo 21. Para uma melhor visualização dos resultados foi elaborado o gráfico que se segue (Gráfico 3).

Gráfico 3: Angola. Agricultura Tradicional. Grandes regiões. Síntese



A análise deste gráfico permite os seguintes comentários:

- a região II, que ocupa em área cerca de 40% do território, reúne apenas 13 % do total de explorações, enquanto que a região I, com um área muito semelhante (39%), detém mais de 73%;
- a região III é a região com uma superfície média por exploração mais elevada (região I: 3,9 ha; região II: 1,7 ha e região III: 5,8 ha). Mas se se fizer a distinção entre a região IA e IB, verifica-se que a superfície média das explorações do Planalto Central (5,6 ha) quase não difere da superfície média da região II;
- em relação à população, como já referido, 70% pertence à região I, sendo que 30% cabem à região IA;
- 80% do valor da produção relativa às 12 culturas principais provém da região I e, para o gado bovino, 95% pertencem à região III. No que se refere ao valor total da produção (12 culturas e gado bovino), mais de $\frac{3}{4}$ do valor se deve à região I. Mesmo comportamento se pode verificar quando se analisam os resultados obtidos, quer para o excedente, quer para o auto-provisionamento.

Deste modo, as três grandes regiões que compõem o território angolano no fim do período colonial podem ser caracterizadas da seguinte maneira:

Região I:

Região relativamente extensa, na qual estão inseridas grande parte das explorações pertencentes ao sector tradicional e, como tal, bastante povoada. De todas, é a região de

cariz mais agrícola e com maior orientação para o mercado, mediante a oferta quer de produtos de valor acrescentado elevado com destino ao mercado externo (café, algodão, etc.), quer de produtos direccionados para o mercado interno (feijão, milho, etc.).

Região II:

Região, tal como a anterior, com uma área considerável, no entanto, muito pouco povoada. As suas populações dedicam-se essencialmente à agricultura para suprir as necessidades das famílias, mas onde se pode encontrar, em determinadas zonas, uma agricultura de comércio.

Região III:

Região menos extensa do que as anteriores mas com uma superfície média por exploração superior, em razão do tipo de actividade praticado. Pouco povoada. De carácter essencialmente pastoril, podendo algumas zonas associar esta actividade à prática de uma agricultura, estando esta mais orientada para o consumo da população. No entanto, pode observar-se um desenvolvimento gradual do comércio de gado bovino e de uma ou outra cultura.

7 – Bibliografia

- BOLETIM GERAL DO ULTRAMAR (1960), N.º 417 – Vol. XXXVI, Lisboa, 397 p..
- CARVALHO, Eduardo Cruz de (1963), Esboço da Zonagem Agrícola de Angola in *Fomento*, Vol. 1, N.º 3, Luanda, pp. 67-72.
- CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO AMÍLCAR CABRAL (1980), *Política agrícola e participação camponesa na República Popular de Angola – a região de Malange*, Lisboa, 106 p..
- DIAS, Jorge (s.d.), Estruturas sócio-económicas em Angola in *Angola. Curso de extensão universitária. Ano lectivo de 1963-1964*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, Lisboa, pp.185-205.
- DINIZ, Alberto Castanheira (1973), *Características Mesológicas de Angola*. Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola, Huambo, 482 p..
- DIRECÇÃO DE ESTATÍSTICA GERAL (1944), *Anuário Estatístico – 1940-43*, Luanda.
- DIRECÇÃO DE ESTATÍSTICA GERAL (1941), *Censo Geral da População – 1940*, Luanda.
- GUERREIRO, Manuel Viegas (1968), *Bochimanes !Khu de Angola. Estudo etnográfico*. Instituto de Investigação Científica de Angola, Lisboa, 388 p..
- HEIMER, Franz-Wilhelm (ed.) (1973), *Social Change in Angola*. München, 281 p..
- MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola 1970-1971*, Luanda, 1972.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1971), *Anuário Estatístico – 1970*, Luanda, 394 p..
- JUNTA AUTÓNOMA DAS ESTRADAS DE ANGOLA (1967), *Mapa rodoviário de Angola*.
- MEDEIROS, Carlos Alberto (1976), *A colonização das Terras Altas da Huíla (Angola). Estudo de geografia humana*, Lisboa, 706 p..
- MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - IX Zona dos Gambos-Otchinjau - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1964-1965*, Ministério do Ultramar, 1967
- MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XVIII Zona das Gangueles - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1964-1965*, Ministério do Ultramar, 1969
- MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - Zona Subdesértica do Litoral - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1967-1968*, Ministério do Ultramar, 1970
- MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XXIX Planalto Central - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1964-1965*, Ministério do Ultramar, 1971
- MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XXV Zona de Transição Centro-Leste - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1965-1966*, Ministério do Ultramar, 1970
- MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XI Zona de Transição Centro-Noroeste - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1965-1966*, Ministério do Ultramar, 1967
- MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - V Zona Subplanáltica do Centro-Oeste - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1963-1964*, Ministério do Ultramar, 1964
- MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XIII Zona Litoral de Luanda - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1964-1965*, Ministério do Ultramar, 1968

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XXVI Zona Litoral ao Sul do Cuanza - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1967-1968*, Ministério do Ultramar, 1970

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XXI Nordeste da Lunda - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1967-1968*, Ministério do Ultramar, 1969

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XII Baixa de Cassange - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1964-1965*, Ministério do Ultramar, 1967

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - VII Distrito de Cabinda - Segunda parte. Agricultura tradicional. 1963-1964*, Ministério do Ultramar, 1967

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - X Planalto de Malange - Segunda parte. Agricultura tradicional. 1963-1964*, Ministério do Ultramar, 1967

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XVI Zona Cafeícola do Libolo-Amboim - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1965-1966*, Ministério do Ultramar, 1968

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XX Zona do Cuanhama - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1965-1966*, Ministério do Ultramar, 1968

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XV Zona de Influência do Cunene - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1964-1965*, Ministério do Ultramar, 1968

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XXIII Zona de Quilengues - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1964-1965*, Ministério do Ultramar, 1969

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - VIII Terras Altas da Huíla - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1964*, Ministério do Ultramar, 1967

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA, *Recenseamento Agrícola de Angola - XXXII Zona de Transição do Centro Sul - Primeira parte. Agricultura tradicional. 1967-1968*, Ministério do Ultramar, 1970

NETO, João Ferreira da Costa (2000), *Os camponeses e o desenvolvimento agrícola e rural de Angola*, GPPAA, Lisboa, 165 p..

NETO, José Pereira (1963), O Baixo Cunene – Subsídios para o seu desenvolvimento in *Estudos de Ciências Políticas e Sociais*, N.º 68, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 219 p..

PACHECO, Fernando (1991), *Agricultura e sociedade rural na Angola dos anos 60 – O caso de Malanje*, 67 p..

PÖSSINGER, Hermann (1986), A transformação da sociedade umbundu desde o colapso do comércio das caravanas in *Revista Internacional de Estudos Africanos*, N.ºs 4 e 5, Janeiro-Dezembro, pp. 75-158.

REDINHA, José (1972), *Introdução ao Estudo das sociedades e economias tradicionais de Angola*, Faculdade de Economia da Universidade de Luanda, Luanda, 30 p..

REDINHA, José (1966), *Etnossociologia do Nordeste de Angola*, Braga, 189 p..

RELA, José Manuel Zenha (1992), *Angola. Entre o presente e o futuro*, Lisboa, 494 p..

RELA, José Manuel Zenha (1974), A distribuição espacial da população e o planeamento regional in *Reordenamento*. N.º 32, Março-Abril, Luanda, pp. 3-8.

RELA, José Manuel Zenha (1974), A distribuição espacial da população e o planeamento regional (conclusão) in *Reordenamento*. N.º 32, Maio-Junho, Luanda, pp. 37-40.

RELA, José Manuel Zenha (1969), *Angola. O “factor população” e o processo de desenvolvimento*. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 396 p..

REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA GERAL (1961), *Anuário Estatístico – 1960*, Luanda.

REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA GERAL (1961), 3º *Recenseamento Geral da População – 1960*, Luanda.

REPARTIÇÃO TÉCNICA DE ESTATÍSTICA GERAL (1952), *Anuário Estatístico – 1950-51*, Luanda.

REPARTIÇÃO TÉCNICA DE ESTATÍSTICA GERAL (1953), *II Recenseamento Geral da População – 1950*, Luanda.

SILVA, Elisete Marques da (2003), *Impactos da ocupação colonial nas sociedades rurais do Sul de Angola*. Centro de Estudos Africanos – ISCTE, Lisboa 46 p..

SILVA, Jorge Vieira da e Júlio Artur de Moraes (1973), Ecological conditions of social change in the Central Highlands of Angola in *Social Change in Angola*, Munique, pp. 93-109.

VALÉRIO, Nuno e Maria Paula Fontoura (1994), A evolução económica de Angola durante o segundo período colonial – uma tentativa de síntese in *Análise Social*, vol. XXIX (129), Lisboa, pp. 1193-1208.

WHEELER, Douglas e René Pélissier, (2009), *História de Angola*, Lisboa, 469 p..

<http://www.inss.gv.ao/portal/InformacaoProvincias/>

<http://www.geohive.com>

<http://pt.wikipedia.org/>

<http://cenbio.iee.usp.br>

ANEXOS

Província	Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade/Vila/Povoação	Área ^{(1) (2)}	População total	População urbana ⁽³⁾		População rural		Densidade populacional		
				(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total ⁽⁴⁾	População urbana	População rural
Luanda	Cabinda	Cabinda		2.281	18.016			18.016	100	7,9		7,9
		Caongo (circunscrição)		1.853	8.154			8.154	100	4,4		4,4
		Maiombe (circunscrição)		3.193	20.114			20.114	100	6,3		6,3
			Distrito	7.200	46.284	0	0	46.284	100	6,4	0,0	6,4
	Zaire	Santo António do Zaire		6.309	18.928			18.928	100	3,0		3,0
		Ambrizete		16.306	21.198			21.198	100	1,3		1,3
		Nóqui (circunscrição)		5.087	5.087			5.087	100	1,0		1,0
			Distrito	27.000	45.213	0	0	45.213	100	1,7	0,0	1,7
	Congo	Bembe		8.918	52.614			52.614	100	5,9		5,9
		Zombo		10.726	63.284			63.284	100	5,9		5,9
		Damba		11.076	71.992			71.992	100	6,5		6,5
		Pombo (circunscrição)		9.811	59.848			59.848	100	6,1		6,1
		Cuango (circunscrição)		10.652	33.020			33.020	100	3,1		3,1
		S. Salvador do Congo (circunscrição)	Cidade de S. Salvador do Congo	13.462	36.347	2.965	8	33.382	92	2,7	0,2	2,5
			Distrito	65.000	317.105	2.965	1	314.140	99	4,9	0,0	4,8
	Luanda	Luanda	Cidade de Luanda	1.517	66.433	61.028	92	5.405	8	43,8	40,2	3,6
		Ambriz	Vila do Ambriz	12.322	30.805	2.196	7	28.609	93	2,5	0,2	2,3
		Dande	Vila do Caxito	3.951	28.445	8.690	31	19.755	69	7,2	2,2	5,0
		Icolo e Bango		4.109	36.156			36.156	100	8,8		8,8
		Quiçama		12.410	11.169			11.169	100	0,9		0,9
		Dembos (circunscrição)		9.289	35.298			35.298	100	3,8		3,8
			Distrito	45.360	208.306	71.914	35	136.392	65	4,6	1,6	3,0
	Cuanza Norte	Cazengo	Vila Salazar	10.628	71.209	2.105	3	69.104	97	6,7	0,2	6,5
		Cambambe		4.369	13.107			13.107	100	3,0		3,0
		Ambaca	Vila de Camabatela	10.762	86.097	3.383	4	82.714	96	8,0	0,3	7,7
			Distrito	24.750	170.413	5.488	3	164.925	97	6,9	0,2	6,7

(continua)

Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade/Vila/Povoação	Área ^{(1) (2)}	População total	População urbana ⁽³⁾		População rural		Densidade populacional		
				(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total ⁽⁴⁾	População urbana	População rural
Malange	Malange	Malange	Cidade de Malanje	12.095	141.517	5.299	4	136.218	96	11,7	0,4	11,3
		Duque de Bragança (circunscrição)	Duque de Bragança	17.126	87.344	2.037	2	85.307	98	5,1	0,1	5,0
		Songo (circunscrição)		39.157	82.229			82.229	100	2,1		2,1
		Bondo e Bângala (circunscrição)		16.153	51.690			51.690	100	3,2		3,2
		Cambo (circunscrição)		18.146	72.585			72.585	100	4,0		4,0
		Distrito		99.370	435.365	7.336	2	428.029	98	4,4	0,1	4,3
	Lunda	Saurimo		36.713	69.755			69.755	100	1,9		1,9
			Dundo			2.821						
		Chitato (circunscrição)	Andrada			7.725						
				43.384	78.092	10.546	14	67.546	86	1,8	0,2	1,6
		Camaxilo (circunscrição)	Caungula	35.596	42.715	3.903	9	38.812	91	1,2	0,1	1,1
		Cassai Sul (circunscrição)		34.668	27.734			27.734	100	0,8		0,8
		Minungo (circunscrição)		20.927	25.112			25.112	100	1,2		1,2
		Distrito		167.900	243.408	14.449	6	228.959	94	1,4	0,1	1,4
Benguela	Cuanza Sul	Novo Redondo		4.105	22.578			22.578	100	5,5		5,5
		Amboim	Vila de Gabela	9.291	72.466	4.996	7	67.470	93	7,8	0,5	7,3
		Porto Amboim		3.312	14.242			14.242	100	4,3		4,3
		Libolo	Vila de Calulo	9.557	41.097	2.763	7	38.334	93	4,3	0,3	4,0
		Quibala (circunscrição)		27.553	66.128			66.128	100	2,4		2,4
		Seles (circunscrição)		9.549	72.571			72.571	100	7,6		7,6
		Distrito		62.120	289.082	7.759	3	281.323	97	4,7	0,1	4,5
	Benguela	Benguela	Cidade de Benguela	14.256	34.457	14.243	41	20.214	59	2,4	1,0	1,4
		Lobito	Cidade do Lobito	12.179	87.689	13.592	16	74.097	84	7,2	1,1	6,1
		Ganda		12.905	135.501			135.501	100	10,5		10,5
		Distrito		39.340	257.647	27.835	11	229.812	89	6,5	0,7	5,8
	Huambo	Huambo	Cidade de Nova Lisboa	8.732	166.783	16.288	10	150.495	90	19,1	1,9	17,2
		Bailundo	Vila Teixeira da Silva	14.882	270.853	4.897	2	265.956	98	18,2	0,3	17,9
		Caala	Vila do Lépi			2.450						
			Cuma			2.772						
			Vila Robert Williams			3.679						
				6.834	116.181	8.901	8	107.280	92	17,0	1,3	15,7
		Distrito		30.780	553.817	30.086	5	523.731	95	18,0	1,0	17,0

(continua)

Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade/Vila/Povoação	Área ^{(1) (2)}	População total	População urbana ⁽³⁾		População rural		Densidade populacional		
				(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total ⁽⁴⁾	População urbana	População rural
Bié	Bié	Bié	Cidade de Silva Porto	8.419	79.985	4.671	6	75.314	94	9,5	0,6	8,9
		Andulo	Vila do Andulo	13.477	134.772	2.631	2	132.141	98	10,0	0,2	9,8
		Camacupa	Vila General Machado	25.422	96.603	2.387	2	94.216	98	3,8	0,1	3,7
		Alto Cuanza (circunscrição)		15.812	44.273			44.273	100	2,8		2,8
		Menongue (circunscrição)		63.099	44.169			44.169	100	0,7		0,7
		Baixo Cubango (circunscrição)		74.440	14.888			14.888	100	0,2		0,2
		Distrito		197.350	414.690	9.689	2	405.001	98	2,1	0,0	2,1
	Moxico	Moxico	Vila Luso	50.959	71.343	2.821	4	68.522	96	1,4	0,1	1,3
		Dilolo (circunscrição)		21.952	46.100			46.100	100	2,1		2,1
		Luchazes (circunscrição)		54.033	37.823			37.823	100	0,7		0,7
		Alto Zambeze (circunscrição)	Cazombo	46.236	60.107	2.212	4	57.895	96	1,3	0,0	1,3
		Bundas (circunscrição)		33.107	49.660			49.660	100	1,5		1,5
		Quando (circunscrição)		70.733	21.220			21.220	100	0,3		0,3
		Distrito		262.000	286.253	5.033	2	281.220	98	1,1	0,0	1,1
Huila	Moçâmedes	Moçâmedes	Cidade de Moçâmedes	21.424	14.997	4.926	33	10.071	67	0,7	0,2	0,5
		Porto Alexandre	Vila de Porto Alexandre	39.240	3.924	2.874	73	1.050	27	0,1	0,1	0,0
		Bibala (circunscrição)		7.221	15.887			15.887	100	2,2		2,2
		Distrito		58.500	34.808	7.800	22	27.008	78	0,6	0,1	0,5
	Huila	Lubango	Cidade de Sá da Bandeira	6.675	41.387	8.521	21	32.866	79	6,2	1,3	4,9
		Chibia		4.052	28.364			28.364	100	7,0		7,0
		Caconda	Vila de Caconda	9.568	105.244	4.851	5	100.393	95	11,0	0,5	10,5
		Quilengues (circunscrição)		12.329	53.014			53.014	100	4,3		4,3
		Ganguelas (circunscrição)		27.432	74.067			74.067	100	2,7		2,7
		Alto Cunene (circunscrição)		19.439	33.047			33.047	100	1,7		1,7
		Baixo Cunene (circunscrição)		55.067	71.587			71.587	100	1,3		1,3
		Gambos (circunscrição)		31.686	31.686			31.686	100	1,0		1,0
		Distrito		160.030	438.396	13.372	3	425.024	97	2,7	0,1	2,7
	Angola				1.246.700	3.740.787	203.726	5	3.537.061	95	3,0	0,2

(1) Cálculos efectuados com base na informação relativa à densidade populacional, podendo existir alguma diferença entre a soma das áreas calculadas de cada concelho e a área total do distrito.

(2) Área do distrito retirada do Recenseamento da população. Não corresponde à soma da área de cada conselho que o compõe.

(3) População urbana: 2000 habitantes ou mais.

(4) Informação retirada de Rela (1969).

Fontes: Censo Geral da População, 1940; Anuário Estatístico de Angola, 1940-43; Rela (1969).

Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade	Área	População total	População urbana ⁽¹⁾		População rural		Densidade populacional		
				(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total	População urbana	População rural
		Luanda	Luanda	1.550	164.340	141.647	86	22.693	14	106,0	91,4	14,6
		Concelho		1.550	164.340	141.647	86	22.693	14	106,0	91,4	14,6
	Cabinda	Cabinda		2.260	18.752			18.752	100	8,3		8,3
		Cacongo		1.830	8.814			8.814	100	4,8		4,8
		Maiombe (circunscrição)		3.180	22.940			22.940	100	7,2		7,2
		Distrito		7.270	50.506	0	0	50.506	100	6,9	0,0	6,9
Congo	Zaire	Santo António do Zaire		6.230	16.809			16.809	100	2,7		2,7
		Ambrizete		16.100	20.418			20.418	100	1,3		1,3
		Nóqui (circunscrição)		4.800	7.230			7.230	100	1,5		1,5
		Distrito		27.130	44.457	0	0	44.457	100	1,6	0,0	1,6
	Congo	Zombo		10.440	61.978			61.978	100	5,9		5,9
		Damba		12.690	75.733			75.733	100	6,0		6,0
		Cuango (circunscrição)		8.610	40.155			40.155	100	4,7		4,7
		São Salvador do Congo		13.000	46.211			46.211	100	3,6		3,6
		Distrito		44.740	224.077	0	0	224.077	100	5,0	0,0	5,0
	Uíge	Bembe		11.110	61.596			61.596	100	5,5		5,5
		Ambriz		11.940	33.668			33.668	100	2,8		2,8
		Dembos		9.250	39.438			39.438	100	4,3		4,3
		Ambaca		10.880	87.980			87.980	100	8,1		8,1
		Pombo		9.590	70.023			70.023	100	7,3		7,3
		Distrito		52.770	292.705	0	0	292.705	100	5,5	0,0	5,5
	Cuanza Norte	Cazengo		6.840	74.082			74.082	100	10,8		10,8
		Cambambe		4.240	14.963			14.963	100	3,5		3,5
		Dande		3.930	28.800			28.800	100	7,3		7,3
		Icolo e Bengo		4.470	45.444			45.444	100	10,2		10,2
		Quiçâma		12.720	9.539			9.539	100	0,7		0,7
		Distrito		32.200	172.828	0	0	172.828	100	5,4	0,0	5,4

(continua)

Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade/Vila/Povoação	Área	População total	População urbana ⁽¹⁾		População rural		Densidade populacional		
				(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total	População urbana	População rural
Malange	Malange	Malange	Malange	15.780	162.462	9.473	6	152.989	94	10,3	0,6	9,7
		Duque de Bragança (circunscrição)		15.230	72.864			72.864	100	4,8		4,8
		Songo (circunscrição)		38.100	86.400			86.400	100	2,3		2,3
		Bondo e Bângala (circunscrição)		16.170	49.326			49.326	100	3,1		3,1
		Cambo (circunscrição)		19.930	73.811			73.811	100	3,7		3,7
		Distrito		105.210	444.863	9.473	2	435.390	98	4,2	0,1	4,1
	Lunda	Saurimo		40.040	58.853			58.853	100	1,5		1,5
		Camaxilo (circunscrição)		36.040	52.747			52.747	100	1,5		1,5
		Cassai-Sul (circunscrição)		31.370	21.488			21.488	100	0,7		0,7
		Minungo (circunscrição)		20.850	41.716			41.716	100	2,0		2,0
		Chitato (circunscrição)		38.580	91.283			91.283	100	2,4		2,4
		Distrito		166.880	266.087	0	0	266.087	100	1,6	0,0	1,6
Benguela	Cuanza Sul	Novo Redondo		4.060	21.105			21.105	100	5,2		5,2
		Porto Amboim		3.270	14.055			14.055	100	4,3		4,3
		Amboim		9.220	94.629			94.629	100	10,3		10,3
		Libolo		9.430	43.797			43.797	100	4,6		4,6
		Quibala		9.690	45.987			45.987	100	4,7		4,7
		Seles		9.180	77.037			77.037	100	8,4		8,4
		Gango (circunscrição)		17.700	33.580			33.580	100	1,9		1,9
		Distrito		62.550	330.190	0	0	330.190	100	5,3	0,0	5,3
	Benguela	Benguela	Benguela	14.040	51.784	14.690	28	37.094	72	3,7	1,0	2,6
		Lobito	Lobito	12.100	117.287	23.897	20	93.390	80	9,7	2,0	7,7
		Ganda		12.820	159.694			159.694	100	12,5		12,5
		Distrito		38.960	328.765	38.587	12	290.178	88	8,4	1,0	7,4
	Huambo	Huambo	Nova Lisboa	8.700	189.848	28.296	15	161.552	85	21,8	3,3	18,6
		Bailundo		15.090	247.902			247.902	100	16,4		16,4
		Caála		6.810	129.312			129.312	100	19,0		19,0
		Distrito		30.600	567.062	28.296	5	538.766	95	18,5	0,9	17,6

(continua)

Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade/Vila/Povoação	Área	População total	População urbana ⁽¹⁾		População rural		Densidade populacional		
				(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total	População urbana	População rural
Bié	Bié	Bié	Silva Porto	8.430	100.984	8.840	9	92.144	91	12,0	1,0	10,9
		Camacupa		24.980	95.888			95.888	100	3,8		3,8
		Andulo		13.550	126.986			126.986	100	9,4		9,4
		Alto-Cuanza (circunscrição)		15.190	42.613			42.613	100	2,8		2,8
		Distrito		62.150	366.471	8.840	2	357.631	98	5,9	0,1	5,8
	Moxico	Moxico		48.550	64.882			64.882	100	1,3		1,3
		Dilolo		21.430	36.742			36.742	100	1,7		1,7
		Luchazes (circunscrição)		50.280	34.786			34.786	100	0,7		0,7
		Alto-Zambeze (circunscrição)		46.680	65.448			65.448	100	1,4		1,4
		Bundas (circunscrição)		31.850	49.817			49.817	100	1,6		1,6
		Distrito		198.790	251.675	0	0	251.675	100	1,3	0,0	1,3
	Cuando Cubango	Menongue		25.730	29.468			29.468	100	1,1		1,1
		Baixo-Cubango		63.300	25.743			25.743	100	0,4		0,4
		Quando (circunscrição)		65.630	19.305			19.305	100	0,3		0,3
		Cuito Cuanavale (circunscrição)		38.070	18.179			18.179	100	0,5		0,5
		Distrito		192.730	92.695	0	0	92.695	100	0,5	0,0	0,5
Huila	Moçâmedes	Moçâmedes	Moçâmedes	12.100	18.999	8.576	45	10.423	55	1,6	0,7	0,9
		Porto Alexandre		10.480	5.656			5.656	100	0,5		0,5
		Bibala (circunscrição)		11.760	20.285			20.285	100	1,7		1,7
		Distrito		34.340	44.940	8.576	19	36.364	81	1,3	0,2	1,1
	Cunene	Gambos (circunscrição)		20.630	30.276			30.276	100	1,5		1,5
		Baixo-Cunene (circunscrição)		44.700	70.433			70.433	100	1,6		1,6
		Curoca (circunscrição)		29.850	4.372			4.372	100	0,1		0,1
		Cuamato (circunscrição)		10.840	22.116			22.116	100	2,0		2,0
		Distrito		106.020	127.197	0	0	127.197	100	1,2	0,0	1,2
	Huila	Lubango	Sá da Bandeira	6.670	49.208	11.654	24	37.554	76	7,4	1,7	5,6
		Chibia		8.410	32.372			32.372	100	3,8		3,8
		Caconda		9.510	126.790			126.790	100	13,3		13,3
		Quilengues		12.020	49.692			49.692	100	4,1		4,1
		Ganguelas (circunscrição)		26.060	83.433			83.433	100	3,2		3,2
		Alto-Cunene (circunscrição)		20.140	34.913			34.913	100	1,7		1,7
		Distrito		82.810	376.408	11.654	3	364.754	97	4,5	0,1	4,4
Angola				1.246.700	4.145.266	247.073	6	3.898.193	94	3,3	0,2	3,1

(1) Informação retirada de Rela (1969) e que corresponde à população residente nas principais cidades.

Fontes: *II Recenseamento Geral da População, 1950; Anuário Estatístico, 1950-51; Rela (1969).*

Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade	Área ^{(1) (2)}	População total	População urbana ⁽³⁾		População rural		Densidade populacional		
			(Km ²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total ⁽⁴⁾	População urbana	População rural
Cabinda	Cabinda		2.260	22.039					9,8		
	Cacongó		1.732	11.256					6,5		
	Maiombe (circunscrição)		3.180	25.252					7,9		
	Distrito		7.270	58.547	4.635	8	53.912	92	8,1	0,6	7,4
Zaire	São Salvador		5.982	23.269					3,9		
	Santo António do Zaire		6.242	20.288					3,3		
	Ambrizete		16.145	24.540					1,5		
	Nóqui (circunscrição)		4.804	8.552					1,8		
	Cuimba (circunscrição)		6.957	27.257					3,9		
	Distrito		40.130	103.906	3.525	3	100.381	97	2,6	0,1	2,5
Uíge	Uíge	Carmona	2.244	50.946	6.251	12	44.695	88	22,7	2,8	19,9
	Songo		2.585	33.341		0	33.341	100	12,9		12,9
	Bembe		6.160	32.030		0	32.030	100	5,2		5,2
	Negage		9.199	50.596		0	50.596	100	5,5		5,5
	Zombo		10.174	57.992		0	57.992	100	5,7		5,7
	Damba		8.021	56.949		0	56.949	100	7,1		7,1
	Pombo		6.176	41.994		0	41.994	100	6,8		6,8
	Alto Cuale		2.377	25.911		0	25.911	100	10,9		10,9
	Cuango (circunscrição)		6.804	35.382		0	35.382	100	5,2		5,2
	Macocola (circunscrição)		5.097	14.271		0	14.271	100	2,8		2,8
	Distrito		55.818	399.412	6.251	2	393.161	98	7,2	0,1	7,0
Luanda	Luanda	Luanda		224.540	224.540	100	0	0	150,7	144,8	0,0
	Viana (circunscrição)		1.550	9.077		0	9.077	100			5,9
	Ambriz		11.917	38.967		0	38.967	100	3,3		3,3
	Dande		3.909	34.397		0	34.397	100	8,8		8,8
	Icolo e Bengo		4.474	33.553		0	33.553	100	7,5		7,5
	Quiçama		12.712	6.229		0	6.229	100	0,5		0,5
	Distrito		33.789	346.763	224.540	65	122.223	35	10,3	6,6	3,6
Cuanza-Norte	Cazengo	Salazar	3.684	32.786	5.571	17	27.215	83	8,9	1,5	7,4
	Golungo Alto		3.291	51.011					15,5		
	Cambambe		4.242	22.060					5,2		
	Ambaca		2.602	40.642					15,6		
	Quiculungo		6.921	53.499					7,7		
	Dembos		3.526	63.053					17,9		
	Distrito		27.106	263.051	18.571	7	244.480	93	9,7	0,7	9,0

(continua)

Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade	Área ^{(1) (2)}	População total	População urbana ⁽³⁾		População rural		Densidade populacional		
			(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total ⁽⁴⁾	População urbana	População rural
Cuanza-Sul	Novo Redondo		4.061	28.831					7,1		
	Amboim		3.044	54.282					17,8		
	Porto Amboim		3.271	16.292					5,0		
	Libolo		9.429	52.142					5,5		
	Quibala		16.564	59.961					3,6		
	Seles		9.238	122.859					13,3		
	Cela		9.175	70.283					7,7		
		Distrito	59.269	404.650	27.881	7	376.769	93	6,8	0,5	6,4
Malanje	Malanje	Malanje	9.804	120.595	19.271	16	101.324	84	12,3	2,0	10,3
	Cacuso		6.026	41.579		0	41.579	100	6,9		6,9
	Duque de Bragança		15.222	108.079		0	108.079	100	7,1		7,1
	Songo (circunscrição)		37.368	71.000		0	71.000	100	1,9		1,9
	Bondo e Bângala (circunscrição)		16.167	32.658		0	32.658	100	2,0		2,0
	Cambo (circunscrição)		20.087	77.938		0	77.938	100	3,9		3,9
		Distrito	101.028	451.849	19.271	4	432.578	96	4,5	0,2	4,3
Lunda	Saurimo		40.199	49.043					1,2		
	Chitato		38.615	86.883					2,3		
	Camaxilo		36.151	58.203					1,6		
	Cassai Sul		31.784	18.435					0,6		
	Minungo		20.909	34.709					1,7		
		Distrito	167.786	247.273	3.092	1	244.181	99	1,5	0,0	1,5
Benguela	Benguela	Benguela	14.035	84.634	23.256	27	61.378	73	6,0	1,7	4,4
	Lobito	Lobito	3.151	79.102	50.164	63	28.938	37	25,1	15,9	9,2
	Ganda		12.790	203.365					15,9		
	Balombo		6.458	120.772					18,7		
		Distrito	37.808	487.873	92.590	19	395.283	81	12,9	2,4	10,5
Huambo	Huambo	Nova Lisboa	2.524	102.988	38.745	38	64.243	62	40,8	15,3	25,5
	Vila Nova		4.401	68.613		0	68.613	100	15,6		15,6
	Bela Vista		2.300	60.387		0	60.387	100	26,3		26,3
	Bailundo		14.667	203.729		0	203.729	100	13,9		13,9
	Caála		6.413	161.615		0	161.615	100	25,2		25,2
		Distrito	30.667	597.332	38.745	6	558.587	94	19,5	1,3	18,2
Bié	Bié	Silva Porto	5.575	92.427	5.606	6	86.821	94	16,6	1,0	15,6
	Chinguar		2.852	49.793					17,5		
	Andulo		13.597	176.758					13,0		
	Camacupa		24.978	91.671					3,7		
	Alto Cuanza (circunscrição)		15.017	42.048					2,8		
		Distrito	71.870	452.697	28.348	6	424.349	94	6,3	0,4	5,9

(continua)

Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade	Área ^{(1) (2)}	População total	População urbana ⁽³⁾		População rural		Densidade populacional		
			(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total ⁽⁴⁾	População urbana	População rural
Moxico	Moxico		48.816	86.405					1,8		
	Dilolo		21.512	47.541					2,2		
	Luchazes (circunscrição)		50.823	33.543					0,7		
	Alto Zambeze (circunscrição)		46.282	49.059					1,1		
	Bundas (circunscrição)		31.784	49.901					1,6		
		Distrito	199.786	266.449	3.777	1	262.672	99	1,3	0,0	1,3
Cuando Cubango	Menongue		25.835	45.211		0	45.211	100	1,8		1,8
	Cuito Cuanavale (circunscrição)		38.531	21.192		0	21.192	100	0,6		0,6
	Baixo Cubango (circunscrição)		63.194	22.750		0	22.750	100	0,4		0,4
	Quando (circunscrição)		66.336	23.881		0	23.881	100	0,4		0,4
		Distrito	192.079	113.034	0	0	113.034	100	0,6	0,0	0,6
Moçâmedes	Moçâmedes	Moçâmedes	12.132	17.228	7.963	46	9.265	54	1,4	0,7	0,8
	Porto Alexandre		10.476	8.381					0,8		
	Bibala		11.753	17.395					1,5		
		Distrito	55.946	43.004	13.906	32	29.098	68	0,8	0,2	0,5
Huila	Lubango	Sá da Bandeira	6.837	58.800	15.016	26	43.784	74	8,6	2,2	6,4
	Chibia		8.415	29.200					3,5		
	Caconda		9.535	136.344					14,3		
	Quilengues		12.030	65.444					5,4		
	Ganguelas		26.027	102.285					3,9		
	Alto Cunene		10.989	23.737					2,2		
	Capelongo		8.624	16.386					1,9		
	Baixo Cunene		44.796	104.375					2,3		
	Cuamato		10.841	29.271					2,7		
	Gambos (circunscrição)		20.788	20.164					1,0		
	Curoca (circunscrição)		29.666	8.603					0,3		
		Distrito	166.348	594.609	27.411	5	567.198	95	3,6	0,2	3,4
Angola			1.246.700	4.830.449	512.543	11	4.317.906	89	3,9	0,4	3,5

(1) Cálculos efectuados com base na informação relativa à densidade populacional, podendo existir alguma diferença entre a soma das áreas calculadas de cada concelho e a área total do distrito.

(2) Área do distrito retirada do Recenseamento da população. Não corresponde à soma da área de cada concelho que o compõe.

(3) Informação retirada de Rela (1969) e que corresponde à população residente nas principais cidades.

Fontes: 3º Recenseamento Geral da População, 1960; Rela (1969).

Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade	Área	População total	População urbana		População rural		Densidade populacional		
			(Km ²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total	População urbana	População rural
Cabinda	Cabinda	Cabinda			21.124						
	Caongo										
	Buco Zau (circ.)										
	Belize (circ.)										
		Distrito	7.270	80.857	21.124	26	59.733	74	11,1	2,9	8,2
Zaire	São Salvador	São Salvador									
	Santo António do Zaire										
	Ambrizete										
	Tombôco (circ.)										
	Nóqui (circ.)										
	Cuímba (circ.)										
		Distrito	40.130	41.766	0	0	41.766	100	1,0	0,0	1,0
Uíge	Uíge	Carmona			11.972						
	Ambuíla (circ.)										
	Songo										
	Bungo										
	Bembe										
	Negage	Negage									
	Zombo										
	Damba										
	Alto Cuale										
	Pombo										
	Dange										
	Quimbele										
	Macocola (circ.)										
	Puri										
		Distrito	55.818	386.037	11.972	3	374.065	97	6,9	0,2	6,7

(continua)

Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade	Área	População total	População urbana		População rural		Densidade populacional		
			(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total	População urbana	População rural
Luanda	Luanda	Luanda			475.328						
	Cacuaco										
	Viana										
	Ambriz										
	Nambuangongo										
	Dande										
	Icolo e Bengo										
	Quiçama										
Distrito			33.789	560.589	475.328	85	85.261	15	16,6	14,1	2,5
Cuanza-Norte	Cazengo	Salazar									
	Lucala										
	Golungo Alto										
	Cambambe										
	Ambaca										
	Quiculungo										
	Bolongongo										
	Banga										
	Samba Cajú										
	Dembos										
	Bula Atumba										
Distrito			27.106	298.062	0	0	298.062	100	11,0	0,0	11,0
Cuanza-Sul	Novo Redondo	Novo Redondo									
	Amboim	Gabela									
	Quilenda										
	Porto Amboim										
	Libolo										
	Quibala										
	Seles										
	Conda										
	Cassongue										
	Santa Comba										
	Ébo										
	Mussende										
Distrito			59.269	458.592	0	0	458.592	100	7,7	0,0	7,7

(continua)

Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade	Área	População total	População urbana		População rural		Densidade populacional		
			(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total	População urbana	População rural
Malanje	Malanje	Malanje			31.599						
	Mucari										
	Cangandala										
	Cacuso										
	Duque de Bragança										
	Quirima (circ.)										
	Nova Gaia										
	Luquembo										
	Quela										
	Caombo										
	Montalegre										
	Marimba										
	Massango										
Distrito			101.028	558.630	31.599	6	527.031	94	5,5	0,3	5,2
Lunda	Henrique de Carvalho	Henrique de Carvalho			12.901						
	Lubalo (circ.)										
	Portugália										
	Cambulo										
	Veríssimo Sarmento										
	Caungula (circ.)										
	Cuilo (circ.)										
	Nova Chaves (circ.)										
	Dala										
	Cacolo (circ.)										
	Capenda Camulemba (circ.)										
Distrito			167.786	302.538	12.901	4	289.637	96	1,8	0,1	1,7
Benguela	Benguela	Benguela			40.996						
	Baía Farta										
	Lobito				59.528						
	Ganda	Mariano Machado			2.538						
	Cubal	Cubal			6.672						
	Balombo										
	Bocoio										
Distrito			37.808	474.897	109.734	23	374.373	77	12,6	2,7	9,9

(continua)

Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade	Área	População total	População urbana		População rural		Densidade populacional		
			(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total	População urbana	População rural
Huambo	Huambo	Nova Lisboa			61.885						
	Vila Nova										
	Bela Vista										
	Bailundo										
	Mungo										
	Luimbale										
	Caála										
	Vila Flor										
	Cuma										
	Longonjo										
		Distrito	30.667	837.627	61.885	7	775.742	93	27,3	2,0	25,3
Bié	Bié	Silva Porto			18.941						
	Chinguar										
	Andulo										
	Nharêa										
	Cuemba										
	General Machado										
	Chitembo										
	Nova Sintra										
	Vouga										
		Distrito	71.870	650.337	18.941	3	631.396	97	9,0	0,3	8,8
Moxico	Moxico	Luso									
	Camanongue										
	Léua										
	Cameia										
	Luacano										
	Teixeira de Sousa										
	Luchazes (circ.)										
	Alto Zambeze (circ.)										
	Bundas (circ.)										
		Distrito	199.786	213.119	0	0	213.119	100	1,1	0,0	1,1

(continua)

Distrito	Concelho/Circunscrição	Cidade	Área	População total	População urbana		População rural		Densidade populacional		
			(Km²)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)	População total	População urbana	População rural
Cuando Cubango	Serpa Pinto	Serpa Pinto									
	Cuchi										
	Cuito Cuanavale (circ.)										
	Dirico(circ.)										
	Rivungo (circ.)										
	Mavinga (circ.)										
	Cuangar (circ.)										
		Distrito	192.079	112.073	0	0	112.073	100	0,6	0,0	0,6
Moçâmedes	Moçâmedes	Moçâmedes			12.076						
	Virei (circ.)										
	Porto Alexandre	Porto Alexandre			8.235						
	Vila Arriaga										
		Distrito	56.946	53.058	20.311	38	32.747	62	0,9	0,2	0,7
Huila	Lubango	Sá da Bandeira			31.647						
	Humpata										
	Chibia										
	Caconda										
	Caluquembe										
	Qilengues										
	Ganguelas										
	Chipindo										
	Jamba										
	Quipungo										
	Capelongo										
	Cuanhama										
	Cuvelai (circ.)										
	Cuamato										
	Gambos (circ.)										
	Curoca (circ.)										
		Distrito	166.348	644.864	31.647	5	613.217	95	3,9	0,2	3,7
	Outras cidades				51.713						
	Angola		1.247.700	5.673.046	847.155	15	4.825.891	85	4,5	0,7	3,9

Fontes: Anuário Estatístico, 1970; Rela, 1974 e 1992; Silva 2003.

1940			1950			1960		1970	
Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Distrito	Concelho/Circunscrição	Distrito	Concelho/Circunscrição
Luanda	Cabinda	Cabinda Cacongo (circ.) Maiombe (circ.)	Cabinda	Cabinda	Cabinda Cacongo Maiombe (circ.)	Cabinda	Cabinda Cacongo Maiombe (circ.)	Cabinda	Cabinda Cacongo Bucu Zau (circ.) Belize (circ.)
		Santo António do Zaire Ambrizete Nóqui (circ.)			Santo António do Zaire Ambrizete Nóqui (circ.)		Santo António do Zaire Ambrizete Nóqui (circ.)		Santo António do Zaire Ambrizete Nóqui (circ.)
		S. Salvador do Congo (circ.)			S. Salvador do Congo		São Salvador Cuimba (circ.)		São Salvador Cuimba (circ.) Tombôco (circ.)
	Congo	Bembe	Congo	Uíge	Bembe	Uíge	Uíge	Uíge	Uíge Ambuíla (circ.) Bungo Zombo Damba Pombo Negage Puri Alto Cuale Macocola (circ.) Bembe Songo Quimbele Dange
		Zombo Damba Pombo (circ.)		Congo	Zombo Damba Cuango (circ.)		Zombo Damba		Zombo Damba
				Uíge	Pombo		Pombo Negage		Pombo Negage
	Luanda	Luanda			Luanda	Luanda	1º, 2º, 3º e 4º Bairros Viana (circ.)	Luanda	1º, 2º, 3º e 4º Bairros Viana Cacuaco Ambriz Nambuangongo Dande Icolo e Bengo Quiçama
		Ambriz		Uíge	Ambriz		Ambriz		
		Dande Icolo e Bengo Quissama Dembos (circ.)		Cuanza Norte	Dande Icolo e Bengo Quiçama		Dande Icolo e Bengo Quiçama		
				Uíge	Dembos		Dembos		Dembos
		Cazengo		Cuanza Norte	Cazengo		Cazengo		Cazengo
	Cuanza Norte	Cambambe Ambaca	Congo		Cambambe	Cuanza-Norte	Golungo Alto Cambambe Ambaca Quiculungo	Cuanza-Norte	Lucala Golungo Alto Cambambe Ambaca Quiculungo Samba Caiú Banga Bula Atumba Bolongongo
				Uíge	Ambaca				

(continua)

1940			1950			1960		1970	
Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Distrito	Concelho/Circunscrição	Distrito	Concelho/Circunscrição
Malange	Malange	Malange	Malange	Malange	Malange	Malanje	Malanje	Malanje	Malanje
									Mucari
									Cangandala
		Duque de Bragança (circ.)			Duque de Bragança (circ.)		Cacuso		Cacuso
		Songo (circ.)			Songo (circ.)		Duque de Bragança		Duque de Bragança
									Forte República (circ)
	Lunda	Bondo e Bângala (circ.)		Lunda	Bondo e Bângala (circ.)		Songo (circ.)		Nova Gaia
		Cambo (circ.)			Cambo (circ.)		Bondo e Bângala (circ.)		Quirima (circ.)
							Cambo (circ.)		Luquembo
									Quela
									Marimba
									Montalegre (circ)
									Caombo
		Saurimo			Saurimo	Lunda	Saurimo		Henrique de Carvalho
		Chitato (circ.)			Chitato (circ.)		Chitato		Dala
									Portugália
		Camaxilo (circ.)			Camaxilo (circ.)		Camaxilo (circ.)		Cambulo
									Verissimo Sarmiento
									Caungula (circ.)
									Capenda Camulemba (circ.)
		Cassai Sul (circ.)			Cassai-Sul (circ.)		Cassai-Sul (circ.)		Lubalo (circ.)
		Minungo (circ.)			Minungo (circ.)		Minungo (circ.)		Cuilo (circ.)
Benguela	Cuanza Sul	Novo Redondo		Cuanza Sul	Novo Redondo	Cuanza-Sul	Novo Redondo	Cuanza-Sul	Novo Redondo
		Amboim			Amboim		Amboim		Amboim
									Quilenda
		Porto Amboim			Porto Amboim		Porto Amboim		Porto Amboim
		Libolo			Libolo		Libolo		Libolo
		Quibala (circ.)			Quibala		Quibala		Quibala
		Seles (circ.)			Seles		Seles		Seles
									Conda
									Cassongue
							Cela		Santa Comba
									Ébo
					Gango (circ.)				Mussende

(continua)

1940			1950			1960		1970	
Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Distrito	Concelho/Circunscrição	Distrito	Concelho/Circunscrição
Benguela	Benguela	Benguela	Benguela	Benguela	Benguela	Benguela	Benguela	Benguela	Benguela
		Lobito			Lobito		Lobito		Bala Farta
		Ganda			Ganda		Ganda		Lobito
	Huambo	Huambo		Huambo	Huambo	Huambo	Huambo	Huambo	Ganda
		Bailundo			Bailundo		Bailundo		Cubal
		Caála			Caála		Caála		Balombo
Bié	Bié	Bié	Bié	Bié	Bié	Bié	Bié	Bié	Bié
		Andulo			Andulo		Chinguar		Nova Sintra
		Camacupa			Camacupa		Andulo		Chinguar
		Alto Cuanza (circ.)			Alto-Cuanza (circ.)		Camacupa		Andulo
		Menongue (circ.)			Menongue		Alto Cuanza (circ.)		Nharêa
		Baixo Cubango (circ.)			Cuito Cuanavale (circ.)		Alto Cuanza (circ.)		Vouga
	Moxico	Quando (circ.)		Quando Cubango	Baixo-Cubango	Quando Cubango	Menongue	Quando Cubango	General Machado
		Moxico			Quando (circ.)		Cuito Cuanavale (circ.)		Cuimba
		Dilolo (circ.)			Moxico		Baixo Cubango (circ.)		Chitembo
		Luchazes (circ.)			Dilolo		Quando (circ.)		Serpa Pinto
		Alto Zambeze (circ.)			Luchazes (circ.)		Moxico		Cuchi
		Bundas (circ.)			Alto-Zambeze (circ.)		Dilolo		Cuito Cuanavale (circ.)
									Cuangar (circ.)
									Dirico(circ.)
									Mavinga (circ.)
									Rivungo (circ.)
									Moxico
									Camanongue
									Léua
									Teixeira de Sousa
									Luacano
									Cameia
									Luchazes (circ.)
									Alto Zambeze (circ.)
									Bundas (circ.)

(continua)

1940			1950			1960		1970	
Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Provincia	Distrito	Concelho/Circunscrição	Distrito	Concelho/Circunscrição	Distrito	Concelho/Circunscrição
Huila	Moçâmedes	Moçâmedes	Huila	Moçâmedes	Moçâmedes	Moçâmedes	Moçâmedes	Moçâmedes	Moçâmedes
		Porto Alexandre			Porto Alexandre		Porto Alexandre		Virei (circ.)
		Bibala (circ.)			Bibala (circ.)		Bibala		Porto Alexandre
									Vila Arriaga
	Huila	Lubango		Huila	Lubango	Huila	Lubango	Huila	Lubango
									Humpata
		Chibia			Chibia		Chibia		Chibia
		Caconda			Caconda		Caconda		Caconda
									Caluquembe
		Quilengues (circ.)			Quilengues		Quilengues		Qilengues
		Ganguelas (circ.)			Ganguelas (circ.)		Ganguelas		Ganguelas
									Jamba
									Chipindo
		Alto Cunene (circ.)			Alto-Cunene (circ.)		Alto Cunene		Quipungo
							Capelongo		Capelongo
		Baixo Cunene (circ.)		Cunene	Baixo-Cunene (circ.)		Baixo Cunene		Cuanhama
									Cuvelai (circ.)
		Gambos (circ.)			Gambos (circ.)		Gambos (circ.)		Gambos (circ.)
					Curoca (circ.)		Curoca (circ.)		Curoca (circ.)
					Cuamato (circ.)		Cuamato		Cuamato

Fontes: Censo Geral da População, 1940; Anuário Estatístico de Angola, 1940-43; II Recenseamento Geral da População, 1950; Anuário Estatístico, 1950-51; 3º Recenseamento Geral da População, 1960; Anuário Estatístico, 1970.

Anexo 6 – Angola. População branca em 1940, 1950, 1960 e 1970

Distrito	População total				Variação da população		
	1940	1950	1960	1970 ⁽¹⁾	40/50	50/60	60/70
	(Nº)				(%)		
Cabinda	371	734	1.992		97,8	171,4	
Zaire	262	467	883		78,2	89,1	
Congo	439	475			8,2		
Uíge		1.805	5.966			230,5	
Luanda ⁽²⁾	10.453	21.018	58.256	124.700	101,1	177,2	114,1
Cuanza-Norte	949	2.433	7.480		156,4	207,4	
Malanje	1.411	2.792	5.794		97,9	107,5	
Lunda	603	996	1.807		65,2	81,4	
Cuanza-Sul	1.790	3.619	11.002		102,2	204,0	
Benguela	5.115	12.213	26.731		138,8	118,9	
Huambo	7.456	9.955	18.666		33,5	87,5	
Bié	2.519	4.038	5.065		60,3	25,4	
Moxico	962	1.742	3.432		81,1	97,0	
Cuando Cubango		132	314			137,9	
Moçâmedes	3.339	5.248	6.905		57,2	31,6	
Cunene		784					
Huíla ⁽³⁾	8.414	10.375	18.236	25.203	23,3	75,8	38,2
Angola	44.083	78.826	172.529	290.000	78,8	118,9	68,1

(1) Não foi possível obter informação para os vários distritos. O valor apresentado ao nível de Angola é apenas uma estimativa.

(2) Segundo Redinha (1992) Luanda concentrava em 1970 43% da população branca.

(3) Este valor não corresponde ao total do distrito, mas sim ao conjunto formado por: Sá da Bandeira, Santo António, Huíla, Hoque, Humpata, Chibíia, Capunda-Cavilongo e Jau. Ver Medeiros, 1976.

Fonte: Censo Geral da População, 1940; II Recenseamento Geral da População; 3º Recenseamento Geral da População; 1960; Rela, 1992

Anexo 7 – Angola. Zonas Agrícolas. Determinação da população em 1970

Distrito	Zona Agrícola (Nº)	Posto Administrativo	População total em 1960 (Nº) (A)	Evolução 60/70 do distrito		Estimativa da população total em 1970 (Nº) (D) = A + C		
				(%) (Quadro 2) (B)	Variação da população(Nº) (C) = (A x B)/100	Por concelho ou circunscrição	Total da zona	
Cabinda	1-Cabinda	Cabinda	13.499	38,1	5.143	18.642	80.853	
		Tando Zinze	8.540	38,1	3.254	11.794		
		Lândana	4.996	38,1	1.903	6.899		
		Lela	3.449	38,1	1.314	4.763		
		Massabi	1.621	38,1	618	2.239		
		Inhuca	1.190	38,1	453	1.643		
		Buco Zau	5.404	38,1	2.059	7.463		
		Necuto (Luango)	7.940	38,1	3.025	10.965		
		Belize	7.078	38,1	2.697	9.775		
		Miconje	4.830	38,1	1.840	6.670		
Zaire	2- Litoral-Norte	Ambrizete	10.736	-59,8	-6.420	4.316	15.662	
		Tomboco	4.508	-59,8	-2.696	1.812		
		Quinzau	3.429	-59,8	-2.051	1.378		
		Santo António do Zaire	7.222	-59,8	-4.319	2.903		
		Emílio de Carvalho	1.466	-59,8	-877	589		
		Porto Rico	4.092	-59,8	-2.447	1.645		
		Quelo	7.508	-59,8	-4.490	3.018		
Cuanza-Norte	3-Cafeicola Dembos- Uíge	Quitexe	11.934	13,3	1.587	13.521	375.678	
		Salazar	22.079	13,3	2.937	25.016		
		Quibaxe	21.007	13,3	2.794	23.801		
		Pango Aluquem	13.400	13,3	1.782	15.182		
		Dange	15.593	13,3	2.074	17.667		
		Bula Atumba	13.053	13,3	1.736	14.789		
		Golungo Alto	15.719	13,3	2.091	17.810		
		Cambondo	9.408	13,3	1.251	10.659		
		Cerca	8.934	13,3	1.188	10.122		
		Quilombo	8.873	13,3	1.180	10.053		
		Camame	8.077	13,3	1.074	9.151		
		Quiculungo	7.474	13,3	994	8.468		
		Samba Cajú	19.913	13,3	2.648	22.561		
		Banga	12.764	13,3	1.698	14.462		
		Bolongongo	6.994	13,3	930	7.924		
		Terreiro	6.354	13,3	845	7.199		
		Luanda	Quimbombe	4.468	61,7	2.757		7.225
			Quicunzo	13.651	61,7	8.423		22.074
			Nambuagongo	14.670	61,7	9.051		23.721
			Ucua	5.576	61,7	3.440		9.016
		Uíge	Bembe	13.613	-3,3	-449		13.164
			Mabaia	5.447	-3,3	-180		5.267
			Songo	15.721	-3,3	-519		15.202
			Carmona	40.048	-3,3	-1.322		38.726
			Ambuíla	7.023	-3,3	-232		6.791
			Quipedro	3.875	-3,3	-128		3.747
			Bessa Monteiro	5.867	-59,8	-3.508		2.359
Zaire	4-Subplanalto do Congo	Lucunga	12.970	-3,3	-428	12.542	30.838	
		Cuimba	6.821	-59,8	-4.079	2.742		
		Buela	6.871	-59,8	-4.109	2.762		
		Nóqui	6.801	-59,8	-4.067	2.734		
		Lufico	1.751	-59,8	-1.047	704		
		São Salvador	12.691	-59,8	-7.589	5.102		
		Luvo	3.409	-59,8	-2.039	1.370		
		Madimba	7.169	-59,8	-4.287	2.882		

(continua)

Distrito	Zona Agrícola (Nº)	Posto Administrativo	População total em 1960 (Nº) (A)	Evolução 60/70 do distrito		Estimativa da população total em 1970 (Nº) (D) = A + C	
				(%) (Quadro 2) (B)	Variação da população(Nº) (C) = (A x B)/100	Por concelho ou circunscrição	Total da zona
Cuanza-Norte	5-Planalto do Congo	Camabatela	25.130	13,3	3.342	28.472	288.267
Malanje		Forte República	21.004	23,6	4.957	25.961	
		Cangola	16.872	-3,3	-557	16.315	
		Caiongo	9.039	-3,3	-298	8.741	
		Bengo		-3,3	0	0	
		Damba	40.937	-3,3	-1.351	39.586	
		31 de Janeiro	16.012	-3,3	-528	15.484	
		Negage	25.269	-3,3	-834	24.435	
		Bungo	11.223	-3,3	-370	10.853	
		Puri	14.104	-3,3	-465	13.639	
		Sanza Pombo	16.675	-3,3	-550	16.125	
		Buenga-Norte	8.678	-3,3	-286	8.392	
		Cuilo Pombo	7.173	-3,3	-237	6.936	
		Uamba	9.468	-3,3	-312	9.156	
		Mucaba	17.620	-3,3	-581	17.039	
		Maquela do Zombo	17.143	-3,3	-566	16.577	
		Béu	10.469	-3,3	-345	10.124	
		Quibocolo	15.492	-3,3	-511	14.981	
Zaire		Canda	13.565	-59,8	-8.112	5.453	
		6-Cuango	Quimbele	27.647	-3,3	-912	
	Icoca		3.275	-3,3	-108	3.167	
	Cuango		4.460	-3,3	-147	4.313	
	Santa Cruz		2.093	-3,3	-69	2.024	
	Macolo		7.991	-3,3	-264	7.727	
	Macocola		4.187	-3,3	-138	4.049	
	Cuilo Futa		9.328	-3,3	-308	9.020	
	7/8-Litoral de Luanda	Sacandica	5.560	-3,3	-183	5.377	150.520
		Dondo	12.089	13,3	1.608	13.697	
		Massangano	2.901	13,3	386	3.287	
		Quilemba	3.609	13,3	480	4.089	
		Zenza do Itombe	3.461	13,3	460	3.921	
		Ambriz	6.178	61,7	3.812	9.990	
		Caxito	15.437	61,7	9.525	24.962	
		Barra do Dande	3.868	61,7	2.387	6.255	
		Quicabo	5.538	61,7	3.417	8.955	
		Mabubas	3.978	61,7	2.454	6.432	
		Catete	12.697	61,7	7.834	20.531	
		Cabiri	4.107	61,7	2.534	6.641	
		Cassoneca	10.406	61,7	6.421	16.827	
		Bom Jesus	6.343	61,7	3.914	10.257	
		Viana	3.370	61,7	2.079	5.449	
	Barra do Cuanza	1.905	61,7	1.175	3.080		
	Cacuaco	3.802	61,7	2.346	6.148		
	9-Baixa de Cassanje	Quela	9.008	23,6	2.126	11.134	136.697
		Xandele	7.714	23,6	1.821	9.535	
		Lui	8.392	23,6	1.981	10.373	
		Cinco de outubro	7.544	23,6	1.780	9.324	
		Monte Verde	22.951	23,6	5.416	28.367	
		Tembo Aluma	4.601	23,6	1.086	5.687	
		Milando	13.957	23,6	3.294	17.251	
		Ginga	21.534	23,6	5.082	26.616	
		Brito Godins	14.895	23,6	3.515	18.410	

(continua)

Distrito	Zona Agrícola (Nº)	Posto Administrativo	População total em 1960 (Nº) (A)	Evolução 60/70 do distrito		Estimativa da população total em 1970 (Nº) (D) = A + C	
				(%) (Quadro 2) (B)	Variação da população(Nº) (C) = (A x B)/100	Por concelho ou circunscrição	Total da zona
Lunda	10-Nordeste da Lunda	Portugália	2.398	22,3	535	2.933	106.258
		Lóvua	7.411	22,3	1.653	9.064	
		Luachimo	17.515	22,3	3.906	21.421	
		Cambulo	19.248	22,3	4.292	23.540	
		Canzar	13.825	22,3	3.083	16.908	
		Luia	3.731	22,3	832	4.563	
		Cachimo	4.164	22,3	929	5.093	
		Camissombo	6.499	22,3	1.449	7.948	
		Sombo	7.784	22,3	1.736	9.520	
		Capala	4.308	22,3	961	5.269	
Lunda	11-Lunda	Caungula	10.792	22,3	2.407	13.199	213.028
		Camaxilo	11.611	22,3	2.589	14.200	
		Luremo	8.169	22,3	1.822	9.991	
		Cuango	3.585	22,3	799	4.384	
		Lubalo	11.573	22,3	2.581	14.154	
		Cuilo	7.155	22,3	1.596	8.751	
		Caluango	5.318	22,3	1.186	6.504	
		Nova Chaves	1.951	22,3	435	2.386	
		Cassai	1.411	22,3	315	1.726	
		Chiluage	3.153	22,3	703	3.856	
		Chiumbe	2.464	22,3	549	3.013	
		Cazage	9.456	22,3	2.109	11.565	
		Cacolo	10.014	22,3	2.233	12.247	
		Cucumbi	2.040	22,3	455	2.495	
		Xassengue	7.047	22,3	1.571	8.618	
		Alto Chicapa	4.757	22,3	1.061	5.818	
		Capenda-Cabulemba	10.851	22,3	2.420	13.271	
		Henrique de Carvalho	12.535	22,3	2.795	15.330	
		Mona-Quimbundo	9.433	22,3	2.104	11.537	
		Xá-Cassau	7.331	22,3	1.635	8.966	
		Dala	13.209	22,3	2.946	16.155	
		Luangué	6.535	22,3	1.457	7.992	
		Quitapa	8.455	23,6	1.995	10.450	
		Malanje	Sautar	5.195	23,6	1.226	
Luanda	12-Suburbana de Luanda		42.498	61,7	26.221	68.719	363.081
			140.633	61,7	86.771	227.404	
			41.409	61,7	25.549	66.958	
Cuanza-Norte	13/14-Planalto de Malanje	Luinga	3.578	13,3	476	4.054	307.744
Lucala		10.707	13,3	1.424	12.131		
Cacuso		25.066	23,6	5.916	30.982		
Lombe		8.701	23,6	2.053	10.754		
Pungo Andongo		7.812	23,6	1.844	9.656		
Duque de Bragança		54.064	23,6	12.759	66.823		
Cateco Cangola		14.368	23,6	3.391	17.759		
Cuale		18.643	23,6	4.400	23.043		
Malanje		25.766	23,6	6.081	31.847		
Ritondo		47.274	23,6	11.157	58.431		
Mucari		18.733	23,6	4.421	23.154		
		Cagandala	15.462	23,6	3.649	19.111	

(continua)

Distrito	Zona Agrícola (Nº)	Posto Administrativo	População total em 1960 (Nº) (A)	Evolução 60/70 do distrito		Estimativa da população total em 1970 (Nº) (D) = A + C	
				(%) (Quadro 2) (B)	Variação da população(Nº) (C) = (A x B)/100	Por concelho ou circunscrição	Total da zona
Cuanza-Sul	15-Litoral a Sul do Cuanza	Quirimbo	6.588	13,3	876	7.464	78.279
		Munenga	8.489	13,3	1.129	9.618	
		Novo Redondo	12.708	13,3	1.690	14.398	
		Gungo	16.123	13,3	2.144	18.267	
		Porto Amboim	11.679	13,3	1.553	13.232	
		Capolo	4.613	13,3	614	5.227	
Luanda		Muxima	2.917	61,7	1.800	4.717	
		Demba-Chio	3.312	61,7	2.044	5.356	
Cuanza-Sul	16-Libolo-Amboim	Gabela	23.338	13,3	3.104	26.442	182.464
		Assango	8.495	13,3	1.130	9.625	
		Quilenda	15.861	13,3	2.110	17.971	
		Calulo	23.045	13,3	3.065	26.110	
		Cabuta	8.748	13,3	1.163	9.911	
		Quissongo	11.860	13,3	1.577	13.437	
		Dala-Cachibo	7.631	13,3	1.015	8.646	
		Nova do Seles	40.305	13,3	5.361	45.666	
Cuanza-Sul	17-Transição do Centro- Noroeste	Conda	21.762	13,3	2.894	24.656	138.921
		Santa Comba	13.890	13,3	1.847	15.737	
		Cela	19.729	13,3	2.624	22.353	
		Sanga	8.881	13,3	1.181	10.062	
		Ebo	17.799	13,3	2.367	20.166	
		Condé	9.984	13,3	1.328	11.312	
Bié	18-Alto Cuanza	Quibala	38.096	13,3	5.067	43.163	169.538
		Cariango	14.234	13,3	1.893	16.127	
		Mutumbo	4.743	43,7	2.073	6.816	
		Catota	10.196	43,7	4.456	14.652	
		Cambandua	17.839	43,7	7.796	25.635	
		Umpulo	6.165	43,7	2.694	8.859	
		Gando	10.380	43,7	4.536	14.916	
		Neves Ferreira	19.329	43,7	8.447	27.776	
		Nova Gaia	19.157	23,6	4.521	23.678	
Malanje		Tala Mungongo	10.248	23,6	2.419	12.667	
		Quirima	17.787	23,6	4.198	21.985	
		Quimbango	10.158	23,6	2.397	12.555	
Bié	19-Influência C.F.B-Leste	Luando	12.637	43,7	5.522	18.159	130.668
		Munhango	5.583	43,7	2.440	8.023	
		Caianda	5.162	-20,0	-1.032	4.130	
		Teixeira de Sousa	20.191	-20,0	-4.038	16.153	
		Dilolo	13.891	-20,0	-2.778	11.113	
		Cameia	13.459	-20,0	-2.692	10.767	
		Luso	35.817	-20,0	-7.163	28.654	
		Cachipoque	11.702	-20,0	-2.340	9.362	
		Camanongue	9.798	-20,0	-1.960	7.838	
		Sandando	20.587	-20,0	-4.117	16.470	
Moxico	20-Anharas do Moxico		Sem informação. Muito pouco povoada				

(continua)

Distrito	Zona Agrícola (Nº)	Posto Administrativo	População total em 1960 (Nº) (A)	Evolução 60/70 do distrito		Estimativa da população total em 1970 (Nº) (D) = A + C	
				(%) (Quadro 2) (B)	Variação da população(Nº) (C) = (A x B)/100	Por concelho ou circunscrição	Total da zona
Moxico	21-Alto Zambeze	Cazombo	8.760	-20,0	-1.752	7.008	35.118
		Calunda	5.952	-20,0	-1.190	4.762	
		Lumbala	15.269	-20,0	-3.054	12.215	
		Nana Candundo	8.911	-20,0	-1.782	7.129	
		Macondo	1.932	-20,0	-386	1.546	
		Lóvua	3.073	-20,0	-615	2.458	
Benguela	22/29-Litoral-Sul	Benguela	40.282	-2,7	-1.088	39.194	182.096
		Baía Farta	3.353	-2,7	-91	3.262	
		Dombe-Grande	8.713	-2,7	-235	8.478	
		Mamué	2.943	-2,7	-79	2.864	
		Lobito	50.424	-2,7	-1.361	49.063	
		Catumbela	17.883	-2,7	-483	17.400	
		Egito	7.082	-2,7	-191	6.891	
		Canata	3.713	-2,7	-100	3.613	
Huíla		Oncócuá	1.894	8,5	161	2.055	
		Chitato	2.478	8,5	211	2.689	
Moçâmedes		Arriaga	5.948	23,4	1.392	7.340	
		Camacuio	3.082	23,4	721	3.803	
		Caitou	1.454	23,4	340	1.794	
		Capangombe	1.661	23,4	389	2.050	
		Moçâmedes	7.963	23,4	1.863	9.826	
		Lucira	1.415	23,4	331	1.746	
		São Nicolau	492	23,4	115	607	
		Santa Rita	6.823	23,4	1.597	8.420	
		Cainde	535	23,4	125	660	
		Porto Alexandre	6.381	23,4	1.493	7.874	
		Foz do Cunene	7	23,4	2	9	
		Baía dos Tigres	1.339	23,4	313	1.652	
Iona		27	23,4	6	33		
Curoca Norte		627	23,4	147	774		
Benguela	23-Transição do Centro-Oeste	Bocoio	27.740	-2,7	-749	26.991	180.851
		Monte Belo	27.644	-2,7	-746	26.898	
		Chila	5.707	-2,7	-154	5.553	
		Caimbando	29.343	-2,7	-792	28.551	
		Mariano Machado	36.254	-2,7	-979	35.275	
		Babaera	28.214	-2,7	-762	27.452	
		Hanha	30.967	-2,7	-836	30.131	

(continua)

Distrito	Zona Agrícola (Nº)	Posto Administrativo	População total em 1960 (Nº) (A)	Evolução 60/70 do distrito		Estimativa da população total em 1970 (Nº) (D) = A + C	
				(%) (Quadro 2) (B)	Variação da população(Nº) (C) = (A x B)/100	Por concelho ou circunscrição	Total da zona
Benguela	24-Planalto Central	Norton de Matos	24.033	-2,7	-649	23.384	1.727.037
		Cumbira	35.648	-2,7	-962	34.686	
		Quingenge	25.589	-2,7	-691	24.898	
		Ebanga	18.878	-2,7	-510	18.368	
		Chicuma	26.536	-2,7	-716	25.820	
		Chilata	36.927	-2,7	-997	35.930	
Bié		Andulo	63.634	43,7	27.808	91.442	
		Chiengue	17.600	43,7	7.691	25.291	
		Cunhinga	9.527	43,7	4.163	13.690	
		N'harêa	34.486	43,7	15.070	49.556	
		Gamba	29.342	43,7	12.822	42.164	
		Dondeiro (Vouga)	22.169	43,7	9.688	31.857	
		Silva Porto	24.990	43,7	10.921	35.911	
		Catabola (Nova Sintra)	31.295	43,7	13.676	44.971	
		Cunje	18.303	43,7	7.998	26.301	
		General Machado	37.577	43,7	16.421	53.998	
		Chinguar	11.559	43,7	5.051	16.610	
		Cangote	19.787	43,7	8.647	28.434	
		Cutato	18.447	43,7	8.061	26.508	
		Cuanza-Sul	Amboiva	18.083	13,3	2.405	
Cassongue			32.233	13,3	4.287	36.520	
Atôme			10.476	13,3	1.393	11.869	
Teixeira da Silva			30.825	40,2	12.392	43.217	
Huambo		Bimbe	20.605	40,2	8.283	28.888	
		Lunge	37.748	40,2	15.175	52.923	
		Luvemba	34.389	40,2	13.824	48.213	
		Luimbale	33.226	40,2	13.357	46.583	
		Mungo	46.936	40,2	18.868	65.804	
		Bela Vista	23.296	40,2	9.365	32.661	
		Chiumbo	22.520	40,2	9.053	31.573	
		Robert Williams	19.974	40,2	8.030	28.004	
		Cuíma	24.723	40,2	9.939	34.662	
		Catata	22.475	40,2	9.035	31.510	
		Cuma	22.066	40,2	8.871	30.937	
		Longonjo	16.110	40,2	6.476	22.586	
		Lépi	12.185	40,2	4.898	17.083	
		Vila Flor	20.623	40,2	8.290	28.913	
		Quipeio	23.459	40,2	9.431	32.890	
		Nova Lisboa	70.629	40,2	28.393	99.022	
		Benfica	23.058	40,2	9.269	32.327	
		Chipipa	9.301	40,2	3.739	13.040	
		Vila Nova	16.357	40,2	6.576	22.933	
		Sambo	24.674	40,2	9.919	34.593	
		Vale do Queue	15.302	40,2	6.151	21.453	
		Huíla	Samboto	12.280	40,2	4.937	
Caconda			38.185	8,5	3.246	41.431	
Gungue			25.113	8,5	2.135	27.248	
Caluquembe			40.589	8,5	3.450	44.039	
Galangue			19.330	8,5	1.643	20.973	
Chipindo			37.885	8,5	3.220	41.105	
Malanje		Mussende	13.360	23,6	3.153	16.513	

(continua)

Distrito	Zona Agrícola (Nº)	Posto Administrativo	População total em 1960 (Nº) (A)	Evolução 60/70 do distrito		Estimativa da população total em 1970 (Nº) (D) = A + C	
				(%) (Quadro 2) (B)	Variação da população(Nº) (C) = (A x B)/100	Por concelho ou circunscrição	Total da zona
Bié	25-Ganguelas	Chitembo	11.383	43,7	4.974	16.357	120.260
Cuando Cubango		Cachingues	15.726	43,7	6.872	22.598	
		Serpa Pinto	10.162	-0,9	-91	10.071	
		Cuchi	25.683	-0,9	-231	25.452	
Huambo		Chinhama	14.571	40,2	5.858	20.429	
		Artur de Paiva	23.367	8,5	1.986	25.353	
Moxico	26/28-Bundas e Luchazes	Gago Coutinho	11.305	-20,0	-2.261	9.044	64.703
		Ninda	12.512	-20,0	-2.502	10.010	
		Mussuma	6.386	-20,0	-1.277	5.109	
		Lutembo	3.839	-20,0	-768	3.071	
		Lumai	4.793	-20,0	-959	3.834	
		Cangamba	5.422	-20,0	-1.084	4.338	
		Muíé	4.876	-20,0	-975	3.901	
		Alto Cuito	12.186	-20,0	-2.437	9.749	
		Sessa	3.148	-20,0	-630	2.518	
		Cangombe	5.330	-20,0	-1.066	4.264	
		Cassamba	2.581	-20,0	-516	2.065	
		Lucusse	6.008	-20,0	-1.202	4.806	
		Muangai	2.493	-20,0	-499	1.994	
Moçâmedes	27-Quilengues	Lola	5.250	23,4	1.229	6.479	65.215
Huíla		Quilengues	17.684	8,5	1.503	19.187	
		Dinde	6.795	8,5	578	7.373	
		Chongorói	17.732	8,5	1.507	19.239	
		Impulo	11.924	8,5	1.014	12.938	
Huíla	30-Terras Altas da Huíla	João de Almeida	12.231	8,5	1.040	13.271	95.480
		Jau	7.244	8,5	616	7.860	
		Capunda Cavi longo	9.725	8,5	827	10.552	
		Sá da Bandeira	15.129	8,5	1.286	16.415	
		Huíla	10.691	8,5	909	11.600	
		Hoque	6.579	8,5	559	7.138	
		Santo António	13.597	8,5	1.156	14.753	
		Humpata	12.804	8,5	1.088	13.892	
Huíla	31-Transição do Centro-Sul	Quipungo	23.737	8,5	2.018	25.755	114.826
		Chiveio	4.038	8,5	343	4.381	
		Chicomba	32.457	8,5	2.759	35.216	
		Matala	5.352	8,5	455	5.807	
		Capelongo	7.234	8,5	615	7.849	
		Cassinga	4.875	8,5	414	5.289	
		Dongo	16.828	8,5	1.430	18.258	
		N'Gola	11.309	8,5	961	12.270	
Moxico	32-Quando-Cubango	Chiume	11.066	-20,0	-2.213	8.853	62.802
Cuando Cubango		Mavinga	5.975	-0,9	-54	5.921	
		Dima	3.485	-0,9	-31	3.454	
		Luiana	7.867	-0,9	-71	7.796	
		Neriquinha	6.554	-0,9	-59	6.495	
		Cuito-Cuanavale	6.298	-0,9	-57	6.241	
		Lupire	4.274	-0,9	-38	4.236	
		Longa	7.343	-0,9	-66	7.277	
		Baixo Longa	3.277	-0,9	-29	3.248	
		Caiundo	9.366	-0,9	-84	9.282	

(continua)

Distrito	Zona Agrícola (Nº)	Posto Administrativo	População total em 1960 (Nº) (A)	Evolução 60/70 do distrito		Estimativa da população total em 1970 (Nº) (D) = A + C	
				(%) (Quadro 2) (B)	Variação da população(Nº) (C) = (A x B)/100	Por concelho ou circunscrição	Total da zona
Huíla	33-Gambos	Ochinjau	4.231	8,5	360	4.591	26.469
		Chiange	7.672	8,5	652	8.324	
		Cahama	2.246	8,5	191	2.437	
		Tchibemba	10.246	8,5	871	11.117	
Huíla	34-Baixo Cunene	Calonga	2.222	8,5	189	2.411	31.713
		Mulondo	3.800	8,5	323	4.123	
		Roçadas	6.507	8,5	553	7.060	
		Naulila	6.999	8,5	595	7.594	
		Mucupe	6.715	8,5	571	7.286	
		Humbe	2.986	8,5	254	3.240	
Huíla	35-Cuanhama	Pereira de Eça	29.541	8,5	2.511	32.052	113.034
		Cafima	13.644	8,5	1.160	14.804	
		Môngua	15.413	8,5	1.310	16.723	
		Melunga	11.879	8,5	1.010	12.889	
		Namacunde	14.432	8,5	1.227	15.659	
		Evale	13.206	8,5	1.123	14.329	
		Cuamato	6.064	8,5	515	6.579	
Quando Cubango	36-Baixo Cubango	Cuangular	10.881	-0,9	-98	10.783	22.545
		Dirico	9.092	-0,9	-82	9.010	
		Mucusso	2.777	-0,9	-25	2.752	
Angola			4.830.449			5.673.055	

Fontes: Diniz, 1973; Junta Autónoma das Estradas de Angola (JAEA), 1967; *Anuário Estatístico*, 1970; 3º Recenseamento Geral da População, 1960.

Anexo 8 – Angola. Correspondência entre a Zonagem Agrícola e a Divisão Administrativa. Densidade populacional de 1960 e 1970

Zona Agrícola	Superfície da Zona Agrícola (Km²)	Divisão administrativa				População total (1960)	Densidade Populacional (Hab./Km²)	
		1970		2010			1960	1970 ⁽¹⁾
		Distrito	Concelho/Circunscrição	Província	Município			
Cabinda (Nº1)	7.300	Cabinda	Cabinda	Cabinda	Cabinda	58.547	8,02	11,08
			Cacongo		Cacongo			
			Buco Zau (circ.)		Buco Zau			
			Belize (circ.)		Belize			
Litoral Norte (Nº2)	9.760	Zaire	Santo António do Zaire	Zaire	Soyo	38.961	3,99	1,60
			Ambrizete(*)		N'zeto(*)			
			Tombôco (circ.) (*)		Tomboco(*)			
Cafeicola Dembos-Uíge (Nº3)	40.680	Zaire	Ambrizete(*)	Zaire	N'zeto(*)	331.535	8,15	9,23
		Uíge	Uíge	Uíge	Uíge			
			Ambuíla (circ.)		Ambuíla			
			Songo		Songo			
			Bembe(*)		Bembe(*)			
			Negage(*)		Negage(*)			
			Dange		Quitexe			
		Luanda	Nambuangongo	Bengo	Nambuangongo			
			Dande(*)		Dande(*)			
		Cuanza-Norte	Cazengo	Kuanza Norte	Cazengo			
			Golungo Alto		Golungo Alto			
			Quiculungo		Quiculungo			
			Bolongongo		Bolongongo			
			Banga	Banga				
			Samba Cajú	Samba Cajú				
			Dembos	Bengo	Dembos			
Bula Atumba	Pango-Aluquem							
Subplanalto do Congo (Nº4)	21.560	Zaire	São Salvador	Zaire	M'Banza-Congo	58.483	2,71	1,43
			Tombôco (circ.) (*)		Tomboco(*)			
			Nóqui (circ.)		Noqui			
		Cuímba (circ.) (*)	Cuímba(*)					
Uíge	Bembe(*)	Uíge	Bembe(*)					
Planalto do Congo (Nº5)	35.200	Zaire	Cuímba (circ.) (*)	Zaire	Cuímba(*)	295.873	8,41	8,19
		Uíge	Bungo	Uíge	Bungo			
			Negage(*)		Negage(*)			
			Zombo(*)		Maquela do Zombo(*)			
			Damba		Damba			
			Alto Cuale		Kangola			
			Pombo		Sanza Pombo			
		Puri	Puri					
		Cuanza-Norte	Ambaca(*)	Kuanza Norte	Ambaca(*)			
Malanje	Forte República (circ.) (*)	Malanje	Massango(*)					
Cuango (Nº6)	18.480	Uíge	Zombo(*)	Uíge	Maquela do Zombo(*)	64.541	3,49	3,38
			Quimbele		Quimbele			
			Macocola (circ.)		Milunga			
		Malanje	Forte República (circ.) (*)	Malanje	Massango(*)			

(continua)

Zona Agrícola	Superfície da Zona Agrícola (Km²)	Divisão administrativa				População total (1960)	Densidade Populacional (Hab./Km²)	
		Distrito	1970	Província	2010		1960	1970 ⁽¹⁾
			Concelho/Circunscrição		Município			
Litoral de Luanda (Nº7/8)	25.560	Luanda	Cacuaco	Luanda	Cacuaco	99.689	3,90	5,89
			Viana		Viana			
			Ambriz		Samba			
			Dande(*)	Bengo	Ambriz			
			Icolo e Bengo		Dande(*)			
Baixa de Cassanje (Nº9)	34.230	Malanje	Cambambe	Kuanza Norte	Ícolo e Bengo	110.596	3,23	3,99
			Quela		Cambambe			
			Caombo	Malange	Quela			
			Montalegre	Malange	Xa-Muteba			
			Marimba		Cahombo			
Nordeste da Lunda (Nº10)	57.640	Lunda	Henrique de Carvalho(*)	Lunda Sul	Marimba	86.883	1,51	1,84
			Portugália	Lunda Norte	Saurimo(*)			
			Cambulo		Chitato			
			Veríssimo Sarmento		Cambulo			
Lunda Nº11)	122.540	Malanje	Quirima (circ.)(*)	Malange	Lucapa	174.040	1,42	1,74
		Lunda	Nova Gaia(*)		Quirima(*)			
			Henrique de Carvalho(*)	Lunda Sul	Cambundi-Catembo(*)			
			Lubalo (circ.)	Lunda Norte	Saurimo(*)			
			Caungula (circ.)		Lubalo			
			Cuilo (circ.)		Caungula			
			Nova Chaves (circ.)	Lunda Sul	Cuilo			
			Dala		Muconda			
			Cacolo (circ.)		Dala			
Suburbana de Luanda (Nº12)	Sem informação	Luanda (1º Bairro)	Capenda Camulemba (circ.)	Lunda Norte	Cacolo	224.540		
					Capenda Camulemba			
					Cuango			
					Ingombotas			
					Kilamba Kiayi			
Planalto de Malanje (Nº13/14)	25.280	Malanje	Luanda (2º Bairro)	Luanda	Rangel	250.174	9,90	12,17
			Luanda (3º Bairro)		Maianga			
			Luanda (4º Bairro)		Cazenga			
					Sambizanga			
			Lucala	Kuanza Norte	Lucala			
			Ambaca(*)		Ambaca(*)			
			Malanje	Malange	Malanje			
Litoral Sul do Cuanza (Nº15)	23.080	Cuanza-Sul	Mucari		Caculama	66.429	2,88	3,39
			Cangandala(*)		Cangandala(*)			
			Cacuso		Cacuso			
			Duque de Bragança		Calandula			
			Forte República (circ.)(*)		Massango(*)			
Libolo-Amboim (Nº16)	11.720	Cuanza-Sul	Quiçama	Bengo	Quiçama	161.045	13,74	15,57
			Novo Redondo	Kuanza Sul	Sumbe			
			Quilenda(*)		Kilenda(*)			
			Porto Amboim		Porto Amboim			
			Libolo(*)		Libolo(*)			
			Amboim	Kuanza Sul	Amboim			
			Quilenda(*)		Kilenda(*)			
			Libolo(*)		Libolo(*)			
			Seles(*)		Seles(*)			
			Conda		Conda			
			Quibala(*)		Kibala(*)			

(continua)

Zona Agrícola	Superfície da Zona Agrícola (Km²)	Divisão administrativa				População total (1960)	Densidade Populacional (Hab./Km²)	
		1970		2010			1960	1970 ⁽¹⁾
		Distrito	Concelho/Circunscrição	Província	Município			
Transição Centro-Noroeste (Nº17)	28.480	Cuanza-Sul	Quibala(*)	Kuanza Sul	Kibala(*)	122.613	4,31	4,88
			Santa Comba(*)		Cela(*)			
			Ébo		Ebo			
Alto Cuanza (Nº18)	106.200	Malanje	Cangandala(*)	Malange	Cangandala(*)	126.002	1,19	1,60
			Quirima (circ.)(*)		Quirima(*)			
			Nova Gaia(*)		Cambundi-Catembo(*)			
			Luquembo		Luquembo			
		Bié	Bié(*)	Bié	Kuito(*)			
			General Machado(*)		Camakupa(*)			
Chitembo(*)	Chitembo(*)							
Influência do CFB-Leste (Nº19)	39.720	Bié	Cuimba	Bié	Cuimba	148.827	3,75	3,29
			Moxico(*)		Moxico(*)			
			Camanongue		Kamanongue			
			Léua		Lewa			
			Cameia		Lumeje			
			Luacano		Luacano			
			Teixeira de Sousa		Luau			
Alto Zambeze (circ.)(*)	Alto Zambeze(*)							
Anharas do Moxico (Nº20)	32.240	Moxico	Alto Zambeze (circ.)(*)	Moxico	Alto Zambeze(*)	Sem informação. Muito pouco povoada		
			Moxico(*)		Moxico(*)			
			Bundas (circ.)(*)		Bundas(*)			
Alto Zambeze (Nº21)	25.670	Moxico	Alto Zambeze (circ.)(*)	Moxico	Alto Zambeze(*)	43.897	1,71	1,37
Litoral Sul (Nº22/29)	79.760	Benguela	Benguela	Benguela	Benguela	176.519	2,21	2,28
			Baía Farta		Baía Farta			
			Lobito		Lobito			
		Huíla	Curoca (circ.)(*)	Cunene	Kuroca(*)			
			Moçâmedes	Namibe	Namibe			
		Virei (circ.)	Virei					
		Porto Alexandre	Tombwa					
Vila Arriaga	Bibala							
Transição Centro-Oeste (Nº23)	13.400	Benguela	Ganda(*)	Benguela	Ganda(*)	185.869	13,87	13,50
			Cubal		Cubal			
			Bocoio		Caimbambo			
Planalto Central (Nº24) (continua)	79.040	Cuanza-Sul	Seles(*)	Kuanza Sul	Seles(*)	1.324.342	16,76	21,85
			Cassongue		Kassongue			
			Mussende		Mussende			
		Benguela	Ganda(*)	Benguela	Tchinjenje(*)			
			Balombo	Balombo				
		Huambo	Huambo	Huambo	Huambo			
			Vila Nova	Tchikala-Tcholohanga				
			Bela Vista(*)	Katchihungo(*)				
			Bailundo	Bailungo				
			Mungo	Mungo				
			Luimbale	Londumbali				
			Caála	Kahala				
			Vila Flor	Ekunha				
			Cuma	Ukuma				
		Longonjo	Longonjo					

(continua)

Zona Agrícola	Superfície da Zona Agrícola (Km²)	Divisão administrativa				População total (1960)	Densidade Populacional (Hab./Km²)	
		1970		2010			1960	1970 ⁽¹⁾
		Distrito	Concelho/Circunscrição	Provincia	Município			
Planalto Central (Nº24)	79.040	Bié	Bié(*)	Bié	Kuito(*)	1.324.342	16,76	21,85
			Chinguar		Chinguar			
			Andulo		Andulo			
			Nharêa		Nharêa			
			General Machado(*)		Camakupa(*)			
			Nova Sintra		Catabola			
		Huila	Vouga	Kunhinga				
			Caconda	Caconda				
			Caluquembe(*)	Caluquembe				
			Ganguelas(*)	Kuvango(*)				
		Chipindo	Chipindo					
Ganguelas (Nº25)	38.440	Huambo	Bela Vista(*)	Huambo	Katchihungo(*)	100.892	2,62	3,13
		Bié	Chitembo(*)	Bié	Chitembo(*)			
		Cuando Cubango	Serpa Pinto(*)	Kuando Kubango	Menongue(*)			
		Cuchi	Cuchi					
		Huila	Ganguelas(*)	Huila	Kuvango(*)			
Bundas e Luchazes (Nº26/28)	110.700	Moxico	Moxico(*)	Moxico	Moxico(*)	80.879	0,73	0,58
			Luchazes (circ.)		Luchazes			
			Bundas (circ.)(*)		Bundas(*)			
Quilengues (Nº27)	8.480	Moçâmedes	Vila Arriaga	Namibe	Camucuio	59.385	7,00	7,69
		Huila	Quilengues	Huila	Quilengues			
				Benguela	Chongoroi			
Terras Altas da Huila (Nº30)	8.000	Huila	Lubango	Huila	Lubango	88.000	11,00	11,94
			Humpata		Humpata			
			Chibia		Chibia			
Transição Centro-Sul (Nº31)	38.960	Huila	Caluquembe(*)	Huila	Chicomba	105.830	2,72	2,95
			Jamba		Jamba			
			Quipungo		Kipungo			
			Capelongo(*)		Matala(*)			
			Cuvelai (circ.)(*)	Cunene	Kuvelai(*)			
Cuando-Cubango (Nº32)	133.000	Moxico	Bundas (circ.)(*)	Moxico	Bundas(*)	65.505	0,49	0,47
		Cuando Cubango	Serpa Pinto(*)	Kuando Kubango	Menongue(*)			
			Cuito Cuanavale (circ.)		Cuito Cuanavale			
			Rivungo (circ.)		Rivungo			
			Mavinga (circ.)		Mavinga			
Gambos (Nº33)	14.240	Huila	Gambos (circ.)	Huila	Chiange	24.395	1,71	1,86
			Curoca (circ.)(*)	Cunene	Kahama			
					Kuroca(*)			
Baixo Cunene (Nº34)	17.560	Huila	Capelongo(*)	Huila	Matala(*)	29.229	1,66	1,81
			Cuvelai (circ.)(*)	Cunene	Kuvelai(*)			
			Cuamato(*)		Ombandja(*)			
Cuanhama (Nº35)	50.034	Huila	Cuanhama	Cunene	Kwanhama	104.179	2,08	2,26
			Cuvelai (circ.)(*)		Namacunde			
					Cuamato(*)			
Baixo Cubango (Nº36)	40.000	Cuando Cubango	Dirico (circ.)	Kuando Kubango	Dirico	22.750	0,57	0,56
			Cuangar (circ.)		Cuangar			
					Calai			

(1) Estimativa. Ver Anexo 7.

(*) Municípios incluídos em mais de uma zona.

Fontes: Diniz, 1973; Junta Autónoma das Estradas de Angola (JAEA), 1967; *Anuário Estatístico*, 1970; 3º Recenseamento Geral da População, 1960;

<http://www.inss.gv.ao/portal/InformacaoProvincias/>; <http://www.geohive.com>; <http://pt.wikipedia.org/>.

Anexo 9 – Angola. Agricultura tradicional. Comparação entre dimensão económica e dimensão física das explorações

Zona Agrícola	Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola (ano agrícola: 1970-71)		
	Explorações	Dimensão económica média por exploração (valor da produção + vendas líquidas + abate)	Dimensão Física média por exploração
	(Nº)	(escudos)	(ha)
32- Cuando-Cubango	9.224	434,7	0,8
2- Litoral-Norte	3.000	719,7	1,3
25 - Ganguelas	35.742	913,4	3,6
36- Baixo Cubango	7.470	1.039,5	3,0
26/28- Bundas e Luchazes	22.026	1.119,0	1,0
23 - Transição do Centro-Oeste	53.538	1.142,3	3,7
20- Anharas do Moxico	17.977	1.752,0	1,2
27 - Quilengues	14.917	1.753,7	2,9
21- Alto Zambeze	13.161	1.767,3	1,2
19- Influência do CFB-Leste	15.215	1.767,4	1,5
4- Subplanalto do Congo	7.552	1.957,5	1,4
17 - Transição do Centro-Noroeste	41.926	2.058,6	2,8
24 - Planalto Central	358.810	2.061,1	5,6
11- Lunda	36.234	2.075,9	1,4
6- Cuango	28.969	2.174,5	1,7
10 - Nordeste da Lunda	22.232	2.324,7	4,0
18 - Alto Cuanza	54.440	2.353,6	2,7
16 - Libolo-Amboim	37.629	2.649,4	1,9
35 - Cuanhama	13.409	2.697,3	14,7
7/8 - Litoral de Luanda	13.131	3.081,6	1,5
33 - Gambos	9.829	3.230,4	4,8
1 - Cabinda	14.477	3.305,7	2,2
9 - Baixa de Cassange	26.943	3.443,9	1,6
30 - Terras Altas da Huila	13.937	3.531,6	4,8
13/14 - Planalto de Malange	74.038	4.022,1	2,5
34 - Baixo Cunene	4.056	4.354,6	11,4
31 - Transição do Centro-Sul	27.614	4.362,4	8,4
3- Cafeicola Dembos-Uíge	61.276	4.512,4	3,2
5- Planalto do Congo	15.703	4.637,4	2,5
22/29 - Litoral-Sul	4.236	5.291,8	3,9
15 - Litoral a Sul do Cuanza	8.519	5.401,9	2,7

Fonte: *Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola*, 1972.

Anexo 10 – Angola. Agricultura tradicional. Comparação entre dimensão económica e rendimento bruto das explorações

Zona Agrícola	Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola (ano agrícola: 1970-71)						Recenseamentos Agrícolas de Angola	
	Valor médio da produção por exploração (12 culturas)		Criação de gado bovino (venda líquida + abate)		Dimensão económica média por exploração (valor da produção + vendas líquidas + abate)		Rendimento bruto médio por exploração	
	(escudos)	(%)	(escudos)	(%)	(escudos)	(classes)	(escudos)	(classes)
2- Litoral-Norte	719,7	100,0			719,7	1		
23 - Transição do Centro-Oeste	976,9	85,5	165,5	14,5	1.142,3	1	1.689,5	2
25 - Ganguelas	894,6	97,9	18,7	2,1	913,4	1	2.117,4	2
26/28- Bundas e Luchazes	1.119,0	100,0			1.119,0	1		
32- Cuando-Cubango	434,7	100,0			434,7	1		
36- Baixo Cubango	583,4	56,1	456,1	43,9	1.039,5	1		
4- Subplanalto do Congo	1.957,5	100,0			1.957,5	2		
6- Cuango	2.174,5	100,0			2.174,5	2		
10 - Nordeste da Lunda	2.324,7	100,0			2.324,7	2	3.679,1	3
11- Lunda	2.075,9	100,0			2.075,9	2		
16 - Libolo-Amboim	2.649,4	100,0			2.649,4	2	3.665,1	3
17 - Transição do Centro-Noroeste	2.041,1	99,2	17,5	0,8	2.058,6	2	1.438,9	1
18 - Alto Cuanza	2.329,6	99,0	24,0	1,0	2.353,6	2	1.960,0	2
19- Influência do CFB-Leste	1.767,4	100,0			1.767,4	2		
20- Anharas do Moxico	1.752,0	100,0			1.752,0	2		
21- Alto Zambeze	1.767,3	100,0			1.767,3	2		
24 - Planalto Central	2.052,4	99,6	8,7	0,4	2.061,1	2	2.576,3	2
27 - Quilengues	920,9	52,5	832,8	47,5	1.753,7	2	3.256,5	3
35 - Cuanhama	2.099,0	77,8	598,4	22,2	2.697,3	2	3.557,0	3
1 - Cabinda	3.305,7	100,0			3.305,7	3	13.263,9	4
7/8 - Litoral de Luanda	3.081,6	100,0			3.081,6	3	2.278,4	2
9 - Baixa de Cassange	3.443,9	100,0			3.443,9	3	4.567,1	4
13/14 - Planalto de Malange	4.022,1	100,0			4.022,1	3	3.425,6	3
30 - Terras Altas da Huíla	2.179,2	61,7	1.352,3	38,3	3.531,6	3	1.788,5	2
31 - Transição do Centro-Sul	3.741,4	85,8	621,0	14,2	4.362,4	3		
33 - Gambos	1.766,2	54,7	1.464,2	45,3	3.230,4	3	1.979,5	2
34 - Baixo Cunene	2.365,1	54,3	1.989,5	45,7	4.354,6	3	2.793,6	2
3- Cafeicola Dembos-Uíge	4.512,4	100,0			4.512,4	4		
5- Planalto do Congo	4.637,4	100,0			4.637,4	4		
15 - Litoral a Sul do Cuanza	5.401,9	100,0			5.401,9	4	5.070,4	4
22/29 - Litoral-Sul	1.252,6	23,7	4.039,2	76,3	5.291,8	4	2.408,7	2

Classes de dimensão económica e rendimento bruto médios por exploração (escudos):

1 ≤ 1500

2 > 1500 a ≤ 3000

3 > 3000 a ≤ 4500

4 > 4500

Fonte: *Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972; Recenseamentos Agrícolas de Angola, 19 volumes.*

Anexo 11 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Produção disponível para comercializar (%)

Grandes Regiões	Grandes Regiões	Composição da produção para o conjunto das explorações da zona											
		12 principais culturas											
		Produção disponível para comercialização (1) (%)											
		Trigo	Arroz	Massango	Massambala	Milho	Feijão	Batata	Algodão	Mandioca	Amendoim	Café	Palmeiras de óleo
I A	1 - Cabinda					61,5				12,6	45,1	99,8	30,7
	2- Litoral Norte					61,5				12,6			54,7
	3- Cafelcola Dembos-Uíge					45,7	47,9			13,8	53,2	99,9	5,8
	4- Subplanalto do Congo					61,5				30,4	47,0		13,4
	5- Planalto do Congo					19,2	39,5			29,6	17,1	99,7	0,0
	6- Cuango					61,5	17,6			30,4	39,3	99,3	33,6
	7/8 - Litoral de Luanda					9,2	51,0		100,0	50,2			31,1
	9 - Baixa de Cassange					47,0	47,4		100,0	36,1	45,6		0,0
	13/14 - Planalto de Malange					84,0	71,3	69,2		43,0	56,9	99,4	20,2
	15 - Litoral a Sul do Cuanza			46,3	0,0	2,8	31,9		100,0	8,5			53,8
	16 - Libolo-Amboim				0,0	29,6	51,7			12,9	47,6	99,8	16,0
	17 - Transição do Centro-Noroeste					34,5	65,2	58,5		9,6	45,5	98,5	46,8
	18 - Alto Cuanza		81,9		1,9	20,9	53,8	32,8		10,5	19,7		
	25 - Ganguelas				0,0	22,7	24,2	0,0		8,0	44,4		
	REGIÃO I A		81,9	46,3	0,5	46,6	62,1	68,4	100,0	29,8	49,8	99,8	20,8
I B	24 - Planalto Central	86,2	65,6		5,4	33,9	50,4	59,0		11,4	43,3	92,3	
	REGIÃO I B	86,2	65,6		5,4	33,9	50,4	59,0		11,4	43,3	92,3	
I (I A + I B)	REGIÃO I	86,2	81,0	46,3	3,4	37,5	57,4	60,5	100,0	26,8	49,5	98,9	20,8
II	10 - Nordeste da Lunda		81,7			61,5				30,4	54,0		
	11- Lunda					71,8	49,3			16,6	58,2		
	19- Influência do CFB-Leste					61,5				30,4	39,4		
	20- Anharas do Moxico					61,5				30,4			
	21- Alto Zambeze					61,5				30,4	39,4		
	26/28- Bundas e Luchazes				1,0	21,1				12,6	39,2		
	32- Cuando-Cubango			7,6	0,9	20,5							
	REGIÃO II	0,0	81,7	7,6	1,0	46,6	49,3	0,0	0,0	26,0	57,2	0,0	0,0
III	22/29 - Litoral-Sul			2,3	7,5	2,2	59,6				0,0		
	23 - Transição do Centro-Oeste			0,2	9,0	12,5	36,8	66,5		3,4	62,3		
	27 - Quilengues			1,9	5,8	2,6	0,0			0,0	0,0		
	30 - Terras Altas da Huila	0,0		5,3	8,0	37,8	51,9	57,0			24,3		
	31 - Transição do Centro-Sul	64,3		11,1	14,0	51,7	58,1	61,9		8,5	63,2		
	33 - Gambos			2,0	12,3	25,9	0,0						
	34 - Baixo Cunene			4,2	6,7	2,8					0,0		
	35 - Cuanhama			5,0	2,9	44,8							
	36- Baixo Cubango			4,9	10,7	61,5							
	REGIÃO III	43,8	0,0	4,7	8,0	38,6	48,0	64,0	0,0	3,7	44,6	0,0	0,0
TOTAL		85,3	81,3	4,9	8,0	38,4	56,3	60,5	100,0	26,0	50,2	99,3	20,7

(1) Ao total da produção (100%) retira-se a percentagem que a MIAA indicou caber ao auto-aprovisionamento. Esta diferença corresponde ao excedente da produção que os agricultores dispõem para comercializar.

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Anexo 12 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Composição da produção (%)

Grandes Regiões	Zona Agrícola	Composição da produção para o conjunto das explorações da zona													
		12 principais culturas												Gado bovino	TOTAL
		Valor da produção (%)												Venda Líquida + Abate	
		Trigo	Arroz	Massango	Massambala	Milho	Feijão	Batata	Algodão	Mandioca	Amendoim	Café	Palmeiras de óleo		
I A	1 - Cabinda					4,2				12,5	1,4	79,0	2,9		100,0
	2- Litoral Norte					19,1				57,6			23,3		100,0
	3- Cafeicola Dembos-Uíge					1,8	2,5			21,8	9,5	62,9	1,5		100,0
	4- Subplanalto do Congo					7,0	0,0			82,5	6,9	0,0	3,6		100,0
	5- Planalto do Congo					0,3	4,5			49,4	7,3	38,3	0,2		100,0
	6- Cuango					6,3	2,5			74,3	0,7	14,7	1,4		100,0
	7/8 - Litoral de Luanda					1,4	9,8		36,0	52,6			0,3		100,0
	9 - Baixa de Cassange					3,0	2,8		46,3	41,2	6,6		0,1		100,0
	13/14 - Planalto de Malange					17,0	24,2	3,8		44,1	7,7	3,0	0,2		100,0
	15 - Litoral a Sul do Cuanza			0,1	0,1	7,4	1,6		86,0	3,1			1,8		100,0
	16 - Libolo-Amboim				0,1	14,1	10,9			9,2	1,5	61,8	2,4		100,0
	17 - Transição do Centro-Noroeste					42,9	25,2	0,4		16,4	3,7	10,0	0,6	0,8	100,0
	18 - Alto Cuanza		37,2		0,1	17,9	12,1	0,0		31,1	0,6			1,0	100,0
	25 - Ganguelas				0,2	69,4	11,6	0,2		16,0	0,4			2,1	100,0
	REGIÃO I A	0,0	3,7	0,0	0,0	12,8	11,0	0,9	7,5	32,5	5,3	25,2	0,9	0,2	100,0
I B	24 - Planalto Central	3,5	0,4		0,1	56,5	12,9	8,4		11,1	0,4	6,3		0,4	100,0
	REGIÃO I B	3,5	0,4	0,0	0,1	56,5	12,9	8,4	0,0	11,1	0,4	6,3	0,0	0,4	100,0
I (I A + I B)	REGIÃO I	1,3	2,5	0,0	0,0	28,7	11,7	3,6	4,8	24,7	3,5	18,3	0,6	0,3	100,0
II	10 - Nordeste da Lunda		19,5			5,9				69,5	5,1				100,0
	11- Lunda					17,8	7,8			51,4	23,0				100,0
	19- Influência do CFB-Leste					7,8				91,4	0,9				100,0
	20- Anharas do Moxico					7,8				92,2					100,0
	21- Alto Zambeze					7,8				91,4	0,9				100,0
	26/28- Bundas e Luchazes				0,2	62,5				37,1	0,2				100,0
	32- Cuando-Cubango			17,8	0,6	81,6									100,0
	REGIÃO II	0,0	4,3	0,3	0,0	17,5	2,5	0,0	0,0	66,8	8,6	0,0	0,0	0,0	100,0
III	22/29 - Litoral-Sul			5,5	11,3	3,7	3,1				0,1			76,3	100,0
	23 - Transição do Centro-Oeste			0,4	13,7	59,9	4,5	4,4		2,2	0,3			14,5	100,0
	27 - Quilengues			8,9	32,3	10,4	0,6			0,0	0,3			47,5	100,0
	30 - Terras Altas da Huíla	0,1		6,3	10,5	39,8	2,7	1,9			0,3			38,3	100,0
	31 - Transição do Centro-Sul	0,1		3,1	1,8	77,9	2,2	0,2		0,1	0,4			14,2	100,0
	33 - Gambos			19,9	9,6	25,1	0,1							45,3	100,0
	34 - Baixo Cunene			36,0	9,3	8,4					0,6			45,7	100,0
	35 - Cuanhama			66,5	9,4	1,8								22,2	100,0
	36- Baixo Cubango			28,5	14,4	13,2								43,9	100,0
	REGIÃO III	0,1	0,0	13,3	9,6	44,2	2,1	1,0	0,0	0,4	0,3	0,0	0,0	29,0	100,0
TOTAL		1,0	2,3	1,9	1,4	29,8	9,5	2,9	3,7	25,1	3,5	14,1	0,5	4,3	100,0

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Anexo 13 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Composição do excedente (%)

Grandes Regiões	Zona Agrícola	Composição do excedente para o conjunto das explorações da zona													
		12 principais culturas												Gado bovino	TOTAL
		Valor do excedente (%)												Venda Líquida (1)	
		Trigo	Arroz	Massango	Massambala	Milho	Feijão	Batata	Algodão	Mandioca	Amendoim	Café	Palmeiras de óleo		
I A	1 - Cabinda					3,0				1,9	0,8	93,3	1,1		100,0
	2- Litoral Norte					37,0				22,9			40,2		100,0
	3- Cafeícola Dembos-Uíge					1,1	1,6			4,1	6,9	86,1	0,1		100,0
	4- Subplanalto do Congo					13,0				75,7	9,8		1,4		100,0
	5- Planalto do Congo					0,1	3,1			26,2	2,2	68,3			100,0
	6- Cuango					9,2	1,1			53,4	0,7	34,6	1,1		100,0
	7/8 - Litoral de Luanda					0,2	7,4		53,2	39,1			0,2		100,0
	9 - Baixa de Cassange					2,1	2,0		69,2	22,2	4,5				100,0
	13/14 - Planalto de Malange					23,6	28,5	4,4		31,4	7,3	4,9	0,1		100,0
	15 - Litoral a Sul do Cuanza			0,0		0,2	0,6		97,8	0,3			1,1		100,0
	16 - Libolo-Amboim					5,7	7,6			1,6	1,0	83,6	0,5		100,0
	17 - Transição do Centro-Noroeste					32,7	36,2	0,5		3,5	3,7	21,7	0,6	1,1	100,0
	18 - Alto Cuanza		67,9		0,0	8,3	14,5	0,0		7,3	0,3			1,8	100,0
	25 - Ganguelas					73,6	13,1			6,0	0,8			6,4	100,0
	REGIÃO I A	0,0	4,9	0,0	0,0	9,7	11,1	1,0	12,1	15,7	4,2	40,8	0,3	0,2	100,0
I B	24 - Planalto Central	7,4	0,6		0,0	46,8	15,9	12,1		3,1	0,4	14,1		-0,5	100,0
	REGIÃO I B	7,4	0,6	0,0	0,0	46,8	15,9	12,1	0,0	3,1	0,4	14,1	0,0	-0,5	100,0
I (I A + I B)	REGIÃO I	2,0	3,7	0,0	0,0	19,8	12,4	4,1	8,8	12,2	3,2	33,5	0,2	0,0	100,0
II	10 - Nordeste da Lunda		36,7			8,4				48,6	6,3				100,0
	11- Lunda					33,2	9,9			22,1	34,8				100,0
	19- Influência do CFB-Leste					14,5				84,4	1,0				100,0
	20- Anharas do Moxico					14,7				85,3					100,0
	21- Alto Zambeze					14,5				84,4	1,0				100,0
	26/28- Bundas e Luchazes				0,0	73,5				26,0	0,4				100,0
	32- Cuando-Cubango			7,5		92,5									100,0
	REGIÃO II	0,0	9,9	0,1	0,0	23,2	3,4	0,0	0,0	49,4	14,0	0,0	0,0	0,0	100,0
III	22/29 - Litoral-Sul			0,2	1,3	0,1	2,8							95,7	100,0
	23 - Transição do Centro-Oeste				4,9	29,7	6,6	11,7		0,3	0,9			45,9	100,0
	27 - Quilengues			0,4	4,5	0,6								94,5	100,0
	30 - Terras Altas da Huíla			0,7	1,7	30,0	2,8	2,1			0,2			62,6	100,0
	31 - Transição do Centro-Sul	0,2		0,6	0,5	73,8	2,4	0,2		0,0	0,4			21,9	100,0
	33 - Gambos			0,9	2,6	14,1								82,5	100,0
	34 - Baixo Cunene			3,5	1,5	0,6								94,5	100,0
	35 - Cuanhama			15,5	1,3	3,8								79,4	100,0
	36- Baixo Cubango			2,8	3,1	16,5								77,6	100,0
	REGIÃO III	0,1	0,0	1,4	1,7	38,4	2,2	1,5	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	54,4	100,0
TOTAL		1,7	3,6	0,2	0,2	22,3	10,6	3,5	7,2	13,0	3,5	27,3	0,2	6,7	100,0

(1) O valor negativo da Região I B (N.º 24 Planalto Central) deve-se ao facto das compras efectuadas ultrapassarem as vendas de gado bovino.

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Anexo 14 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Composição do auto-provisionamento (%)

Grandes Regiões	Zona Agrícola	Composição do auto-provisionamento para o conjunto das explorações da zona														TOTAL
		12 principais culturas												Gado bovino		
		Valor do auto-provisionamento (%)												Abate		
		Trigo	Arroz	Massango	Massambala	Milho	Feijão	Batata	Algodão	Mandioca	Amendoim	Café	Palmeiras de óleo			
I A	1 - Cabinda					10,3				70,6	5,1	1,0	13,0		100,0	
	2- Litoral Norte					10,8				73,8			15,5		100,0	
	3- Cafeicola Dembos-Uíge					3,6	4,8			69,6	16,4	0,2	5,3		100,0	
	4- Subplanalto do Congo					4,0				85,8	5,5	0,0	4,6		100,0	
	5- Planalto do Congo					0,5	6,1			78,9	13,8	0,3	0,5		100,0	
	6- Cuango					4,2	3,6			89,6	0,7	0,2	1,6		100,0	
	7/8 - Litoral de Luanda					3,8	14,7		0,0	80,8			0,7		100,0	
	9 - Baixa de Cassange					4,8	4,5		0,0	79,6	10,9		0,2		100,0	
	13/14 - Planalto de Malange					6,9	17,6	3,0		63,7	8,4	0,0	0,4		100,0	
	15 - Litoral a Sul do Cuanza			0,3	0,4	59,9	9,1		0,0	23,5			6,8		100,0	
	16 - Libolo-Amboim				0,3	37,9	20,1			30,6	3,0	0,5	7,7		100,0	
	17 - Transição do Centro-Noroeste					51,4	16,0	0,3		27,1	3,7	0,3	0,6	0,6	100,0	
	18 - Alto Cuanza		12,2		0,1	25,7	10,1	0,0		50,5	0,9			0,4	100,0	
	25 - Ganguelas				0,3	68,3	11,2	0,3		18,8	0,3			0,9	100,0	
		REGIÃO I A	0,0	1,7	0,0	0,1	17,8	10,9	0,7	0	59,6	6,9	0,1	1,9	0,2	100,0
I B	24 - Planalto Central	0,8	0,2		0,1	63,3	10,8	5,9		16,6	0,4	0,8		1,1	100,0	
	REGIÃO I B	0,8	0,2	0,0	0,1	63,3	10,8	5,9	0,0	16,6	0,4	0,8	0,0	1,1	100,0	
I (I A + I B)	REGIÃO I	0,4	1,0	0,0	0,1	39,1	10,9	3,1	0,0	39,5	3,9	0,5	1,0	0,6	100,0	
II	10 - Nordeste da Lunda		6,3			4,0				85,5	4,2				100,0	
	11- Lunda					8,2	6,4			69,8	15,7				100,0	
	19- Influência do CFB-Leste					4,5				94,8	0,8				100,0	
	20- Anharas do Moxico					4,5				95,5					100,0	
	21- Alto Zambeze					4,5				94,8	0,8				100,0	
	26/28- Bundas e Luchazes				0,3	60,1				39,5	0,2				100,0	
	32- Cuando-Cubango			20,1	0,7	79,2									100,0	
	REGIÃO II	0,0	1,2	0,4	0,1	14,4	1,9	0,0	0,0	76,3	5,7	0,0	0,0	0,0	100,0	
III	22/29 - Litoral-Sul			16,3	31,6	10,8	3,8				0,3			37,2	100,0	
	23 - Transição do Centro-Oeste			0,5	16,7	70,0	3,8	2,0		2,9	0,2			3,9	100,0	
	27 - Quilengues			15,0	52,2	17,4	1,1			0,1	0,5			13,8	100,0	
	30 - Terras Altas da Huíla	0,3		12,0	19,3	49,8	2,7	1,6			0,5			13,8	100,0	
	31 - Transição do Centro-Sul	0,1		6,0	3,4	82,9	2,0	0,1		0,2	0,3			5,0	100,0	
	33 - Gambos			36,2	15,7	34,5	0,2							13,4	100,0	
	34 - Baixo Cunene			60,3	15,2	14,3					1,0			9,1	100,0	
	35 - Cuanhama			80,6	11,7	1,3								6,5	100,0	
	36- Baixo Cubango			53,5	25,4	10,1								11,1	100,0	
	REGIÃO III	0,1	0,0	22,8	16,0	48,8	1,9	0,7	0,0	0,7	0,3	0,0	0,0	8,8	100,0	
TOTAL		0,3	0,9	3,7	2,6	37,7	8,4	2,4	0,0	37,7	3,5	0,3	0,7	1,8	100,0	

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Anexo 15 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso de cada região na produção de cada actividade (%)

Grandes Regiões	Zona Agrícola	Produção: peso da zona agrícola														TOTAL
		12 principais culturas												Gado bovino		
		Valor da produção (%)												Venda Líquida + Abate		
		Trigo	Arroz	Massango	Massambala	Milho	Feijão	Batata	Algodão	Mandioca	Amendoim	Café	Palmeiras de óleo			
I A	1 - Cabinda					0,3				0,9	0,7	10,1	11,5		1,8	
	2- Litoral Norte					0,1				0,2			4,1		0,1	
	3- Cafeicola Dembos-Uíge					0,6	2,8			9,1	28,2	46,5	34,4		10,4	
	4- Subplanalto do Congo					0,1				1,8	1,1		4,3		0,6	
	5- Planalto do Congo					0,0	1,3			5,4	5,8	7,5	1,2		2,7	
	6- Cuango					0,5	0,6			7,0	0,5	2,5	7,4		2,4	
	7/8 - Litoral de Luanda					0,1	1,6		15,0	3,2			1,1		1,5	
	9 - Baixa de Cassange					0,4	1,0		44,2	5,7	6,6		0,6		3,5	
	13/14 - Planalto de Malange					6,4	28,6	14,6		19,8	24,7	2,4	4,8		11,2	
	15 - Litoral a Sul do Cuanza			0,1	0,1	0,4	0,3		40,8	0,2			6,7		1,7	
	16 - Libolo-Amboim				0,2	1,8	4,3			1,4	1,6	16,5	19,7		3,8	
	17 - Transição do Centro-Noroeste					4,7	8,6	0,4		2,1	3,4	2,3	4,1	0,6	3,3	
	18 - Alto Cuanza		78,6		0,2	2,9	6,1	0,0		6,0	0,9			1,1	4,8	
	25 - Ganguelas				0,2	2,9	1,5	0,1		0,8	0,1			0,6	1,2	
		REGIÃO I A	0,0	78,6	0,1	0,7	21,1	56,8	15,1	100,0	63,6	73,6	87,6	100,0	2,4	49,1
I B	24 - Planalto Central	99,1	4,8		1,0	52,9	37,9	80,0		12,3	3,3	12,4		2,7	27,9	
	REGIÃO I B	99,1	4,8	0,0	1,0	52,9	37,9	80,0	0,0	12,3	3,3	12,4	0,0	2,7	27,9	
I (I A + I B)	REGIÃO I	99,1	83,4	0,1	1,7	73,9	94,6	95,1	100,0	75,9	76,9	100,0	100,0	5,1	77,0	
II	10 - Nordeste da Lunda		16,6			0,4				5,4	2,8				1,9	
	11- Lunda					1,7	2,3			5,8	18,6				2,8	
	19- Influência do CFB-Leste					0,3				3,7	0,3				1,0	
	20- Anharas do Moxico					0,3				4,4					1,2	
	21- Alto Zambeze					0,2				3,2	0,2				0,9	
	26/28- Bundas e Luchazes				0,2	1,9				1,4	0,1				0,9	
	32- Cuando-Cubango			1,4	0,1	0,4									0,2	
	REGIÃO II	0,0	16,6	1,4	0,2	5,2	2,3	0,0	0,0	23,8	22,0	0,0	0,0	0,0	8,9	
III	22/29 - Litoral-Sul			2,5	6,9	0,1	0,3				0,0			15,0	0,8	
	23 - Transição do Centro-Oeste			0,5	22,9	4,6	1,1	3,5		0,2	0,2			7,8	2,3	
	27 - Quilengues			4,6	23,1	0,3	0,1			0,0	0,1			10,9	1,0	
	30 - Terras Altas da Huíla	0,3		6,2	14,0	2,5	0,5	1,2			0,2			16,5	1,9	
	31 - Transição do Centro-Sul	0,6		7,4	5,9	11,9	1,1	0,2		0,0	0,5			15,0	4,5	
	33 - Gambos			12,5	8,3	1,0	0,0							12,6	1,2	
	34 - Baixo Cunene			12,6	4,5	0,2					0,1			7,1	0,7	
	35 - Cuanhama			47,8	9,3	0,1								7,0	1,4	
	36- Baixo Cubango			4,4	3,0	0,1								3,0	0,3	
	REGIÃO III	0,9	0,0	98,5	98,1	20,8	3,0	4,9	0,0	0,2	1,1	0,0	0,0	94,9	14,1	
TOTAL		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Anexo 16 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso de cada região no excedente de cada actividade (%)

Grandes Regiões	Zona Agrícola	Excedente peso da zona agrícola														TOTAL
		12 principais culturas												Gado bovino		
		Valor do excedente (%)												Venda Líquida		
		Trigo	Arroz	Massango	Massambala	Milho	Feijão	Batata	Algodão	Mandioca	Amendoim	Café	Palmeiras de óleo	(1)		
I A	1 - Cabinda					0,4				0,4	0,7	10,2	16,9		3,0	
	2- Litoral Norte					0,1				0,1			10,9		0,1	
	3- Cafeicola Dembos-Uíge					0,8	2,3			4,7	29,3	47,0	9,6		14,9	
	4- Subplanalto do Congo					0,2				2,1	1,0		2,8		0,4	
	5- Planalto do Congo					0,0	0,9			6,0	1,9	7,5			3,0	
	6- Cuango					0,8	0,2			8,0	0,4	2,5	12,0		2,0	
	7/8 - Litoral de Luanda					0,0	1,4		15,0	6,0			1,6		2,0	
	9 - Baixa de Cassange					0,4	0,9		44,2	7,8	5,9				4,6	
	13/14 - Planalto de Malange					14,0	35,8	16,6		32,0	27,5	2,4	4,7		13,3	
	15 - Litoral a Sul do Cuanza			0,5		0,0	0,2		40,8	0,1			17,2		3,0	
	16 - Libolo-Amboim					1,4	3,9			0,7	1,5	16,6	15,1		5,4	
	17 - Transição do Centro-Noroeste					4,2	9,9	0,4		0,8	3,0	2,3	9,2	0,5	2,9	
	18 - Alto Cuanza		79,4		0,0	1,6	5,8	0,0		2,4	0,3			1,1	4,2	
	25 - Ganguelas					1,7	0,6			0,2	0,1			0,5	0,5	
		REGIÃO I A	0,0	79,4	0,5	0,0	25,7	61,9	17,1	100	71,4	71,7	88,5	100,0	2,1	59,2
I B	24 - Planalto Central	99,6	3,9		0,7	46,9	33,5	77,8		5,3	2,8	11,5		-1,6	22,4	
	REGIÃO I B	99,6	3,9	0,0	0,7	46,9	33,5	77,8	0,0	5,3	2,8	11,5	0,0	-1,6	22,4	
I (I A + I B)	REGIÃO I	2,0	83,2	0,5	0,7	72,6	95,4	94,8	100,0	76,6	74,5	100,0	100,0	0,5	81,6	
II	10 - Nordeste da Lunda		16,8			0,6				6,2	3,0				1,7	
	11- Lunda					3,2	2,0			3,6	21,2				2,1	
	19- Influência do CFB-Leste					0,4				4,2	0,2				0,7	
	20- Anharas do Moxico					0,5				5,0					0,8	
	21- Alto Zambeze					0,4				3,7	0,2				0,6	
	26/28- Bundas e Luchazes				0,0	1,1				0,7	0,0				0,3	
	32- Cuando-Cubango			2,2		0,2									0,1	
	REGIÃO II	0,0	16,8	2,2	0,0	6,4	2,0	0,0	0,0	23,3	24,6	0,0	0,0	0,0	6,2	
III	22/29 - Litoral-Sul			1,2	6,6	0,0	0,3							15,9	1,1	
	23 - Transição do Centro-Oeste				26,2	1,5	0,7	3,8		0,0	0,3			7,8	1,1	
	27 - Quilengues			1,8	17,0	0,0								11,4	0,8	
	30 - Terras Altas da Huíla			6,8	14,3	2,5	0,5	1,1			0,1			17,1	1,8	
	31 - Transição do Centro-Sul	0,4		17,0	10,6	16,1	1,1	0,2		0,0	0,6			15,9	4,9	
	33 - Gambos			5,2	13,1	0,7								13,4	1,1	
	34 - Baixo Cunene			11,0	3,8	0,0								7,9	0,6	
	35 - Cuanhama			49,7	3,4	0,1								6,8	0,6	
	36- Baixo Cubango			4,5	4,2	0,2								3,3	0,3	
	REGIÃO III	0,4	0,0	97,3	99,2	21,0	2,6	5,2	0,0	0,0	0,9	0,0	0,0	99,5	12,2	
TOTAL		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	

(1) O valor negativo da Região I B (N.º 24 Planalto Central) deve-se ao facto das compras efectuadas ultrapassarem as vendas de gado bovino.

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Anexo 17 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso da produção

Grandes Regiões	Zona Agrícola	Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola (ano agrícola: 1970-71)								
		Total de explorações	Produção (12 culturas)			Criação de gado bovino (venda líquida + abate)			Soma da região (valor da produção + vendas líquidas + abate)	
			Valor	Percentagem em relação à soma da região	Percentagem em relação à produção total	Venda líquida + abate	Percentagem em relação à soma da região	Percentagem em relação à produção total		
I A	1 - Cabinda	14.477	47.857.000	100,0	1,9				47.857.000	1,8
	2- Litoral Norte	3.000	2.159.000	100,0	0,1				2.159.000	0,1
	3- Cafeicola Dembos-Uíge	61.276	276.502.000	100,0	10,9				276.502.000	10,4
	4- Subplanalto do Congo	7.552	14.783.000	100,0	0,6				14.783.000	0,6
	5- Planalto do Congo	15.703	72.821.000	100,0	2,9				72.821.000	2,7
	6- Cuango	28.969	62.992.000	100,0	2,5				62.992.000	2,4
	7/8 - Litoral de Luanda	13.131	40.464.000	100,0	1,6				40.464.000	1,5
	9 - Baixa de Cassange	26.943	92.790.000	100,0	3,7				92.790.000	3,5
	13/14 - Planalto de Malange	74.038	297.790.000	100,0	11,7				297.790.000	11,2
	15 - Litoral a Sul do Cuanza	8.519	46.019.000	100,0	1,8				46.019.000	1,7
	16 - Libolo-Amboim	37.629	99.694.000	100,0	3,9				99.694.000	3,8
	17 - Transição do Centro-Noroeste	41.926	85.577.000	99,2	3,4	733.333	0,8	0,6	86.310.333	3,3
	18 - Alto Cuanza	54.440	126.826.000	99,0	5,0	1.305.000	1,0	1,1	128.131.000	4,8
	25 - Ganguelas	35.742	31.975.000	97,9	1,3	670.000	2,1	0,6	32.645.000	1,2
I B	REGIÃO I A	423.345	1.298.249.000	99,8	51,2	2.708.333	0,2	2,4	1.300.957.333	49,1
	24 - Planalto Central	358.810	736.428.000	99,6	29,0	3.125.806	0,4	2,7	739.553.806	27,9
	REGIÃO I B	358.810	736.428.000	99,6	29,0	3.125.806	0,4	2,7	739.553.806	27,9
I (I A + I B)	REGIÃO I	782.155	2.034.677.000	99,7	80,2	5.834.140	0,3	5,1	2.040.511.140	77,0
II	10 - Nordeste da Lunda	22.232	51.683.000	100,0	2,0				51.683.000	1,9
	11- Lunda	36.234	75.218.000	100,0	3,0				75.218.000	2,8
	19- Influência do CFB-Leste	15.215	26.891.000	100,0	1,1				26.891.000	1,0
	20- Anharas do Moxico	17.977	31.496.000	100,0	1,2				31.496.000	1,2
	21- Alto Zambeze	13.161	23.260.000	100,0	0,9				23.260.000	0,9
	26/28- Bundas e Luchazes	22.026	24.648.000	100,0	1,0				24.648.000	0,9
	32- Cuando-Cubango	9.224	4.010.000	100,0	0,2				4.010.000	0,2
	REGIÃO II	136.069	237.206.000	100,0	9,4	0	0,0	0,0	237.206.000	8,9
III	22/29 - Litoral-Sul	4.236	5.306.000	23,7	0,2	17.110.000	76,3	15,0	22.416.000	0,8
	23 - Transição do Centro-Oeste	53.538	52.299.000	85,5	2,1	8.858.638	14,5	7,8	61.157.638	2,3
	27 - Quilengues	14.917	13.737.000	52,5	0,5	12.422.718	47,5	10,9	26.159.718	1,0
	30 - Terras Altas da Huila	13.937	30.372.000	61,7	1,2	18.847.385	38,3	16,5	49.219.385	1,9
	31 - Transição do Centro-Sul	27.614	103.314.000	85,8	4,1	17.148.134	14,2	15,0	120.462.134	4,5
	33 - Gambos	9.829	17.360.000	54,7	0,7	14.391.297	45,3	12,6	31.751.297	1,2
	34 - Baixo Cunene	4.056	9.593.000	54,3	0,4	8.069.397	45,7	7,1	17.662.397	0,7
	35 - Cuanhama	13.409	28.145.000	77,8	1,1	8.023.750	22,2	7,0	36.168.750	1,4
	36- Baixo Cubango	7.470	4.358.000	56,1	0,2	3.407.407	43,9	3,0	7.765.407	0,3
	REGIÃO III	149.006	264.484.000	71,0	10,4	108.278.726	29,0	94,9	372.762.726	14,1
TOTAL		1.067.230	2.536.367.000	95,7	100,0	114.112.866	4,3	100,0	2.650.479.866	100,0

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Anexo 18 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso do excedente

Grandes Regiões	Zona Agrícola	Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola (ano agrícola: 1970-71)								
		Total de explorações	Produção (12 culturas)			Criação de gado bovino (venda líquida + abate) (1)			Soma da região (valor do excedente + venda líquida de gado bovino)	
			Valor do excedente	Percentagem em relação à soma da região	Percentagem em relação à produção total	Venda líquida	Percentagem em relação à soma da região	Percentagem em relação à produção total		
I A	1 - Cabinda	14.477	40.426.658	100,0	3,2				40.426.658	3,0
	2- Litoral Norte	3.000	685.265	100,0	0,1				685.265	0,1
	3- Cafeicola Dembos-Uíge	61.276	201.869.535	100,0	16,0				201.869.535	14,9
	4- Subplanalto do Congo	7.552	4.897.074	100,0	0,4				4.897.074	0,4
	5- Planalto do Congo	15.703	40.697.243	100,0	3,2				40.697.243	3,0
	6- Cuango	28.969	26.650.820	100,0	2,1				26.650.820	2,0
	7/8 - Litoral de Luanda	13.131	27.339.604	100,0	2,2				27.339.604	2,0
	9 - Baixa de Cassange	26.943	62.102.932	100,0	4,9				62.102.932	4,6
	13/14 - Planalto de Malange	74.038	180.176.156	100,0	14,3				180.176.156	13,3
	15 - Litoral a Sul do Cuanza	8.519	40.497.635	100,0	3,2				40.497.635	3,0
	16 - Libolo-Amboim	37.629	73.572.075	100,0	5,8				73.572.075	5,4
	17 - Transição do Centro-Noroeste	41.926	38.676.461	98,9	3,1	440.000	1,1	0,5	39.116.461	2,9
	18 - Alto Cuanza	54.440	56.485.818	98,2	4,5	1.015.000	1,8	1,1	57.500.818	4,2
	25 - Ganguelas	35.742	6.540.342	93,6	0,5	446.667	6,4	0,5	6.987.009	0,5
I B	REGIÃO I A	423.345	800.617.618	99,8	63,3	1.901.667	0,2	2,1	802.519.285	59,2
	24 - Planalto Central	358.810	304.461.704	100,5	24,1	-1.470.968	-0,5	-1,6	302.990.736	22,4
	REGIÃO I B	358.810	304.461.704	100,5	24,1	-1.470.968	-0,5	-1,6	302.990.736	22,4
I (I A + I B)	REGIÃO I	782.155	1.105.079.322	100,0	87,4	430.699	0,0	0,5	1.105.510.021	81,6
II	10 - Nordeste da Lunda	22.232	22.462.359	100,0	1,8				22.462.359	1,7
	11- Lunda	36.234	28.988.710	100,0	2,3				28.988.710	2,1
	19- Influência do CFB-Leste	15.215	8.846.446	100,0	0,7				8.846.446	0,7
	20- Anharas do Moxico	17.977	10.343.576	100,0	0,8				10.343.576	0,8
	21- Alto Zambeze	13.161	7.651.729	100,0	0,6				7.651.729	0,6
	26/28- Bundas e Luchazes	22.026	4.421.761	100,0	0,3				4.421.761	0,3
	32- Cuando-Cubango	9.224	725.240	100,0	0,1				725.240	0,1
	REGIÃO II	136.069	83.439.821	100,0	6,6	0	0,0	0,0	83.439.821	6,2
III	22/29 - Litoral-Sul	4.236	651.854	4,3	0,1	14.352.391	95,7	15,9	15.004.245	1,1
	23 - Transição do Centro-Oeste	53.538	8.327.312	54,1	0,7	7.062.210	45,9	7,8	15.389.522	1,1
	27 - Quilengues	14.917	604.818	5,5	0,0	10.315.093	94,5	11,4	10.919.911	0,8
	30 - Terras Altas da Huila	13.937	9.254.948	37,4	0,7	15.476.308	62,6	17,1	24.731.256	1,8
	31 - Transição do Centro-Sul	27.614	51.304.854	78,1	4,1	14.423.544	21,9	15,9	65.728.398	4,9
	33 - Gambos	9.829	2.563.001	17,5	0,2	12.093.821	82,5	13,4	14.656.822	1,1
	34 - Baixo Cunene	4.056	418.951	5,5	0,0	7.145.848	94,5	7,9	7.564.799	0,6
	35 - Cuanhama	13.409	1.600.666	20,6	0,1	6.186.111	79,4	6,8	7.786.777	0,6
	36- Baixo Cubango	7.470	859.610	22,4	0,1	2.972.222	77,6	3,3	3.831.832	0,3
	REGIÃO III	149.006	75.586.014	45,6	6,0	90.027.547	54,4	99,5	165.613.561	12,2
TOTAL		1.067.230	1.264.105.157	93,3	100,0	90.458.246	6,7	100,0	1.354.563.403	100,0

(1) O valor negativo da Região I B (N.º 24 Planalto Central) deve-se ao facto das compras efectuadas ultrapassarem as vendas de gado bovino.

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972.

Anexo 19 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Peso da população em 1960 e 1970

Grandes Regiões	Zona Agrícola	Peso da população (60 e 70) e área					
		Área total		População total em 1960		População total em 1970 (estimativa)	
		(Km ²)	(%)	(habitantes)	(%)	(habitantes)	(%)
I A	1 - Cabinda	7.300	0,6	58.547	1,3	80.853	1,5
	2- Litoral Norte	9.760	0,8	38.961	0,8	15.662	0,3
	3- Cafeicola Dembos-Uíge	40.680	3,1	331.535	7,2	375.678	7,1
	4- Subplanalto do Congo	21.560	1,7	58.483	1,3	30.838	0,6
	5- Planalto do Congo	35.200	2,7	295.873	6,4	288.267	5,4
	6- Cuango	18.480	1,4	64.541	1,4	62.411	1,2
	7/8 - Litoral de Luanda	25.560	2,0	99.689	2,2	150.520	2,8
	9 - Baixa de Cassange	34.230	2,6	110.596	2,4	136.697	2,6
	13/14 - Planalto de Malange	25.280	1,9	250.174	5,4	307.744	5,8
	15 - Litoral a Sul do Cuanza	23.080	1,8	66.429	1,4	78.279	1,5
	16 - Libolo-Amboim	11.720	0,9	161.045	3,5	182.464	3,4
	17 - Transição do Centro-Noroeste	28.480	2,2	122.613	2,7	138.920	2,6
	18 - Alto Cuanza	106.200	8,2	126.002	2,7	169.537	3,2
	25 - Ganguelas	38.440	3,0	100.892	2,2	120.260	2,3
	REGIÃO I A	425.970	32,8	1.885.380	40,9	2.138.130	40,3
I B	24 - Planalto Central	79.040	6,1	1.324.342	28,8	1.727.037	32,5
	REGIÃO I B	79.040	6,1	1.324.342	28,8	1.727.037	32,5
I (I A + I B)	REGIÃO I	505.010	38,9	3.209.722	69,7	3.865.167	72,8
II	10 - Nordeste da Lunda	57.640	4,4	86.883	1,9	106.258	2,0
	11- Lunda	122.540	9,4	174.040	3,8	213.028	4,0
	19- Influência do CFB-Leste	39.720	3,1	148.827	3,2	130.668	2,5
	20- Anharas do Moxico	32.240	2,5	Sem informação. Muito pouco povoada			
	21- Alto Zambeze	25.670	2,0	43.897	1,0	35.118	0,7
	26/28- Bundas e Luchazes	110.700	8,5	80.879	1,8	64.703	1,2
	32- Cuando-Cubango	133.000	10,3	65.505	1,4	62.802	1,2
	REGIÃO II	521.510	40,2	600.031	13,0	612.577	11,5
III	22/29 - Litoral-Sul	79.760	6,1	176.519	3,8	182.096	3,4
	23 - Transição do Centro-Oeste	13.400	1,0	185.869	4,0	180.850	3,4
	27 - Quilengues	8.480	0,7	59.385	1,3	65.215	1,2
	30 - Terras Altas da Huíla	8.000	0,6	88.000	1,9	95.480	1,8
	31 - Transição do Centro-Sul	38.960	3,0	105.830	2,3	114.825	2,2
	33 - Gambos	14.240	1,1	24.395	0,5	26.468	0,5
	34 - Baixo Cunene	17.560	1,4	29.229	0,6	31.713	0,6
	35 - Cuanhama	50.034	3,9	104.179	2,3	113.034	2,1
	36- Baixo Cubango	40.000	3,1	22.750	0,5	22.545	0,4
	REGIÃO III	270.434	20,9	796.156	17,3	832.226	15,7
TOTAL		1.296.954	100,0	4.605.909	100,0	5.309.970	100,0

Fontes: Diniz, 1973; *Anuário Estatístico*, 1970; 3º Recenseamento Geral da População, 1960.

Anexo 20 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Trabalho fora da exploração

Região	Zona Agrícola	Ocupação dos empresários - Trabalho fora da exploração							
		Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola - Agricultura tradicional (ano agrícola: 1970-71)			Recenseamentos Agrícolas de Angola - Agricultura tradicional				
		Total de empresários	Trabalho fora da exploração		Total de empresários	Empresários ausentes por longos períodos		Trabalho fora da exploração	
		(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(Nº)	(%)	(Nº)	(%)
I A	1 - Cabinda	14.477	12.247	3,2	12.395	1.837	3,3	6.729	2,7
	2- Litoral Norte	3.000	2.100	0,5					
	3- Cafeicola Dembos-Uíge	61.276	12.661	3,3					
	4- Subplanalto do Congo	7.552	3.776	1,0					
	5- Planalto do Congo	15.703	3.141	0,8					
	6- Cuango	28.969	10.139	2,6					
	7/8 - Litoral de Luanda	13.131	3.698	1,0	17.649	835	1,5	9.413	3,7
	9 - Baixa de Cassange	26.943	2.315	0,6	37.317	621	1,1	2.663	1,1
	13/14 - Planalto de Malange	74.038	15.497	4,0	47.755	1.306	2,4	14.755	5,8
	15 - Litoral a Sul do Cuanza	8.519	2.804	0,7	7.776	2.657	4,8	4.308	1,7
	16 - Libolo-Amboim	37.629	18.103	4,7	33.359	1.694	3,1	18.729	7,4
	17 - Transição do Centro-Noroeste	41.926	14.957	3,9	34.115	1.228	2,2	16.120	6,4
	18 - Alto Cuanza	54.440	18.076	4,7	40.963	3.810	6,9	8.007	3,2
	25 - Ganguelas	35.742	14.149	3,7	28.366	3.777	6,9	11.843	4,7
	REGIÃO I A	423.345	133.663	34,7	259.695	17.765	32,4	92.567	36,7
I B	24 - Planalto Central	358.810	151.853	39,4	305.575	25.526	46,5	113.946	45,1
	REGIÃO I B	358.810	151.853	39,4	305.575	25.526	46,5	113.946	45,1
I (I A + I B)	REGIÃO I	782.155	285.516	74,1	565.270	43.291	78,9	206.513	81,8
II	10 - Nordeste da Lunda	22.232	11.561	3,0	22.232	991	1,8	9.304	3,7
	11- Lunda	36.234	12.682	3,3					
	19- Influência do CFB-Leste	15.215	6.086	1,6					
	20- Anharas do Moxico	17.977	5.393	1,4					
	21- Alto Zambeze	13.161	2.632	0,7					
	26/28- Bundas e Luchazes	22.026	4.405	1,1					
	32- Cuando-Cubango	9.224	1.845	0,5					
	REGIÃO II	136.069	44.604	11,6	0	0	0,0	0	0,0
III	22/29 - Litoral-Sul	4.236	1.127	0,3	5.567	266	0,5	1.893	0,7
	23 - Transição do Centro-Oeste	53.538	29.556	7,7	26.680	960	1,7	19.222	7,6
	27 - Quilengues	14.917	3.181	0,8	8.174	2.065	3,8	4.585	1,8
	30 - Terras Altas da Huila	13.937	4.341	1,1	15.681	6.149	11,2	6.699	2,7
	31 - Transição do Centro-Sul	27.614	6.135	1,6	27.614	1.019	1,9	5.808	2,3
	33 - Gambos	9.829	3.329	0,9	6.793	539	1,0	898	0,4
	34 - Baixo Cunene	4.056	2.053	0,5	5.292	26	0,0	799	0,3
	35 - Cuanhama	13.409	3.569	0,9	13.409	546	1,0	6.078	2,4
	36- Baixo Cubango	7.470	2.084	0,5					
	REGIÃO III	149.006	55.375	14,4	109.210	11.570	21,1	45.982	18,2
TOTAL		1.067.230	385.495	100,0	674.480	54.861	100,0	252.495	100,0

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972; Recenseamentos Agrícolas de Angola, 19 volumes.

Anexo 21 – Angola. Agricultura tradicional. Grandes Regiões. Síntese

Indicadores			Grandes Regiões					TOTAL
			REGIÃO I A	REGIÃO I B	REGIÃO I	REGIÃO II	REGIÃO III	
Área da zona		(Km²)	425.970	79.040	505.010	521.510	270.434	1.296.954
		(%)	32,8	6,1	38,9	40,2	20,9	100,0
Explorações	Total de explorações	(Nº)	423.345	358.810	782.155	136.069	149.006	1.067.230
		(%)	39,7	33,6	73,3	12,7	14,0	100,0
	Superfície total das explorações	(ha)	1.064.510	2.016.510	3.081.020	229.020	869.560	4.179.600
		(%)	25,5	48,2	73,7	5,5	20,8	100,0
População	População total em 1960	(hab.)	1.885.380	1.324.342	3.209.722	600.031	796.156	4.605.909
		(%)	40,9	28,8	69,7	13,0	17,3	100,0
	População total em 1970 (estimativa)	(hab.)	2.138.130	1.727.037	3.865.167	612.577	832.226	5.309.970
		(%)	40,3	32,5	72,8	11,5	15,7	100,0
Produção	Valor da produção (12 culturas)	(esc.)	1.298.249.000	736.428.000	2.034.677.000	237.206.000	264.484.000	2.536.367.000
		(%)	51,2	29,0	80,2	9,4	10,4	100,0
	Criação de gado bovino (venda líquida + abate)	(esc.)	2.708.333	3.125.806	5.834.140	0	108.278.726	114.112.866
		(%)	2,4	2,7	5,1	0,0	94,9	100,0
	Total (valor da produção + venda líquida + abate)	(esc.)	1.300.957.333	739.553.806	2.040.511.140	237.206.000	372.762.726	2.650.479.866
		(%)	49,1	27,9	77,0	8,9	14,1	100,0
Excedente	Excedente da produção (12 culturas)	(esc.)	800.617.618	304.461.704	1.105.079.322	83.439.821	75.586.014	1.264.105.157
		(%)	63,3	24,1	87,4	6,6	6,0	100,0
	Criação de gado bovino (venda líquida)	(esc.)	1.901.667	-1.470.968	430.699	0	90.027.547	90.458.246
		(%)	2,1	-1,6	0,5	0,0	99,5	100,0
	Total (excedente da produção + venda líquida de gado bovino)	(esc.)	802.519.285	302.990.736	1.105.510.021	83.439.821	165.613.561	1.354.563.403
		(%)	59,2	22,4	81,6	6,2	12,2	100,0
Auto-aprovisionamento	Auto-aprovisionamento da produção (12 culturas)	(esc.)	497.631.382	431.966.296	929.597.678	153.766.179	188.897.986	1.272.261.843
		(%)	39,1	34,0	73,1	12,1	14,8	100,0
	Criação de gado bovino (abate)	(esc.)	806.667	4.596.774	5.403.441	0	18.251.179	23.654.620
		(%)	3,4	19,4	22,8	0,0	77,2	100,0
	Total (auto-aprovisionamento da produção + abate)	(esc.)	498.438.049	436.563.070	935.001.119	153.766.179	207.149.165	1.295.916.463
		(%)	38,5	33,7	72,1	11,9	16,0	100,0

Fonte: Estatísticas Agrícolas Correntes de Angola, 1972; Diniz, 1973; Anuário Estatístico, 1970; 3º Recenseamento Geral da População, 1960.